

# A Condição do Homem em Ruy Cinatti\*

## Introdução

A vida e obra de Ruy Cinatti (1915–1986), silvicultor e antropólogo de profissão, católico assumido e poeta, foram objecto de análise em dissertação que apresentei à Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana, em Roma, em Dezembro de 1993. O recurso a poemas, cartas e diários inéditos permitiu lançar luz nova sobre a sua obra poética e revelou como a dimensão religiosa que caracteriza a sua obra não se reduzia a um vago sentimento de piedade mas se apoiava numa opção de Fé, numa ampla cultura teológica e numa reflexão conduzida com persistência por entre repetidas tempestades psicológicas e profissionais.

No decurso da investigação tornou-se evidente que o interesse do estudo residia antes de mais na possibilidade, rara entre nós, de retratar o percurso espiritual dum católico poeta frente aos desafios da modernidade. A informação recolhida testemunhava o dinamismo criativo duma consciência que em cada momento se esforçou por gerar uma síntese fecunda entre a Fé a vida.

Na redacção do estudo, segui uma linha cronológico e o método histórico e genético. Pareceu-me que melhor respeitava desse modo os dados cujo nexó inicialmente me iludia. E em termos de descoberta a opção revelou-se de facto acertada. Foi uma porta aberta para horizontes totalmente inesperados. Gradualmente, houve novos sentidos que emergiram até que, por fim, era a densidade duma vida humana que se revelava no entrecruzar de estética e teologia, poética e religião. Não um pensamento sistematizado, mas uma história pessoal animada da esperança cristã que “se destina a

---

\* O presente trabalho é uma parte significativa da tese de doutoramento apresentada pelo autor na Universidade Gregoriana (Roma) a 10.12.93 e publicada como “Pars Dissertationis” em separata. Em virtude do atraso em que se encontra a revista *Didaskalia* incluímos este texto no n.º2 do volume XXII, impresso no verão de 1994.

abrir aquilo que o sistema pretende fechar”<sup>1</sup>. A cada passo fui sendo obrigado a reconhecer que se levanta ao nível da reflexão teológica a mesma *interrogação de fundo* que Paul Ricoeur colocou em tempos à Filosofia: “Como se articulam o desejo, o espírito, Deus?” Não é possível acompanhar o crescimento e a expressão vital da Fé em indivíduos ou comunidades sem nos defrontarmos com a necessidade de recorrer a uma reflexão dialéctica “que assuma a diversidade de planos da experiência e da realidade numa unidade sistemática.”<sup>2</sup>

As páginas que a seguir se publicam representam os segundos e terceiros capítulos da dissertação. A fim de os enquadrar no conjunto da vida e obra do poeta, apresento antes um resumo dos demais.

## I. “Assim nasci poeta”

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes nasceu em Londres em 1915, neto do então Cônsul Geral português, Demétrio Cinatti. A mãe, Hermínia Celeste, morreu dois anos mais tarde, deixando ao filho as tênuas recordações, duma beleza e tranquilidade obsidianas, que este recolheu nas páginas introdutórias do seu primeiro livro de poesia, *Nós não somos deste mundo* (1941). O pai, António Vaz Monteiro Gomes, partiu entretanto para os Estados Unidos e por lá se deixou ficar cerca de oito anos, enquanto o filho permaneceu em Lisboa, entregue aos cuidados do avô materno.

Demétrio Cinatti era de origem toscana. Em casa, porém, mantinha um “ambiente oriental”, como lembrou um dia o neto ao tentar identificar as origens da sua atracção pelo Oriente. Servira com distinção na Armada Portuguesa em Macau e casara com Maria de Jesus Homem de Carvalho, de ascendência chinesa — a quem o poeta atribuía com orgulho os traços orientais da sua fisionomia.

Demétrio morreu quando o neto tinha quase sete anos. Entregue agora aos cuidados dos avós paternos, o pequeno Ruy foi colocado como aluno interno nos Pupilos do Exército. As férias, passava-as na quinta dos Monteiro Gomes, no Ribatejo, onde se imaginava explorador de países tropicais.

---

<sup>1</sup> “La paternité: du fantasme au symbole” : *Le conflit des interprétations*, Paris 1969, 486 (trad. minha).

<sup>2</sup> *Ibid.*

Em 1925, António Monteiro Gomes regressou. Casado em segundas núpcias, trazia consigo a esposa e a filha, Amélia, meia-irmã de Cinatti. Foi o início dum período de grandes tensões entre pai e filho que haviam de explodir de forma violenta no termo do curso liceal. Concluídos os estudos secundários, Cinatti quis estudar Agronomia mas o pai pretendia que ingressasse na Marinha. Nem um nem outro se deixou demover e, em Setembro de 1934, António Monteiro Gomes colocou ao filho um ultimato: se não acatasse a sua vontade teria de abandonar a casa paterna. Cinatti inscreveu-se em Agronomia e voltou a residir com a avó.

No fim do seu primeiro ano de universidade, participou no I Cruzeiro de Férias às Colónias Portuguesas da África Ocidental. A “beleza intensa destas novas paisagens” encheu-o de entusiasmo e resolveu que de futuro havia de dedicar-se profissionalmente a algum dos territórios ultramarinos.

Visitou nessa viagem as ilhas de S. Tomé e Príncipe, e viu nelas tudo o que sonhara serem as Ilhas do Mar do Sul. A experiência esteve na origem duma pequena obra-prima, o “Conto do Ossobó” (1936). Mais tarde fixaria num dos seus poemas mais citados a impressão indelével que lhe ficou de ver erguer-se ao longe a ilha do Príncipe: “Suave, doce, lânguida ilha / Aberta como flor na distância do mar”<sup>3</sup>.

Nos anos que se seguiram envolveu-o uma saudade profunda pela mãe, ao mesmo tempo que se insurgia contra as ondas de violência que se abatiam sobre o mundo. Foi a época em que despertou para a poesia. Por fim, a Guerra Civil em Espanha, a II Guerra Mundial e a polarização ideológica crescente nos meios intelectuais portugueses levaram-no a esboçar formas de protesto que culminaram no lançamento, com Tomás Kim e José Blanc de Portugal, da primeira série dos *Cadernos de Poesia* (1940).

Os dois capítulos seguintes — II. “Católico Poeta” e III. “As Praias de Deus” —, adiante publicados, analisam a visão da Fé que então o animava.

#### IV. “Abri caminhos mas não os cumpri”

O quarto capítulo investiga detalhadamente as primeiras estadias de Cinatti em Timor (1946–1947 e 1951–1955). Um período mal conhecido do grande público.

---

<sup>3</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 49.

Não foram tempos fáceis. A paixão que a ilha e os seus habitantes despertaram surgiu acompanhada duma enorme frustração. Era incapaz, com os meios de que dispunha, de fazer frente aos atentados contra a Natureza e às injustiças perpetradas por alguns responsáveis contra a população indígena.

É verdade que anotou critérios ainda hoje válidos para um desenvolvimento sustentável do território. Chamou desde logo a atenção para a necessidade de centrá-lo na pessoa humana, de respeitar os recursos naturais e de devolver à população timorense a responsabilidade pelo seu próprio destino. Era uma visão excessivamente rasgada para a época e para o regime, e pouco ou nada conseguiu realizar. Foi-lhe por isso particularmente doloroso assistir à destruição do ecossistema e ao desprezo pela cultura timorense delicado equilíbrio do homem com a Natureza que o tempo e a sabedoria haviam decantado.

#### MORTE EM TIMOR <sup>4</sup>

Sobre Timor um fogo fino paira,  
alastra, crepita quando da terra se aproxima  
e crescente, envolvente, cerca os montes  
e coroa se afirma.

Meus olhos sentem a beleza rubra  
ululante de cães pela noite fora,  
a paciência da floresta destruída  
catana na raiz e depois cinza.

Minha incompreensão em vão procura  
ressuscitar as crenças vãs de outrora,  
os bosques sagrados onde o frio habita  
no temor que as mãos prende e petrifica.

Minha imaginação em vão procura  
deter com astros e outras mãos a sina  
insidiosa qual a morte de homem  
ancorado na árvore que sobre a terra se persigna.

E vejo um monte de palha  
ardendo do cimo ao mar que ondula e se derrama nas praias  
e contra o denso fumo que circunda,  
avanço, resoluto, archote em vida,  
proclamando a verdade do cântico,  
a dança terreal que me fascina.

*Em Dezembro de 1955 partia, desiludido, de Timor.*

---

<sup>4</sup> *Uma sequência timorense* (1970).

## V. “Deitando contas à vida”

De regresso à Metrópole, o seu relato circunstanciado das irregularidades praticadas em Timor permitiu que os superiores pusessem termo a um número considerável de injustiças. Entretanto, não abandonou por completo a ideia de voltar àquele território, mas, aos, quarenta anos sentia necessidade de rever opções, deitando contas à vida.

O seu terceiro livro de poesia, *O livro do nómada meu amigo* (1958), dá testemunho dessa meditação. Encontramos nos poemas o encanto dos mares e das praias tropicais. Mas, numa leitura atenta, apercebemo-nos que o quadro idílico é atravessado pelas angústias do poeta: a sua dedicação aos timorenses; a tristeza ao ver valores característicos da presença portuguesa noutros tempos desbaratados pelos erros crassos duma administração local; e como se isso não bastasse, as perturbações remotas de carácter afectivo que a todo o momento o atingia. É um período de escuridão em que os grandes símbolos da Fé Cristã se erguem como referência para o guiar. Como, por exemplo, na sequência “*Sunt lacrimae rerum...*”, que culmina:

Lágrimas são a chuva que nos molha  
A vida inteira.  
As alegrias são  
As ilusões que fenecem  
A vida inteira.  
Dou de costas à luz. Calmo contemplo  
Os horizontes perdidos.  
O mar tem fundos nus de areia fina.  
Cristo morreu na cruz.

São versos que parecem traduzir a resolução de entregar a vida por Timor.

## VI. “Estoírar por uma causa em que acredito”

A exploração dos recursos de Timor sem uma perspectiva de conjunto e de longo prazo viria, na opinião de Cinatti, não só a provocar danos irreparáveis no ecossistema como destruir a cultura local, deixando as populações sem recursos e sem defesas perante

voragem da modernidade. Contudo, já não lhe interessava intervir no território ao nível exclusivamente agrícola. A experiência ensinara-lhe que o ponto nevrálgico do desenvolvimento era a cultura.

Optou, por isso, por uma nova estratégia pessoal. Pediu a integração como investigador na Junta de Investigações do Ultramar e, uma vez aceite, candidatou-se a um curso de Antropologia Cultural na Universidade de Oxford. Obteve um diploma ao fim do primeiro ano, e, quando retomou os estudos no ano seguinte, atendendo ao trabalho desenvolvido, a Universidade propôs-lhe que se candidatasse de imediato ao doutoramento. Iniciou então uma tese ambiciosa intitulada, nessa altura,: “A ecologia, história e cultura material do Timor Português, com especial referência ao habitat das populações nativas”.

A última descrição pormenorizada que temos da evolução dos seus estudos data de 1961. Nela Cinatti refere-se a uma inflexão na abordagem da problemática escolhida. Do ponto de vista antropológico, qualquer desenvolvimento integrado, mormente em Timor, deveria radicar, na sua opinião, numa correcta percepção da dimensão religiosa da cultura local. Influenciava-o, na época, a visão de Teilhard de Chardin duma humanidade que sobe e converge para a sua plenitude em Cristo. Era o critério teológico que presidia agora aos seus estudos. Afastava-se assim cada vez mais do nacionalismo do regime português que noutros tempos o entusiasmara, e passava a encarar o desenvolvimento de Timor como parte integrante da evolução da humanidade no seu conjunto. Pouco depois, o Concílio Vaticano II viria confirmar os valores da justiça, do respeito pela dignidade humana e da solidariedade por que sempre lutara e reforçar as suas novas convicções. Por contraste, parecia-lhe que o isolamento crescente de Portugal representava uma dessintonia com os dinamismos profundos da humanidade.

Embora não tenha chegado a concluir a tese, visitou três vezes ainda o território de Timor (1958, 1961–1962 e 1966), e na segunda dessas estadias firmou pactos de sangue com dois *liurais*.

Apoiado no prestígio do seu currículo, procurava, entretanto, influenciar a política ultramarina do Governo Português e assumia-se como advogado dos timorenses nos corredores do poder em Lisboa. Todavia as guerras em Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa tornavam as autoridades pouco permeáveis aos seus avisos e por certo lhes pareceu irrelevante o choque cultural vivido na minúscula e paupérrima província do Extremo Oriente. Provavelmente por isso, a insistência de Cinatti tornou incómoda a sua voz e, pouco a pouco,

foi sendo marginalizado na vida profissional, as suas propostas qualificadas de irrealistas e as suas críticas rejeitadas como delírios de poeta.

A erosão sistemática da sua capacidade de intervenção teve custos pessoais. Em fins de 1966 Cinatti sofreu uma profunda crise psicológica. Um confronto providencial com o diabo, que narra em *Manhã imensa* (1984), precipitou uma experiência de conversão espiritual. Não é fácil delinear os contornos exactos do conflito interior que o assolou, mas dele emergiu com um novo entendimento da sua condição humana e da Fé. A solidariedade e o amor que se esforçara por viver residiam, afinal, não no *fazer* mas no *ser*. Não eram um dever imposto, a sublinhar fragilidades morais e a incapacidade de corresponder aos ideais que se propunha. Eram, pelo contrário, a expressão mais simples e profunda daquilo que ele não podia deixar de ser. Essa intuição luminosa ergueu-se então como apelo a aceitar-se nas suas contradições; a abrir mão de si mesmo e a confiar na voz que lhe dizia: “Eu sou o cordeiro! / Eu sou o Amor!”<sup>5</sup>. Foi uma experiência libertadora de “reintegração na Graça, mantida a condição humana.”

## VII. “O nómada em escala de partida”

O último capítulo da dissertação é um roteiro dos anos finais da vida do poeta. A experiência ocorrida em fins de 1966 marcou uma viragem profunda na sua actuação. Pela primeira vez assumiu a centralidade da sua vocação de poeta, e em quatro anos organizou treze livros de poesia — nem todos publicados. São várias as linhas em que evolui a sua obra. Há livros que reflectem a sua peregrinação interior, a luta que empreendeu para se aceitar a si mesmo. Outros inauguram um diálogo com os povos e culturas das províncias ultramarinas. Um terceiro grupo interpela, frontal e ironicamente, o estilo de vida e as circunstâncias políticas da sociedade portuguesa na Metrópole. Destacam-se as obras que dão a conhecer a um público alargado a grandeza e as misérias, a beleza natural e os sofrimentos vividos no território longínquo de Timor.

---

<sup>5</sup> *Manhã imensa* (1984) : *Obra poética*, 679.

Em 1974, entusiasmou-o a Revolução de Abril, mas em breve percebeu-lhe as contradições. Nesse mesmo ano, anteviu o perigo duma invasão de Timor pela Indonésia e lançou publicamente o seu aviso contra as tentações de aventureirismo político por parte dos movimentos timorenses. “Se os Timorenses quiserem ser independentes, / Construam-se!”, recomendou-lhes. Era necessário, na sua opinião, investir primeiro no desenvolvimento económico e cultural do território. Só depois poderia pensar-se numa independência política viável.

A invasão de Timor em Dezembro de 1975, embora prevista, deixou-o profundamente abalado. Pareceu ter perdido a razão. E foram de novo a poesia e as convicções religiosas que o conduziram na escuridão. Escrevia continuamente. Policopiava os versos e distribuía-os por onde passava, com sentido missionário e como gesto de intervenção. De cruz bem em evidência ao peito, percorria as ruas de Lisboa e os bares do Cais do Sodré, desafiando os que encontrava a um momento de oração. Diversas vezes foi espancado, e roubaram-lhe bens de valor. Mas contam-se também histórias de como nos locais mais inesperados o acolheram com respeito e carinho. Por fim, recuperou. E nos últimos cinco anos de vida (+1986) teve a satisfação de ver a sua obra apreciada por uma nova geração de críticos e poetas, e viveu em paz consigo mesmo como raras vezes até então.

---

N. B. A ortografia dos textos inéditos em português foi uniformizada conforme o Acordo actualmente em vigor.



## “Católico Poeta”<sup>1</sup>

*Sou católico militante. Sou um homem de comunhão.  
Sou muito heterodoxo. Sou um católico poeta.  
Não sou um poeta católico.*

Ruy CINATTI, “Conversa inacabada [III]” (1985).

A crítica é unânime em reconhecer como característica da poesia de Cinatti o seu sentido religioso. “Ela nasce da consciência e das aspirações dum católico poeta”, escreve Pierre Hourcade, em 1941; e insiste:

Vale a pena sublinhar o facto pois que a geração anterior, embora se preocupasse profundamente com as questões de ordem espiritual, parece que se situou em geral numa atitude de ruptura com toda a forma de ortodoxia, particularmente no domínio doutrinal.<sup>2</sup>

As observações de Hourcade referem-se a *Nós não somos deste mundo* (1941), a primeira incursão significativa de Cinatti no campo

---

<sup>1</sup> “Conversa inacabada [III]” (1985), 47.

<sup>2</sup> “Em todo o caso, é um facto que este fervor religioso matiza dum pudor e duma esperança verdadeiramente novos as suas evocações mais pessoais ou as suas nostalgias mais pessimistas. A sua aspiração tem um alcance mais alto, quer se trate do mundo da infância ou do domínio da graça, mas não é acompanhado por um repúdio do mundo presente nem duma revolta blasfema contra as suas exigências e as suas injustiças. Tão sensível como qualquer dos seus antecessores, Cinatti não parece tão exaltado nem tão exacerbado como os mais notáveis de entre eles, antes notar-se-á nele uma certa tendência para a aceitação das realidades, mesmo as mais dolorosas para a sua delicadeza ou as que se encontram mais em contradição com as suas exigências” — Pierre HOURCADE, “Chronique Bibliographique Portugaise”: *Bulletin des Études Portugaises et de l’Institut Français au Portugal*, Nouvelle Série 7/2 (1941) 121 (trad. minha).

da poesia. Curiosamente a data fixou-se na memória do poeta por associação com o ciclone que em 15 de Fevereiro de 1941 assolou Lisboa — a tempestade pareceu-lhe reflectir-se numa súbita alteração emocional.

Grande surto poético quando do ciclone em Lisboa, árvores caídas na Tapada de Ajuda, ondas do Tejo varrendo os cais desertos. A pieguice tão execrada na menoridade invadiu-me; chorava por tudo e por nada: com mágoa; com alegria. Em [1941], o primeiro livro.<sup>3</sup>

O *Diário* é mais lacónico. Nada refere da tempestade e do “surto poético”. E quanto à publicação do primeiro livro, Cinatti limita-se a anotar a 16 de Abril:

O meu livro saiu há 15 dias. Chama-se *Nós não somos deste mundo*. É um livro de poesia com uma introdução em prosa chamada “O retrato de minha mãe”, melhor, é o “Retrato de minha mãe” corrigido e aumentado. O livro saiu e eu senti-me vazio e triste com uma grande vontade de me recolher, de viver em silêncio, ao mesmo tempo que necessitava de um ambiente carinhoso com o qual eu contactasse como por um acto de respiração. Todos os meus amigos e conhecidos literatos foram muito simpáticos para comigo, mas manifestaram-se talvez mais em público, com os costumados parabéns e palmadas nas costas. Isto, a minha tristeza e embaraço, [...] <sup>4</sup>

As reacções da crítica foram, em geral, simpáticas para o autor mas dividiram-se quanto ao valor da sua poesia.

Casais Monteiro, por exemplo, encontrou no livro “bastantes poemas, ou inteiramente belos, [...] ou fragmentariamente”; mas considerou que “sempre que quer ser uma meditação, a sua poesia resvala num pântano discursivo, arqueja e morre”<sup>5</sup>. Para Gaspar Simões, “Cinatti emprega palavras e expressões que *matam* a poesia”,

<sup>3</sup> “Para começar detestava poesia...” (inédito). No original, a data da publicação do “primeiro livro” indicada por Cinatti é 1940. Trata-se dum lapso que repete em algumas entrevistas. Quanto às referências ao ciclone nos poemas de Cinatti, veja-se por exemplo: “Ruge a tempestade. / Lá fora o mar violento / Salta pelo cais / — Pelo cais deserto e as gotas de água / Vêm morrer na terra amolecida, / Entretanto, a menina pobre vai correndo / Embrulhada no casaco de seu pai. / Ela sorri — não teme o que é tremendo — / E com a mãozinha afaga os seus cabelos / Em desalinho / Pela face / E que a mãe tão bem penteara. / Ela sorri ao vento e corre pelo cais / — Pelo cais quase deserto — / Porque éramos só dois / A contemplar serenamente a tempestade. “— *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 38. Ver também os poemas longos no final do mesmo livro.

<sup>4</sup> 16 de Abril, *Diário de 1941*.

<sup>5</sup> “Ruy Cinatti” (1941) : *A poesia portuguesa contemporânea*, Lisboa 1977, 290.

mas apesar de tudo é “nos versos longos que [...] tem mais harmonia e ritmo” — e em jeito de consolação acrescenta:

Segundo um ponto de vista por mim defendido há anos, a poesia é a realização imediata de uma experiência emocional, enquanto que a prosa é a sua realização retrospectiva. É o que se dá com Cinatti. O seu espírito predispõe-no para realizar retrospectivamente as suas experiências emocionais e não para lhes dar realidade instantânea. [...] Vejo diante de Rui [!] Cinatti um largo futuro de escritor. Nas nossas letras a vida interior costuma ter fraca expressão. Rui Cinatti aparece-me fadado para dizer o que poucos portugueses têm dito. A prosa espera-o. É na prosa, quanto a mim, na prosa confessional e analítica, que se me afigura esperarem-no os mais viridentes loiros. <sup>6</sup>

As apreciações negativas e as dúvidas de alguns, explicam-se, segundo Jorge de Sena,

pela originalidade intrínseca da linguagem poética (ainda mais difícil de apreender há dez anos do que hoje [1951], pois que então não existia culturalmente em Portugal a poesia inglesa, na sensibilidade da qual se insere muito da atitude poética de Ruy Cinatti). <sup>7</sup>

Mas, independentemente do valor literário que se possa atribuir à obra, a evolução mais significativa que ela revela a quem acompanhou até aqui a publicação dos textos de Cinatti é não só a sua adopção dum estilo formalmente poético mas também, e sobretudo, as referências católicas observadas por Hourcade que pela primeira vez emergem de forma explícita daquilo que escreve.

Como a sua obra posterior virá a confirmar, estas alterações tinham origens mais fundas do que uma momentânea perturbação emocional. Deviam-se, antes de mais, a uma inflexão no entendimento da sua vocação de escritor. O contacto com a tradição poética do *Orpheu* e da *Presença*, referido no capítulo anterior, o conhecimento da obra de T. S. Eliot e a leitura dos estudos de Jacques Maritain sobre a poesia, foram-no abrindo para a possibilidade duma síntese entre o gosto pela escrita, o desejo de se transformar a si e ao mundo e a sede de Absoluto, motivações que há muito o vinham inquietando.

---

<sup>6</sup> Esta apreciação crítica foi encontrada no espólio de Cinatti num recorte duma revista mas sem indicação de origem. O texto é assinado por “G. S.” Deduzo pelo estilo que se trata de João Gaspar Simões.

<sup>7</sup> Jorge de SENA, “‘Poemas escolhidos’ de Ruy Cinatti” : *Estudos de Literatura Portuguesa*, II, Lisboa 1988, 114.

“A verdade é eterna e sempre viva”, afirmara a determinado momento nas “Cartas a um Vanguardista” (1939). Mas logo se lamentava de haver “maneiras de a proclamar tão mesquinhas e receosas, que plenamente justificam uma afirmação sincera e generosa, embora não livre de defeitos”<sup>8</sup>. Três anos mais tarde, a poesia aparece-lhe como um modo de perseguir até às raízes da própria consciência essa verdade viva e eterna, e de a proclamar a todos com insistência. Afirma-se e é reconhecido como “católico poeta”<sup>9</sup> e assume a poesia como a sua forma específica de exercer “apostolado”<sup>10</sup>.

Se dou muito valor à poesia — escreve pouco depois da publicação de *Nós não somos deste mundo* (1941) ao seu amigo jesuíta, o P. João Cabral — é que ela é para os poetas chamados de modernistas (o modernismo já tem bem uns cinquenta anos!) uma porta de salvação. Tem um carácter sacro, é a vida mais sobre elevada, mais íntima, mais religiosa de muita gente mesmo que não se exprima em poesia.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> “Cartas a um Vanguardista sobre a arte e a vocação literária [ — I ]” (1939), 4.

<sup>9</sup> A expressão, adoptada pelo próprio Cinatti, parece ter sido utilizada pela primeira vez a seu respeito por Pedro de Moura e Sá, “O poeta Cinatti”: *Rádio Nacional* (Lisboa, 4 Maio 1941). Quanto ao seu conteúdo: “É pois na perspectiva católica que a poesia de Ruy Cinatti atinge a plenitude do seu significado. [...] Ele encontra-se constantemente com os textos sagrados e a tradição católica, expressa nos Padres e Doutores, nos teólogos, nos místicos, nos poetas, no povo cristão. As notas predominantes ‘não ser do mundo’, ‘estar no mundo’, ‘não ser para o mundo’ recordam o nascimento para a vida da graça, a atmosfera de São João Evangelista. [...] E não será necessário insistir nas correspondências evangélicas dos ciclos vida-morte-ressurreição, dia-noite-alvorada, encontro-perda-reencontro.” — Carlos BRANCO, “A Poesia de Ruy Cinatti e o Mistério da Passagem”: *Situação Actual do Pensamento Filosófico Português e Outros Ensaios*, Lisboa 1960, 143-144. Ver também Jorge de SENA, *op.cit.*, 114 - 115.

<sup>10</sup> Assim, por exemplo, referindo-se provavelmente à sua vocação de escritor e de poeta, classifica de “assuntos *perigosos* aqueles que fazem do meu modo de actuar, do meu apostolado, uma coisa diferente, só possível por mim, como dizia o Padre Cabral” — 6 de Novembro, *Diário de 1941*. Quanto à forma e eficácia desse apostolado, Carlos BRANCO faz notar que a obra de Cinatti é bem diferente dum catecismo posto em verso. Em virtude desse facto: “A verdade é que, em muitos católicos confessionais, a poesia de Cinatti não encontrou eco, enquanto pessoas não-católicas não duvidaram de que ela lhes dizia alguma coisa. [...] no caso de Cinatti, as fórmulas catequísticas influem enquanto são vida a modelar a vida do artista, não como abstrações que houvesse a preocupação de pôr em verso. E a dificuldade de comunicação desta poesia vem menos do seu catolicismo do que da própria condição da experiência, quer religiosa, quer metafísica, quer poética, das relações com um além-mundo, uma zona misteriosa, a qual condição é a de poder ser ignorada e deturpada... pelo ser humano... Estamos aqui portanto num domínio em que a única possibilidade de comunicação é o apelo dirigido por uma pessoa a todos os seus irmãos, apelo que pode encontrar ou não eco, ser respondido ou rejeitado.” — *op. cit.*, 146-149.

<sup>11</sup> Carta ao P. João Cabral, 1942. O motivo imediato da carta terá sido a reacção do padre jesuíta à leitura do livro. Percebe-se que agradeceu a oferta que Cinatti lhe fez dum

## As origens do seu catolicismo

Baptizado em Londres um mês depois de nascer<sup>12</sup>, os seus primeiros contactos com a Fé Católica terão ocorrido duma forma natural, embora não particularmente intensa, no ambiente familiar<sup>13</sup>.

No *Diário de 1940*, Cinatti lamenta “nunca ter conhecido a felicidade de pertencer a uma família cristã e numerosa. [...] eu nunca tive irmãos... A minha Mãezinha morreu... E o resto... é melhor não lembrar”.<sup>14</sup>

---

exemplar, mas terá feito acompanhar esse agradecimento de alguns reparos quanto ao facto de ter optado pela poesia e quanto à forma de expressão religiosa de alguns poemas. Ao considerar que “o modernismo já tem bem cinquenta anos” Cinatti afasta-se da cronologia e classificação hoje habituais. Actualmente considera-se que, na poesia, o “modernismo” foi inaugurado em Portugal em 1915, com a revista *Orpheu*, vinte e seis anos antes da redacção desta carta. Por outro lado, no editorial da revista *Aventura*, publicado em 1942, Cinatti fala de “um modernismo que o é só por dele nos separar um curto espaço de vinte anos”. Várias hipóteses se colocam para a resolução desta discrepância: 1) o número avançado na carta é um erro de Cinatti, corrigido no editorial; 2) na carta a expressão “modernismo” é usada em sentido genérico, como resposta *ad hominem* a uma eventual acusação do P. João Cabral de se estar a deixar influenciar por “poetas modernistas” — hipótese a considerar sobretudo porque Cinatti apresenta José Régio (1901-1969) como exemplo dos “modernistas”; 3) a convenção que estabelece o início do “modernismo” em 1915 surge alguns anos depois da redacção desta carta e Cinatti poderá ter tido em mente outros limites; 4) há ainda que considerar a possibilidade de Cinatti se referir ao “modernismo” para lá do campo restrito da poesia portuguesa. Na segunda e terceira hipótese a carta referir-se-ia a poetas que hoje não incluiríamos entre os “modernistas”, como Cesário Verde (1855 – 1886), António Nobre (1867-1900), Camilo Pessanha (1867-1926) e Teixeira de Pascoas (1877-1952).

<sup>12</sup> No espólio encontra-se uma folha manuscrita com as seguintes indicações: “Certidão de baptismo de Ruy Gomes nascido em Londres em 202 — Gloucester Terrace a 8 de Março de 1915. Baptizado a 10 de Abril de 1915 na Igreja de St.<sup>a</sup> Maria des Angelis [St. Mary of the Angels]. Filho de António Vaz Monteiro Gomes e de Celeste Gomes”.

<sup>13</sup> Da mãe, Hermínia Celeste Cinatti, sabemos que se preocupou em receber os Sacramentos antes da intervenção cirúrgica que antecedeu a sua morte. Quanto ao pai, o facto de ter casado em segundas núpcias com Flora Stearn, divorciada, teria de qualquer modo dificultado na época uma prática religiosa regular. Mas tudo indica não ter sido crente: em carta que lhe escreve dois meses antes da morte, em 2 de Janeiro de 1958, Cinatti dirige-lhe um apelo insistente à Fé: “Não pense, portanto, no mal que diz ter feito, mas antes no bem que vai fazer. É isto que eu lhe peço, meu Pai; é isto que Deus lhe pede também. E creia, meu Pai, que a Fé lhe será dada quando, através dos seus Filhos, o seu coração se realizar na Caridade, sinónimo de Amor! *Sursum corda!*” — carta ao pai, 11 de Novembro de 1957. No que toca ao posicionamento religioso dos avós, com quem viveu parte significativa da sua infância e juventude, sabemos que eram baptizados, que casaram pela Igreja e que não lhe eram hostis.

<sup>14</sup> 13 de Março, *Diário de 1940*.

Mas trata-se duma reacção emocional que não corresponde inteiramente à realidade. Ele tem de facto uma irmã, Amélia, filha do segundo casamento do pai — se bem que na altura a relação entre os dois fosse difícil — e, apesar do que diz, a família é cristã — embora provavelmente de prática tradicional. As tensões e resistências que encontra noutras áreas, como a dos estudos e a do gosto pela literatura, não se reflectem de forma significativa no campo da Fé. A esse nível, a única atitude digna de registo nos seus escritos é a reacção de gozo inofensivo dos familiares quando participa pela primeira vez num retiro <sup>15</sup>.

Nos diários mais antigos, a Fé não surge de forma explícita. Quanto muito podemos identificá-la com uma sensibilidade religiosa difusa, presente na admiração que revela pela natureza e na devoção a S. Francisco <sup>16</sup>. À medida, porém, que nos aproximamos da década de '40, o sentido religioso e a Fé Católica tornam-se uma referência central, primeiro dos seus escritos mais íntimos; posteriormente, da sua obra publicada. E tudo indica que se manteve essa a sua atitude fundamental até à morte. Terá havido fases de maior fervor e prática sacramental, como houve outras de claro esmorecimento; mas não há indícios de rupturas significativas.

Em termos duma formação religiosa sistemática, é possível que nos Pupilos do Exército ou no Colégio Nun'Álvares tenha recebido alguma instrução <sup>17</sup>.

Mas ele próprio caracteriza o seu estado, em 1935, como de "ignorância católico-ecclesial". Se o faz, no entanto, é para justificar a curiosidade religiosa que o levava, durante o Cruzeiro às Colónias,

---

<sup>15</sup> "[...] fui com o Constantino confessar-me. Fui despedir-me da Avó tendo encontrado minha madrastra e Irmã que troçaram. Vim. Aqui estou. Glória a Deus." 21 Fevereiro, *Diário de 1936*. Note-se que na leitura mais evidente do pequeno poema que fala do impacto das origens sobre a sua condição de poeta, citado no capítulo anterior, aqueles a quem pede amor e água — ou seja, a família — são os mesmos que lhe oferecem tanto o vinagre para o saciar como a Cruz por guia.

<sup>16</sup> Estas duas características, naturalmente associadas entre si, são evidenciadas por Cinatti em "Metamorfoses duma gaivota" (1942). Parte do texto é apresentado como uma edição revista do diário da sua primeira estadia na Berlenga, em Agosto de 1933.

<sup>17</sup> Nada sabemos da sua preparação catequética, nem da data e local da sua Primeira Comunhão. No tempo em que Cinatti estaria em idade de as receber, a vida paroquial e o ensino da catequese encontravam-se ainda coarctados pela legislação da I República. De

a embrenhar-se na leitura da enciclopédia *Ecclesia* que pedira emprestada a Orlando Ribeiro <sup>18</sup>. Ao regressar a Lisboa, surgem as primeiras indicações de uma opção de Fé consciente <sup>19</sup>. As páginas do *Diário* testemunham o seu crescente envolvimento na vida da Igreja. Nesse segundo ano de Agronomia (1935-36) <sup>20</sup> torna-se membro activo das Conferências de São Vicente de Paulo e da recém-criada Juventude Universitária Católica (JUC) e participa no seu primeiro retiro. Respiçando no *Diário* do ano lectivo seguinte,

---

1928 a 1931, foi aluno interno do Colégio Nun'Álvares, no Lumiar. O número de 22 e Novembro de 1930 d'O *Condestabre* — jornal dos alunos do Colégio, de que na altura Cinatti é o director — publica uma fotografia dos alunos que receberam a Primeira Comunhão e foram crismados pelo Cardeal Patriarca de Lisboa. É um indício da atenção prestada pelo Colégio à formação religiosa, confirmado por um artigo no mesmo jornal, sobre critérios de educação, que sublinha a importância da formação moral e espiritual dos alunos. Ruy Cinatti não parece estar na fotografia referida, nem se encontra em números anteriores ou posteriores do jornal notícia de outra cerimónia semelhante. Uma frase em *Manhã imensa* (1984) é passível de interpretação no sentido de Cinatti nunca ter sido crismado: "Atitude dúbia de quem não viveu o mundo em todos os seus aspectos, sentindo-se, por esse motivo, incompleto. Caso pessoal do poeta. No plano sacramental testemunha a falta de confirmação do poeta" — *op. cit.*, 13: *Obra poética*, 654.

<sup>18</sup> "Foi em 1935, navegávamos a caminho de Angola a bordo do 'Moçambique' [...] Orlando Ribeiro era então católico e solteiro recém-convertido. Tinha uma enciclopédia *Ecclesia* que era uma maravilha para a minha ignorância católica-ecclesial" — *Itinerário angolano* (1972, inédito), 193.

<sup>19</sup> Tudo indica terem sido os amigos que lhe proporcionou o acesso a uma formação católica mais intensa. As cartas de Constantino Varella Cid, companheiro desde os bancos do Liceu, testemunham a persistência dos convites a participar em actividades de Igreja. Apontamentos do retiro da JUC em que tomou parte com alguns colegas, no Carnaval de 1936, indicam ter sido a primeira vez que participou numa actividade do género. Passagens posteriores, do mesmo *Diário de 1936*, dão conta dum contacto crescente com os sectores mais activos da Igreja. Passa a frequentar regularmente a Brotéria — casa dos Padres Jesuítas em Lisboa. Participa numa peregrinação a Fátima. A dado passo relata como no dia 10 de Março acompanhou Constantino Varella Cid a uma conferência, provavelmente organizada pelo ramo operário da Acção Católica: "Depois de na Rua do Arco do Carvalhão termos batido a duas portas encontrámos o nosso destino. Numa barbearia o P. Maurício falava com os operários, mas entraram cinco polícias que dissolveram o comício por não terem conhecimento da licença. Fomos até ao pé da esquadra e em dez minutos tudo se resolveu. Voltámos para casa e eu pensei na miséria que há em Lisboa e nos navios que se estão a construir."

<sup>20</sup> As anotações de Cinatti no seu *Diário* em Janeiro de 1936 dão-nos conta de que se considerava já membro activo das Conferências de S. Vicente de Paulo. A primeira referência à sua integração na JUC é o registo que faz do pagamento duma quota, em 1 de Fevereiro de 1936. O facto de, anos depois, recordar que conviveu com um colega na JUC

vemo-lo convidado a fazer uma palestra na JUC; pouco depois é nomeado bibliotecário desse Movimento <sup>21</sup>; no Carnaval, participa pela segunda vez num retiro — a princípio contrafeito; corresponde-se com padres que lhe inspiram admiração e procura entre eles um orientador espiritual; e, por fim, é encarregado da formação de militantes mais novos. A partir de 1939, a estadia anual na Berlenga com Constantino Varella Cid passa a incluir outros membros da JUC e a presença de um padre <sup>22</sup> — “espécie de campo de férias que o Constantino [Varella Cid] organizava com excepcional competência” <sup>23</sup>.

A participação activa em estruturas do laicado católico é acompanhada por uma evolução qualitativa no entendimento da Fé. Com o tempo, são evidentes a sua maior cultura religiosa e a crescente precisão teológica no que escreve <sup>24</sup>.

E quando no campo da cultura literária o encontramos envolvido no lançamento dos *Cadernos de Poesia*, no plano da Fé podemos dizer que atingiu um grau de amadurecimento superior.

Está na altura de estabelecer uma síntese entre dois pólos importantes da sua vida que até então se haviam desenvolvido autonomamente: o sentido da palavra e o sentimento religioso.

---

em 1935 — carta enviada a 22 de Maio de 1954 — não representa uma indicação segura no que diz respeito à data. São vários casos em que Cinatti se engana na datação precisa de acontecimentos distanciados no tempo.

<sup>21</sup> Cargo que poderá ter sido uma ocasião para se familiarizar com os autores católicos, clássicos e contemporâneos, que refere nos seus escritos.

<sup>22</sup> Em 1941, ano a que se refere o relato de António Seabra, esteve presente o jesuíta P. João Cabral, a quem Cinatti dirigira, pouco antes, a carta atrás referida. António SEABRA recorda-o como “uma pessoa encantadora: não sendo propriamente eloquente, tinha uma disponibilidade para ouvir e uma simpatia e uma convicção a falar que fazia com que todos com quem se cruzasse, se tornassem seus admiradores e amigos. Teve uma influência importantíssima na minha geração.” — *O Meu Tempo*, Lisboa 1989, 160.

<sup>23</sup> *Ibid.*, 158.

<sup>24</sup> São raras, nos seus textos, as citações directas das Escrituras. Mas quando surgem é com a naturalidade de quem as reflectiu e tentou penetrar o seu significado, nunca como recurso a uma autoridade exterior, em estilo apologético, nem como mote a glosar nos seus versos. Sophia de Mello Breyner recorda que Cinatti, neste período, lia e citava passagens das Escrituras de tal modo que delas ressaltavam em simultâneo a beleza literária e a força espiritual. Por outro lado, entre as referências a autores católicos nos seus escritos desta época, destacam-se pela frequência e evidente familiaridade alguns dos nomes mais significativos da renovação do pensamento católico contemporâneo, como J. H. Newman, G. K. Chesterton, Ch. Peguy e J. Maritain.



A determinado momento põe em causa o seu futuro como agrónomo, e chega a levantar a hipótese de vir a ser padre: “o sacerdócio”, anota, “é um caminho a seguir”. Mas logo acrescenta: “Duvido porém que este me sirva” <sup>25</sup>. Sobrepe-se com efeito, a sua vocação de poeta, e a síntese, estabelecê-la-á precisamente no entendimento da poesia.

A 15 de Março de 1940 Cinatti preparava-se para mais um “retiro espiritual” da JUC. O estudo acumulara-se e só poderia juntar-se aos colegas no segundo dia. Mas fazia questão em ir, apesar de tudo, porque, como explica no *Diário*: “só num ambiente de silêncio tanto externo como interno as grandes resoluções e reformas dão direito a uma ‘Palavra’ ” <sup>26</sup>.

A partir dos anos ’40, este desejo de um Sentido que se revele, não como algo de extrínseco a acrescentar à realidade mas a partir do interior da experiência vivida, como verdade incarnada, motivará tanto a sua atitude de Fé como a sua actividade literária. Não é por acaso que o apontamento do *Diário* atrás referido termina com o pedido do Centurião de Cafarnaum: “*Sed tantum dic Verbo*” (Mt 8, 8). De futuro, assumirá a frase como lema pessoal e mantê-lo-á até ao final dos seus dias <sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> “Umaz vezes penso” (inédito). A hipótese de ter uma vocação para o sacerdócio já lhe ocorrera anos antes, em 1936. Em Janeiro desse ano anota no *Diário*: “À noite fui a casa do Orlando [...]. Gostava que eu fosse padre! Realmente se eu tivesse essa vocação.” — 15 de Janeiro, *Diário de 1936*. Os apontamentos do seu primeiro retiro mostram que sentiu nessa altura quase como ameaça a possibilidade duma vocação sacerdotal: “Há certos momentos em que desvio a posição para ver o Padre e passa-me pelo coração um confrangimento que eu não sei explicar. Servir a Deus de todo o coração. Parece que quero fugir a um dos sentidos desta palavra. Ser sacerdote, não, não quero. Mas o que é isto que eu sinto?” — 22 de Fevereiro, *Diário de 1936*.

<sup>26</sup> 15 de Março, *Diário de 1940*. Note-se que esta passagem do diário antecede em mais de um ano a publicação do poema em que se lêem os versos seguintes: “Subitamente, / atravessados os montes do silêncio / [...] / surgiram as palavras encantadas / do único poema escrito.” *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 63. Quanto ao desejo dum “ambiente de silêncio tanto externo como interno”, Carlos Abecassis, amigo e contemporâneo na JUC, recorda a dificuldade que Cinatti tinha em manter silêncio nos retiros, dado o seu temperamento irrequieto.

<sup>27</sup> Encontramo-la no seu *ex libris* e na conclusão de certos artigos. No *Diário* a citação é feita de memória — “*Sed dic tantum Verbo*”. A colocação das palavras indica tratar-se duma retroversão do Português. O erro sugere ter sido mais tarde que adoptou a frase, uma vez que no *ex libris* ela é citada correctamente. As palavras do Centurião de Cafarnaum fazem

## Nacionalismo religioso e independência de espírito

Pouco depois de se ter tornado membro da Juventude Universitária Católica e das Conferências de São Vicente de Paulo, foi fundada a Mocidade Portuguesa. Tal como outros colegas, também Cinatti passou a integrar o novo organismo juvenil do regime. Fê-lo com naturalidade e convicção. Do avô Demétrio herdara sentimentos monárquicos e um olhar crítico sobre a experiência da I República<sup>28</sup> — perspectiva provavelmente reforçada pela sua formação em colégios de cariz militar.

O avô Vicente, apesar de

[...] democrata

republicano-histórico, dizia:

“Pois já que gostas tanto, ofereço-te e dedico

---

parte do ritual litúrgico romano, antecedendo o momento da Comunhão. Como tal, Cinatti tê-las-á repetido inúmeras vezes em Latim: “*Domine, non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbo et sanabitur anima mea*”. Note-se, porém, que o poeta grafava “verbo” com maiúscula, dando uma inflexão curiosa à frase: não é pedida a palavra de autoridade messiânica que cura, mas sim o “Verbo”. Ele mesmo, Aquele que era “no princípio”, o “Verbo” que “era Deus” (Jo 1,1). A associação de ideias era fácil. Nessa época o Prólogo do evangelho de S. João era lido como “Último Evangelho” da Missa, antes da despedida dos fiéis. Outro dado a ter em conta é que Ernest Psichari, neto de Renan que Cinatti “tomava como paradigma das minhas exigências salvadoras” — *Itinerário angolano* (1972, inédito), 179 —, descreve o caminho da sua conversão num livro intitulado *Le voyage du Centurion* (1915). Aí se lê: “Talvez nunca conheçamos a felicidade do centurião de Cafarnaum. Mas sabemos que não havemos de resistir e que o bom Deus entrará na nossa morada, quando lhe aprouver. Eis o elemento fundamental: não resistir à verdade, seja ela o que for; esperar, esperar com paciência...” cit. em Jacques MARITAIN, *Antimoderne* (1922, 1926) : *Oeuvres Complètes*, II, Paris 1987, 1124 (trad. minha). No final da vida, Cinatti recomenda a frase a Joaquim Manuel Magalhães que a seu modo a retoma como título do posfácio da antologia poética de Cinatti — “Senhor, eu não sou digno” : *Ruy Cinatti. Antologia Poética*, Presença, Lisboa 1986, 299.

<sup>28</sup> Apesar de ter servido a República durante alguns anos no Corpo Consular, Demétrio Cinatti mostrou-se agastado como modo como se governava o país — cfr. carta a Amy Christie, 21 de Agosto de 1915. Para além de ter enviado esta correspondência ao neto, Amy Christie recorda os sentimentos do avô em carta ao jovem Ruy: “*Your letter vividly recalls a picture of your grandfather, Cinatti, when very ill with some of the young men from Portugal standing by his bed, listening to his kind and wise words. He was very sad about his dear Country being terribly misgoverned and was so ashamed of it that he would not consent to be Minister. He said the Portuguese were good when Well Led but he saw no prospect of that then and looked to those young men to save their countrymen*” — carta de 3 de Dezembro de 1935.

o primeiro volume dos discursos de...  
(ele não escorria, auriculava as sílabas semitas)  
de Sal-a-zar.”

Depois desta lição de cortesia  
(pois!) fiquei para sempre antiquado.<sup>29</sup>

Entretanto, a participação em movimentos de Igreja como a JUC não colidiu com as suas simpatias políticas. Antes pelo contrário, Cinatti passou a integrar um ambiente marcado pela mesma tradição do *catolicismo social* que servira de “matriz ideológica original do salazarismo”<sup>30</sup>. A sintonia é perceptível no modo como mais tarde Cinatti encara o nacionalismo e corporativismo salazaristas, vendo neles a recuperação dos valores tradicionais da nação e a aplicação ao país das encíclicas sociais de Leão XIII e Pio XI. Mas está presente também no modo como aspira a uma “mentalidade nova” na vida pública, repudiando a forma como esta decorre, sem ética nem sentido espiritual: “mentalidade detestada [que] mais ou menos — salvo raras excepções — caracteriza uma geração”<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Borda d'alma (1970) : *Obra poética*, 231. Vicente Monteiro Gomes faleceu no Verão de 1934. A admiração que Cinatti testemunha por ele leva-me a admitir ter sido em parte o seu exemplo que incutiu no neto um forte sentido do diálogo e da tolerância como valores essenciais à vida cívica.

<sup>30</sup> Manuel Braga da CRUZ, “As origens da democracia cristã em Portugal e o salazarismo (I):” *Análise Social*, 14 (1978) 265. No que se refere ao Integralismo Lusitano, uma influência directa no pensamento de Cinatti é difícil de comprovar. Corrente ideológica de cariz católico, nacionalista, monárquico e antiparlamentarista o Integralismo afirmou-se em Portugal a partir de 1914 e influiu na formação do Estado Novo. De acordo com a descrição feita por A. H. Oliveira Marques, reconhecem-se como pontos de contacto com os ideais expressos por Cinatti, neste período, a vontade de ruptura com a geração anterior, as referências à doutrina social da Igreja e a simpatia pela tradição monárquica — *História de Portugal*, II, 250-253.291-292. Mas em 1941, na polémica em que Cinatti interveio com Alfredo Pimenta, revelam-se pontos de claro distanciamento, como sejam a recusa das doutrinas de Maurras e do romantismo da violência física, pregado pelos Integralistas como método de acção” — *op.cit.*, 292; ver adiante neste capítulo (p. 48) — a crítica de Cinatti à violência como arma política. Uma referência a António Sardinha (1888-1925) confirma, porém, uma convergência crítica: “Parece-nos que estaria muito mais connosco, e jamais com aqueles que o julgam continuar. Porque António Sardinha era acima de tudo um espírito filosófico. Purificado dos virtuosismos barrésianos [—] e, para esse fim, caminhava a passos largos como pouco a pouco nos apercebemos à medida que a sua obra se ia desenvolvendo — seria ele o *leader* desejado [da juventude]?” — “Também nós, os de Lisboa...” (1941).

<sup>31</sup> “Não voltaremos atrás” (1941), 4.

Em 1939, é colaborador assíduo d'*O Jornal da MP*, e a fusão de nacionalismo e Fé é particularmente clara num dos seus artigos. “Sinto-me possuído igualmente de magnífico entusiasmo”, comenta à partida do Presidente da República em visita oficial aos territórios africanos do Império português. “ ‘Ser Português e o meu amor a Deus’ [...] são uma e única verdade”<sup>32</sup>.

A visão unitária e exaltada aqui testemunhada leva-nos a colocar como hipótese estarmos perante algum dos “restos de um nietzschianismo sem Nietzsche, bebidos pela púcara de D. H. Lawrence, e por isso muito mais aliantes que o super-homem de tão triste fado”<sup>33</sup>, que Cinatti diz terem-no marcado nesta época. Outros traços em que se reconhece essa influência são a valoração do quotidiano<sup>34</sup> e o despertar de “vivências místicas”, “vivência quase carnal de uma entidade absoluta”—“refiro-me ao vitalismo animista e à sua acção participante no cosmos, consignado pelo grande escritor à presença omnímota do Espírito Santo”<sup>35</sup>. Quanto a um eventual impacto de Lawrence sobre nacionalismo religioso de Cinatti, poderíamos associá-lo ao conceito de “espírito do lugar”, espécie de “irradiação ontológica” associada pelo escritor inglês a determinadas zonas geográficas, condicionando os povos e as culturas que aí se geram. No caso português esse “espírito do lugar” seria a Fé Católica, elemento constitutivo da identidade nacional e da sua vocação universalista<sup>36</sup>.

Três anos depois recorda com saudade “esse tempo extraordinário, em que eu combatia por certos ideais”<sup>37</sup>. Agora já não se entrega do mesmo modo. “Ah! os vinte anos, como eles vão longe! E no entanto, devo dizer, por muito que me custe, que a generosidade sem discernimento é meia-verdade.”<sup>38</sup>

---

<sup>32</sup> “Partida” (1939), 2. No mesmo texto, referindo-se a “um rapaz da ‘MP’ [Mocidade Portuguesa]” que tudo indica ser ele próprio, fala da “certeza de ser Português, essa verdade tão querida, intrínseca à sua natureza e procurada fervorosamente desde a infância.”

<sup>33</sup> *Manhã imensa* (1984) : *Obra poética*, 673.

<sup>34</sup> Proposta nas “Cartas a um Vanguardista sobre a arte e vocação literárias — II” (1939) e reconhecida em *Manhã imensa* (1984) : *Obra poética*, 673.

<sup>35</sup> *Manhã imensa* (1984) : *Obra poética*, 673 (as referências seguintes são a esta mesma passagem).

<sup>36</sup> Era fácil transplantar este conceito de Lawrence para uma cultura como a portuguesa com a sua tradição do Império do Espírito Santo.

<sup>37</sup> 11 de Março, *Diário de 1940*.

<sup>38</sup> 2 de Maio, *Diário de 1940*.

Os acontecimentos e a reflexão levaram-no a entender melhor a distância entre o sonho e as possibilidades de o traduzir numa realidade multiforme. Se nos últimos cinco anos arrefeceu o entusiasmo com que perseguia certos ideais, tal não se deu “porque descreia da sua veracidade e eficácia mas porque a experiência ainda me não ensinara quão limitadas são as nossas possibilidades de trazer o sonho à vida”<sup>39</sup>. Uma das áreas em que é mais claramente visível esta evolução é a da relação entre Fé e vida pública. A visão simples e unitária dum nacionalismo banhado de sentimento religioso não resistia a uma formação cristã aprofundada. As exigências da Fé não se reduziam nem se podiam subordinar a determinadas aspirações políticas ou sociais, por mais nobres que fossem.

Há passagens dos seus escritos que atestam esta transformação numa forma palpável. Assim, por exemplo, no texto em que recolhe pela primeira vez as impressões do *Cruzeiro* de 1935, ao referir as missões que visitou em África, Cinatti dá expressão a um entusiasmo em que se confundem sentimentos patrióticos e religiosos:

Missões católicas de Angola. Missões de Huíla, de Munhino, de Caconda e tantas outras que eu não pude ver.

Catedrais, oficinas, escolas, construídas com materiais da região pelos negros, sob a direcção dos Missionários, e que para os negros são.

Como vós tendes correspondido, em todas as contingências, ao fim para que fostes destinadas! Como é grande o benefício resultante da vossa acção! Como vos estou reconhecido pela função que desempenhais no prestígio da minha Pátria! <sup>40</sup>

Mais tarde irá retomar momentos do *Cruzeiro* num conjunto de “Poemas da Viagem” que publica em *Nós não somos deste mundo* <sup>41</sup>, e num deles encontramos a releitura do contacto com a obra dos missionários<sup>42</sup>. Se confrontarmos o texto citado com esse poema,

---

<sup>39</sup> 11 de Março, *Diário de 1940*. Esta e outras afirmações de distanciamento crítico dos seus ideais de outrora, não devem, a meu ver, interpretar-se em termos de afirmação pessoal ou de revolta. Se o fosse, dificilmente se entenderia, por um lado, a saudade do entusiasmo antigo e, por outro, a admiração que manifesta por Salazar e a colaboração directa e leal que prestará sempre ao poder político.

<sup>40</sup> “O que eu vi em África” (1935), 420.

<sup>41</sup> Ele próprio afirma só ter começado a escrever poesia no final dos anos '30, pelo que a redacção destes poemas distancia-se no tempo do texto atrás citado — cfr. “Ouvindo Ruy Cinatti” (1960).

<sup>42</sup> Em *Itinerário Angolano* (1972, inédito), Cinatti diz-nos que o poema foi-lhe “inspirado em Caconda e tem por caboucos a Missão do Padre Laagel, predecessor do Padre Estermann nos estudos etnográficos de Angola, mais o que a imaginação e a minha crença

redigido à distância de alguns anos, é clara a evolução. Mantém-se a admiração pelos empreendimentos sociais:

A selva era fechada: ardeu a selva.  
A terra pantanosa: eles secaram-na.  
Os verdes esqueletos enterraram.  
E ao negro doente deram vida.<sup>43</sup>

Mas, ao contrário do texto de 1935, a leitura que agora faz do “fim para que [foram] destinadas” as missões é predominantemente teológica. O critério de avaliação já não é o “prestígio da [...] Pátria” mas a autenticidade da Incarnação. Onde antes as construções e a promoção cultural o enchiam de entusiasmo, percebe, como valor maior, que

no silêncio da selva se escondeu  
a voz de Deus nascido, ao relento.

É verdade que no texto de 1935 havia indícios dum sentido crítico quando, ao referir a entrega dos missionários “para civilizar o negro”, acrescenta: “quando digo civilizar não quero dizer europeizar”<sup>44</sup>. Mas em 1941 vai mais longe, e na apreciação do esforço desses religiosos distancia-se não só de qualquer nacionalismo ou atitude etnocêntrica, como até dos próprios índices de promoção económica e cultural. Avalia agora as missões pelo modo como, através delas, os olhos das populações “se ergueram mais à luz” e as tribos passaram “da antiga verdade à paz de Cristo” — enquanto esquecidos

no silêncio da selva apodreciam  
os ídolos de um misterioso amor antigo<sup>45</sup>.

---

sedimentaram. [...] Manuel da Fonseca, ao tempo dos melhores expoentes do neo-realismo -*Novo Cancioneiro*, ponderou-o e disse-me que o considerava neo-realista mesmo com Cristo, os padres, Deus e a cruz.” — *op.cit.*, 177.

<sup>43</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 50.

<sup>44</sup> “O que eu vi em África” (1935), 420.

<sup>45</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 51. Não me parece que o poeta contraponha “amor antigo” à mensagem do Evangelho. Interpreto os versos como descrevendo uma evolução ascendente em que se opera uma ruptura qualitativa. Cinatti recorre a um esquema clássico da teologia católica, e contrasta sem as opor religião natural e sobrenatural. Veja-se no Capítulo III deste trabalho o comentário à expressão aparentada, “ternura antiquíssima” — *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 46.

Um mesmo género de mudança de perspectiva é perceptível no modo como analisa a resposta que os missionários dão à fome física das populações. Tem valor em si, sem dúvida, mas porque reflecte a partilha de outro pão, esse sim o Pão da Vida:

Chegaram de longe as tribos e pasmaram  
Pedindo o pão. — Ah!, vida  
Do pó da terra aos céus subida! —  
E o pão não se azedava nas entranhas. <sup>46</sup>

Charles Peguy (1873 - 1914) e Jacques Maritain (1882 - 1973) são os dois nomes que avultam nesta evolução dum nacionalismo religioso para um catolicismo crítico. Várias vezes Cinatti os apelida de mestres <sup>47</sup> — e sabemos como marcavam os meios da Acção Católica que frequentava. Um e outro situavam-se inicialmente na área ideológica do Partido Socialista francês, do qual se distanciaram após a conversão à Fé Católica <sup>48</sup>. Ambos assumiram o desafio de repensar a presença cristã no mundo contemporâneo, e tanto um como outro se afirmavam defensores dum certo nacionalismo. Em alternativa quer à massificação do internacionalismo socialista e comunista quer à descaracterização do liberalismo económico,

---

<sup>46</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 51. Parece-me evidente a referência à Eucaristia. Gostaria, porém, de sublinhar o poder simbólico do pão, atestado nestes versos. O seu poder radica no facto de ser “vida” que nasce como trigo “do pó da terra”, e pelo trabalho do homem se vê transformado em “vida” para outros. Mas essa formulação aproxima o pão da condição humana, pois segundo a expressão poética do Livro do Génesis, também o homem foi formado por Deus do pó da terra e, animado pelo sopro divino, torna-se colaborador de Deus na obra da criação. Se regressarmos aos versos citados, uma segunda leitura é possível: a chegada das tribos vindas de longe e o seu pasmo, “pedindo pão”, revelam algo da condição humana. A elas, no seu espanto e na sua fome, que é também fome da Palavra, se aplica igualmente a exclamação do poeta: “Ah! vida / Do pó da terra aos céus subida!” Poderíamos, num excesso de sentido, evocar ainda a parábola do “Juízo Final” (Mat 25) e sugerir a identificação de Cristo com as tribos — porque “eu tinha fome e destes-me alimento”. O Pão da Vida descoberto na obra dos missionários seria vista então não como algo que é estranho às populações, mas como reencontro com a sua identidade mais funda. Nada disso, como é evidente, nos é dito, nem talvez tenha sido pensado pelo poeta; mas é essa uma das riquezas da expressão poética... dá que pensar.

<sup>47</sup> Veja-se os textos no semanário *Ação* e o editorial do primeiro número de *Aventura*. J. H. Newman e G. K. Chesterton são também autores que conhecia e apreciava, cuja obra incide na área da relação entre Fé e cultura.

<sup>48</sup> Peguy distanciou-se do Partido Socialista porque recusou subordinar um posicionamento ético à oportunidade política, no caso Dreyfus; Maritain, por ter encontrado no pensamento de S. Tomás de Aquino um quadro filosófico humanamente mais rico para a reflexão da problemática contemporânea.

propunham valorizar a nação como instância de identidade cultural e espiritual. Mas era na tradição cristã que encontravam a matriz comunitária e espiritual dessa sociedade à medida da pessoa humana <sup>49</sup>. Como a determinada altura afirmou Maritain, “a restauração da ordem será integralmente cristã ou não será”<sup>50</sup>.



Não foi só o aprofundamento doutrinal que presidiu ao amadurecimento da consciência religiosa e social de Cinatti. Informação e reflexão serviram nele aquilo que ele próprio apelida de *inquietação*: uma fome insaciável de mais e melhor que se manifestava, de forma espontânea, em momentos de profunda depressão, alternando com explosões de alegria e de comportamento anárquico — como na ocasião de que nos dá conta o *Diário de 1943*:

Para se saber da alegria com que voltei à [Praia da] Rocha basta enumerar a série de manifestações de que eu fui intérprete. São de tal modo imprevistas e desconcertantes que a não ser por loucura, só à alegria se podem atribuir.

Ora louco ainda não estou!

[...] Chegado à Rocha corri para o hotel, subi escadas, desci escadas, abri portas, mirei com grande prazer o meu quarto, devorei duas ou três vezes uma carta e tornei a descer, dirigindo-me logo à casa de jantar. A *jeune fille* que enquanto nós estávamos em Sagres se passeava amenamente por Faro já lá estava e como tivesse trazido amêndoas e figos atirei-me a esta iguaria, misturando-a com o almoço e com o vinho verde de que abusei ao ponto de ter logo depois realizado na sala com desrespeito

---

<sup>49</sup> Peguy olhava como modelo a França medieval no seu período de maior fragilidade política. Na rede das comunidades paroquiais, que partilhavam uma mesma Fé e se ligavam entre si num “mistério da caridade”, encontrava a explicação para o aparecimento de Joana d’Arc e a sua capacidade de mobilização popular. Maritain, escrevendo em tempos de ascensão dos nacionalismos europeus, distingue três modos eticamente distintos de encarar a nação: 1. A nação contraposta aos mitos do bom selvagem e representando a noção do bem comum, sinónimo de *civitas* ou pátria, em que os valores morais e a lei de Deus se elevam acima dos interesses nacionais; 2. A nação como absolutização duma identidade cultural, quase de família rácica; 3. A nação como entidade abstracta a que se presta um culto cego, indiferente à lei moral e religiosa, de que são exemplos históricos “o galicanismo, o regalismo, o josefismo (prolongados e odiosamente agravados pelo jacobinismo e o laicismo do Estado, que recusa reconhecer os deveres da nação para com Deus), constituiu a falha principal do *Ancien Régime*, antes de se tornar uma das características do mundo moderno; Filipe, o Belo e alguns dos seus sucessores criaram, deste ponto de vista, uma tradição de que seria funesto seguir o exemplo. Se a palavra nacionalismo é tomada neste último sentido, devemos ser resolutamente antinacionalistas” — Jacques MARITAIN, “Une opinion sur Charles Maurras” (1926) : *Oeuvres complètes*, III, Paris 1984, 778 (trad. minha).

<sup>50</sup> *Primauté du Spirituel*, Paris 1927, 116.



completo pelos desconhecidos uma interpretação coreográfica do “*American in Paris*” do Gershwin (muitos aplausos).

Resultado: fiquei cansadíssimo e envergonhado.

Quando é que eu aprenderei a dominar-me? Quando é que os meus amigos resolvem mostrar-me um pouco de consideração proibindo-me de tais feitos?

Durante a tarde dormi e à noite repeti a *cena*; zanguei-me com a *jeune fille* e fui desabafar para a praia.<sup>51</sup>

No esforço por dominar este fervilhar instável de vida, a disciplina imposta revela-se ineficaz. O seu temperamento não a suporta. Há, porém, um caminho que se revela fecundo e que Cinatti cultiva com rigorosa seriedade: a da inquietação vivida como independência de espírito. Os valores por que pauta a vida são assumidos duma forma que nada tem de seguidismo nem de indiferença; pelo contrário, deliberadamente os enriquece no confronto com os acontecimentos e na reflexão da experiência vivida.

Tem consciência de que nem sempre foi assim:

Situado no campo das virtudes morais, eu era o que os outros queriam que eu fosse, i.e. bom rapaz, pronto a aceder às vontades todas — por caridade — , conciliador, etc., esquecendo-me dos meus direitos de indivíduo, melhor, de pessoa.<sup>52</sup>

Mas, no *Diário de 1937*, deparamos com um episódio curioso da sua reacção à intolerância que revela já a estruturação consciente duma atitude de independência crítica. Numa ida ao cinema encontra à venda *O Diabo*, que “julgara acabado por razões de política”. Quando compra e lê abertamente o jornal, os companheiros reagem com violência: “Os gestos tornavam-se bruscos, brutais e no olhar lia-se ódio”. Cinatti não se deixa envolver emocionalmente. Limita-se a observar, distanciado, e a retirar as suas conclusões do que observa: “Larguei o jornal imediatamente e continuei calado sem sequer uma atitude de revolta. [...] O pior é que o facto é bastante significativo”.<sup>53</sup> Meses depois, ouve pela rádio a notícia da invasão da Áustria pelas tropas de Hitler.

No diário, reage desgostado com a prepotência do acto.

---

<sup>51</sup> 23 de Outubro, *Diário de 1943*.

<sup>52</sup> 2 de Maio, *Diário de 1940*.

<sup>53</sup> *Diário de 1937*, p. 11.13-14.

Áustria! Eu soffro. Dolfuss! Que faremos nós? Quem vive? A força. A lei do mais forte. A impotência. Não poderemos fazer, actuar e assistirmos, presos, a mais uma infâmia. No rádio tocam uma valsa de Strauss — *Danúbio Azul, Vozes de Primavera*. Hitler vem visitar a sua terra natal! <sup>54</sup>

As tensões dentro e fora do país aumentam. Rebenta a Guerra na Europa <sup>55</sup>. Em 10 Maio de 1940 a Alemanha invade a Bélgica e a Holanda.

Quando cheguei ao Rossio, às 11h da manhã, havia um certo borbórinho em volta dos placards. A Alemanha acabara de invadir a Bélgica e a Holanda. Os garotos dos jornais corriam de um lado a outro vendendo a 2.ª edição do D. de N. [*Diário de Notícias*]. Uma senhora com tipo de estrangeira encostara-se a uma das árvores. Uma das mãos segurava o jornal. A outra segurava um lenço acabado de tirar da carteira. A senhora chorava e inclinava o chapéu sobre os olhos para que não a vissem. Num arranque de coragem, aproximei-me dela e disse-lhe: “Ne priez pas. La victoire nous arrivera”. Ela fixou-me, sem espanto, como se há muito nos conhecêssemos. Merci. E guardou o lenço. Cumprimentei-a e fugi. Se continuasse ao pé dela acabaria por chorar também.



É fantástico o que eu fui escrever. Como é que me apareceu “Ne priez pas” quando o que eu disse foi “Essuyez vos larmes” <sup>56</sup>.

Se a violência e o ódio contrariam as suas convicções mais fundas, a experiência dum pai autoritário torna-o particularmente avesso a visões da sociedade que insistam de forma unilateral na obediência. Por isso, em 1941, protestava por se bater “na tecla dos nossos deveres”, quando todos os conheciam. “Como havíamos, todavia, de os cumprir”, comenta, “se se esqueciam dos nossos direitos!” <sup>57</sup>

<sup>54</sup> 15 de Fevereiro, *Diário de 1938*.

<sup>55</sup> Em *Memória Descritiva* (1971) lembra o ambiente que então se viveu: “Enquanto a Europa ardia, / nós apodrecíamos. / (Heil Hitler, galhardetes, mocidade / e os VV da liberdade) / Fantochadas! / / Mil novecentos e quarenta. / (Não esqueçam) / Amávamos a pátria com delírio. / / Eu apanhei uma sova / por causa da Inglaterra, / porque era parvo, fiel / e lusitano. / A Espanha era ibérica... / (Não esqueçam)” — *Obra poética*, 301. Mesmo a sua simpatia pela Inglaterra, aqui testemunhada, não se pode considerar primariamente ideológica. Tratava-se do país onde nascera, cuja língua e literatura dominava, onde vivia Amy Christie, que visitara em 1938. No início dos anos '40 tem contactos frequentes com David Ley, escritor inglês radicado em Portugal, e torna-se amigo de Francis Stilwell, adjunto do adido naval britânico em Lisboa.

<sup>56</sup> 10 de Maio, *Diário de 1940*.

<sup>57</sup> “A alegria do descobrimento” (1941), 345.

Mas as raízes da sua atitude crítica mergulhavam, mais fundo, na afirmação da natureza e do valor da pessoa e da sua consciência. Assim, por exemplo, quando se deu conta de que “as fórmulas em que procuravam condicionar as nossas vidas não condiziam com as ideias, em que tínhamos posto toda a sinceridade e convicção”<sup>58</sup>, chama a atenção para o efeito previsível duma tal orientação, sobretudo entre os jovens. Frustrados os seus ideais, travadas nas aspirações legítimas, alguns

enlouqueceriam decerto, perder-se-iam [...]; outros, porém, não se poderiam contentar com tal mediocridade. [...] O que não obtivessem por meios normais, obtê-lo-iam [...] através de caminhos desconhecidos que a sociedade rejeitaria como a voz da própria consciência para sempre amordaçada.<sup>59</sup>

A independência de espírito, o culto da verdade, a consciência com critério decisivo da actuação pessoal, são valores de que não abdica e que, a seu ver, resultam do reconhecimento duma ordem superior aos poderes e às autoridades terrenas. Por isso,

Nos problemas de espírito somos nós a dar ordens a nós próprios. Se reconhecemos, como inteligentemente devemos reconhecer, uma ordem extra-terrena, não estamos mais do que a obedecer à nossa consciência liberta de impurezas [...]<sup>60</sup>

Ambiciona atingir uma liberdade interior que espelhe a liberdade que experimenta diante da natureza. Não terá sido por acaso que, ao recordar a visita de 1935 à ilha de São Tomé e a “alegria do descobrimento” de si e da sua vocação em plena floresta tropical, a memória, sempre selectiva<sup>61</sup>, tenha relevado a autonomia que então sentiu:

---

<sup>58</sup> *Ibid.*

<sup>59</sup> *Ibid.* A interpretação que dou ao final da frase citada é a seguinte: “a sociedade rejeitaria [os caminhos dela desconhecidos] como [rejeita] a voz da própria consciência para sempre amordaçada”. Equivale, portanto, à crítica que dirige contra a sociedade no debate com Alfredo Pimenta travado neste mesmo ano de 1941 (ver adiante, p. 62), bem como à rejeição da “sociedade de preconceitos” que avança no *Diário de 1934* como motivo para viajar até às ilhas do Mar do Sul.

<sup>60</sup> “Cartas a um Vanguardista sobre a arte e vocação literária [I]” (1939), 3.

<sup>61</sup> “Dá vida, por ora, não ao que imaginas, mas a tudo o que a memória retém da vida quotidiana. Se assim fizeres, já de certo modo imaginas. [...] Um pintor não copia fielmente uma paisagem: realça o que nela existe de mais característico para o seu olhar, e elimina o que poderia trazer de confusão. Não penses ser ‘isto’ pouco” — “Cartas a um Vanguardista sobre a arte e vocação literárias — II” (1939).

Éramos chefes de nós próprios. Respeitávamos os nossos pais, os nossos professores mas, de modo algum, permitiríamos que uma vontade alheia se imiscuisse nos desígnios que em nós iam nascendo.<sup>62</sup>

Entristece-o, por isso, a atitude dum amigo disposto a obedecer cegamente ao “chefe” e incapaz de levar por diante aquela revolução assente na liberdade e na transformação das consciências que ele próprio preconiza.

Ele pertence a uma classe de homens facilmente manejáveis, capazes de servirem de todo o coração a um chefe, cujos desígnios não ultrapassem concepções de ordem material, embora, nessas concepções não falem preocupações espirituais. Ah! mas a diferença está em que eu não acredito nestas concepções em que os membros que por elas lutam, se conservam alheios, como eram, antes de se terem arregimentado, não sofrendo a transformação salvadora, aquela em que eu acredito — que é pedra de toque em todas as revoluções que me apresentarem.<sup>63</sup>

“Doutrina” deste género era arrojada. Não por ser contrária ao regime — Cinatti aí não enfrentou problemas de maior —, mas por ir contra o que era aceite no ambiente intelectual da época. Como recorda em *Memória descritiva* (1971), valorizava-se o social, o colectivo em detrimento do indivíduo:

Era doutrina encerrada  
em discursos  
com as patas no ar  
em vez de apertos de mão.<sup>64</sup>

O problema era tanto das direitas como das esquerdas, no mundo da política como no da cultura e mesmo da religião. “No caso literário” o chamado respeito humano manifesta-se como “reverência por *tudo* que pomposamente se enfileira nas *esquerdas*”<sup>65</sup>.

Um esquerdismo complicado, esteta, intelectual, etc., etc. Mas parece-me que estou a ser injusto. Eu também reconheço o maior valor das esquerdas — valor do momento — em tudo que respeita à criação mas não a monopolizo às esquerdas. Se se é condescendente para com todo o mundo que lacrima uns ais ante a tristeza do

<sup>62</sup> “A Alegria do Descobrimento” (1941), 344.

<sup>63</sup> 9 de Maio, *Diário de 1940-41*

<sup>64</sup> “Social, o colectivo / é o mote do dia / (repetido) // O indivíduo, / esse não (senão / quando habitar arbitrários / lugares vários). // Era doutrina encerrada / em discursos [...] História Contemporânea, *Memória descritiva* (1971) : *Obra poética*, 301.

<sup>65</sup> Carta a Jorge de Sena, 11 de Dezembro de 1941.

século — o homem há-de ser sempre piegas — porque não se há-de igualmente condescender com outro menino *que por acaso é das direitas* e que exprime também qualquer coisa de verdadeiro embora sem a profundidade do outro. A profundidade aqui provém mais dos *temas* do que das possibilidades criadoras. [...] Parece-me ter-se feito lugar comum do seguinte: o homem das direitas, sejam elas quais forem, há-de ser forçosamente cabotino, *sem sentimentos e sem ideias*. Não embarco nesse erro, embora confesse me fosse agradabilíssimo, comodíssimo, fazer dele porta-bandeira. Sentir-me-ia muito mais seguro, muito mais “bem pensante”, etc., etc. Mas não o posso sequer desejar. Se um homem das esquerdas asneia: coitadinho. Se o homem é das direitas: que besta. Não! <sup>66</sup>

À medida que o tempo passou, foi-se dando conta que, no fundo, o relevante para ele eram as pessoas:

Cada vez mais me afirmo na verdade de que só as almas interessam. E onde está um homem está uma alma. É um erro, e esse erro já se faz sentir nas consequências, suporem-me capaz de me ligar a este ou aquele emblema pela razão de maior afinidade. Quando digo emblema, digo homens, ideias, coisas. <sup>67</sup>

Como explica ao P. João Cabral, é este princípio que lhe tem permitido superar as divisões criadas por sensibilidades diferentes, mesmo no seio da Igreja: “Não tenho eu ido para junto dos Jesuítas quando tudo em mim me chama para os Beneditinos ou para os Franciscanos?” <sup>68</sup> Pouco depois, no debate com Alfredo Pimenta que adiante analisaremos, revela a consciência duma tentação mais grave, presente na experiência religiosa: a tentação maniqueia de avaliar pela profissão de Fé da bondade ou maldade dos outros, e da acção que possam vir a empreender. Por isso contrapõe aos argumentos de Pimenta uma clara afirmação do respeito que lhe merecem aqueles que “obscura e diariamente trabalham pelo futuro da Nação”, sem restringir a lista aos crentes, antes alargando-a a “outros que, não conhecendo a Deus, actuam como se n’Ele vivessem” <sup>69</sup>.

Podemos concluir, portanto, que a retrospectiva que, na década de ’70, Cinatti faz deste período da sua vida respeita a objectividade dos factos. As alterações sociais e políticas entretanto ocorridas não deformaram de modo significativo a memória do que a contracorrente procurou assumir.

<sup>66</sup> *Ibid.*

<sup>67</sup> Carta ao P. João Cabral, 1941.

<sup>68</sup> *Ibid.*

<sup>69</sup> “Não voltaremos atrás” (1941).

Quanto mais fechado, mais aberto às ideias do próximo. Mas recusava o bando político, ideológico que opunha homens contra homens. “Que poderemos nós saber de política, sem mínima experiência?” — perguntava — “Para quê os emblemas?” Durante a viagem [o Cruzeiro de 1935] houve cega-rega: todos invocavam nomes de pessoas, de instituições. Só eu invocava o nome da nação. Era escandaloso verificar o absurdo sendo a política serviço da nação. Monarquia — República; fascismo — comunismo; democracia — ditadura. A companhia dos homens era mais importante. Privava com os comunistas às cinco da tarde; com os monárquicos às oito. O importante: com ou sem emblemas, os homens eram os mesmos. A minha política determinava-se pelo carácter. Mas optava, como quando da catástrofe da Segunda Guerra. Apanhei sova por desmerecer irónico um discurso de Hitler; escrevi um poema “*For those who love England*”. Recusei a propaganda aliada: agradei as antologias poéticas enviadas pelo Instituto Alemão. Montaigne sorria-me; sou Capuleto quando estou com os Montechios e Montechio quando com os Capuletos.<sup>70</sup>

## Debate entre católicos no semanário “Acção” (1941)

Mesmo descontando a sua independência de espírito, seria um erro de análise imaginar que Cinatti, pelo facto de participar em organismos de Igreja vocacionados para uma intervenção na sociedade, se subordinava na sua actuação a um programa de objectivos sociais e políticos predeterminados. A Juventude Universitária Católica (JUC) e as Conferências de São Vicente de Paulo de que era membro, e o Centro Académico de Democracia Cristã (CADC) de Coimbra no qual tinha amigos e contactos, não eram realidades monolíticas, quer na visão de Igreja que perfilhavam, quer na adesão ao regime. Prova-o a polémica que estalou nas páginas do semanário *Acção* no final do Verão de 1941, e para o qual Cinatti contribuiu com dois artigos importantes.

Seguiremos em traços gerais o debate para melhor situar o pensamento do poeta.

A polémica foi despoletada em Setembro de 1941 por um artigo da autoria de José Sebastião da Silva Dias<sup>71</sup> intitulado “Toque de Clarim”. Em nome da juventude, o presidente cessante do CADC de Coimbra, desafiava os intelectuais portugueses apoiantes do regime. A resposta de Alfredo Pimenta foi fulminante<sup>72</sup>, e durante

<sup>70</sup> “Para começar detestava poesia...” (inédito).

<sup>71</sup> *Acção* (4 Set. 1941) 1.7.

<sup>72</sup> *Acção* (18 Set. 1941) 5.

os meses de Setembro e Outubro o debate encheu páginas inteiras do recém-criado semanário *Ação*.

Inicialmente Pimenta mostra-se agastado com a acusação de Silva Dias que atribui o alheamento do mundo intelectual português dos “grandes problemas da actualidade [...] ao gosto pela História que a geração integralista insuflou na cultura nacional”. A ironia demolidora dos seus comentários suscita uma onda de protestos. Chovem cartas de jovens católicos em apoio de Silva Dias.

Pimenta não desiste. Acusa os jovens de confusos e inconsequentes. Num estilo duro e antipático — mas admirável pelo rigor da argumentação —, exige que aclarem os motivos da sua inquietação.

Difícilmente os jovens o enfrentam. As questões que tentam formular são, porém, as que ainda hoje nos interpelam.

## Fé e vida pública

### *Missão da Igreja num mundo que desmorona?*

Apoiantes do regime, estes jovens católicos partilham com os colegas universitários um sentimento de mal-estar. *Inquieta-os o “desmoronar do mundo”*<sup>73</sup> de que a Guerra é expressão: “nas suas almas se reflectem as luzes de incêndio e as sombras da morte que a nossa época conhece”<sup>74</sup>. Interrogam-se sobre o significado profundo de fenómenos como o Nazismo e o Comunismo<sup>75</sup>. Conhecem os argumentos doutrinários a favor e contra, mas não lhes parecem explicação suficiente. A Igreja terá de compreender que diante desta preocupação de sinceridade psicológica e social, própria da nova geração — e que se reflecte na poesia mais recente<sup>76</sup> — *as respostas dogmáticas não satisfazem*<sup>77</sup>. Não que estes jovens contestem o regime político. Mas querem enfrentar a questão social<sup>78</sup>.

<sup>73</sup> Miguel TRIGUEIROS, “Carta aberta a sr. dr. Alfredo Pimenta”: *Ação* (2 Out. 1941) 4; cfr. também Vasco Futscher PEREIRA, *loc. cit.*, 4 - 5.

<sup>74</sup> Henrique Barrilaro RUAS, “Com licença”: *Ação* (9 Out. 1941) 5.

<sup>75</sup> José Sebastião da Silva DIAS, “Toque de Clarim”: *Ação* (4 Set. 1941) 1.

<sup>76</sup> Henrique Barrilaro RUAS, “Com licença”: *Ação* (9 Out. 1941) 5.

<sup>77</sup> A afirmação é de Henrique Barrilaro Ruas.

<sup>78</sup> Cfr. José Sebastião da Silva DIAS, *Ação* (23 Out. 1941) 1; Henrique Barrilaro RUAS, “Com licença”: *Ação* (9 Out. 1941) 5. É natural que tenha tido influência nesta atitude o magistério social de Pio XI e Pio XII, divulgado nos jornais da *Acção Católica* da altura.

Vêem-na ventilada “pelas esquerdas”<sup>79</sup> e não há estudos nem propostas convincentes dos técnicos e intelectuais apoiantes do regime.

O objectivo é ambicioso: pretendem a *criação de um mundo novo*<sup>80</sup>. Estão convencidos de que o caminho para o conseguir passa pela recusa do silêncio, pelo combate à ignorância<sup>81</sup>. Haverá, por isso, que encontrar formas de divulgar os valores que preconizam, e que lhes vêm da tradição cristã<sup>82</sup>. Há que estimular a inquietação criadora<sup>83</sup>, aprofundar as raízes filosóficas dos problemas e das soluções propostas<sup>84</sup>, publicar “ensaios filosóficos, políticos, sociológicos e económicos, perspicazes e oportunos”<sup>85</sup>. E é nesse sentido que pedem um “*leader*”: alguém que lhes aponte os caminhos viáveis para a condução eficaz deste empreendimento<sup>86</sup>.

### ***Historicismo e dogmatismo em causa***

Os pomos da discórdia com Alfredo Pimenta, porém, não são estes. São duas questões, ligadas entre si, que lhes são anteriores: os *limites da perspectiva historicista e a natureza da Fé católica*. Numa série de afirmações surpreendentes, Pimenta assume uma postura radical-

<sup>79</sup> José Sebastião da Silva DIAS, “Toque de Clarim”: *Ação* (4 Set. 1941) 1.

<sup>80</sup> Cfr. Rogério HORTA, “Ginjas em flor... Outra resposta”: *Ação* (2 Out. 1941) 5.

<sup>81</sup> José Sebastião da Silva DIAS “Toque de Clarim”: *Ação* (4 Set. 1941) 1.

<sup>82</sup> P. Moreira das NEVES, *Novidades*; cfr. também José Sebastião da Silva DIAS, “Manifesto à juventude”: *Ação* (23 Out. 1941) 1; Eduardo Freitas da COSTA, “Conversa sem pretensões”: *Ação* (16 Out. 1941) 8. Henrique Barrilero RUAS fala em vulgarizar a “Boa Doutrina —” “Com licença”: *Ação* (9 Out. 1941) 5.; cfr. também António Martins da CRUZ, “Mais uma carta aberta a Alfredo Pimenta”: *Ação* (23 Out. 1941) 4. É interessante anotar que Alfredo Pimenta afirma ter proposto sem sucesso ao Ministério da Educação a criação de uma disciplina de Apologética em todos os cursos de nível superior, para combater a ignorância doutrinal.

<sup>83</sup> Manuel MÚRIAS, “Confiança”: *Ação* (9 Out. 1941) 1.

<sup>84</sup> José Sebastião da Silva DIAS, “Manifesto à juventude”: *Ação* (23 Out. 1941) 1.

<sup>85</sup> José Sebastião da Silva DIAS, “Vamos ao que importa”: *Ação* (20 Set. 1941) 7; cfr. Ruy CINATTI, “Também nós, os de Lisboa...”: *Ação* (25 Set. 1941) 10.

<sup>86</sup> A proposta é avançada inicialmente por Ruy CINATTI — *ibid.* É retomada por alguns, mas outros apontam Salazar como guia. A expressão de Cinatti é contestada por José Andresen LEITÃO, aparentemente por lhe soar a demasiado democrática: “Ruy Cinatti [...] procura ansiosamente um guia para a juventude — *leader* lhe chama, o que me cheira a Câmara dos Comuns” — “Temos um Guia”: *Ação* (9 Out. 1941) 4.



mente positivista. O pensamento, entendido como reflexão teórica e filosófica, não lhe interessa: “O pensamento passa. Só o saber fica.”<sup>87</sup> E o saber que perdura consiste na experiência metodicamente recolhida e analisada <sup>88</sup>. “Os problemas do pensamento [... serão] sempre insolúveis fora da Fé católica”. Interessa-lhe unificar o pensamento e reduzir a dúvida e a inquietação que advêm da filosofia, projectando “o carácter do dogma em todos os campos da actividade filosófica”. “À luz da Fé católica, tudo se esclarece. Mas não é a Filosofia: é a Crença. Não é a Razão: é a Consciência.”

Entre o paternalismo e a ironia, recomenda aos jovens inquietos: “meninos, voltem ao catecismo, que encontram no seu ensinamento tudo quanto é necessário ao servo de Deus. [...] A chave da verdade está na Igreja.”<sup>89</sup>

Na opinião de Pimenta, a Fé cristã pede um “totalitarismo católico”. A seu ver, isso é positivo. Mas está aí a razão por que a ela se “opõem todos os totalitarismos não-católicos”<sup>90</sup>. Por outro lado, assim se explicam também as críticas dirigidas pelo cardeal Cerejeira e por tantos teólogos católicos contra o Nazismo <sup>91</sup>.

A sensibilidade dos seus jovens opositores, no entanto, é outra, como outra é a sua formação — por mais que Pimenta a trate com displicência.

Ao historicismo que criticam e que Alfredo Pimenta defende, contrapõem uma perspectiva histórica mais coerente. *O valor da História*, enquanto acumulação de dados sobre o passado, está, entre outras coisas, em permitir entender que algo de novo os desafia no presente: “A Ordem, a Autoridade, a Caridade, etc., são hoje

<sup>87</sup> “Carta a um jovem”: *Ação* (18 Set. 1941) 5.

<sup>88</sup> O que corresponde à avaliação de Alfredo Pimenta feita por Verríssimo SERRÃO, que o considera, “mais um analista de sucessos e efemérides do que um historiador de síntese” — *Enciclopédia Verbo*, XV, Lisboa 1973, col. 89.

<sup>89</sup> “Carta a todos os jovens”: *Ação* (2 Out. 1941) 4.

<sup>90</sup> “No meio dos jovens”: *Ação* (9 Out. 1941) 5.

<sup>91</sup> O texto parece indicar um distanciamento crítico de Alfredo Pimenta em relação à atitude do Cardeal Patriarca: “é prudente e de desejar não meter na bulha quem está arredado dela”, responde a Silva Dias quando este lhe recorda as posições do “Sr. Cardeal Patriarca e todo o Episcopado católico” assim como de “J. Maritain, P.s Couillet e Ducatillon, André Richard” que têm posto “os cristãos de sobreaviso contra esta ideologia inocente” — “Vamos ao que importa”: *Ação* (2 Out. 1941) 5. A ironia de Silva Dias, ao falar de “ideologia inocente”, visa o modo como Pimenta inocenta o Nazismo ao mesmo tempo que condena o Comunismo.

encaradas à luz diferente daquela a que as viram os integralistas. Há, ainda, uma nova maneira de ver os problemas nacionais.”<sup>92</sup>

Não contestam a permanência dos princípios e das *doutrinas fundamentais da Fé católica*. Mas, implicitamente — exceção feita para Cinatti que o afirma de forma explícita <sup>93</sup> —, encaram-nos *como princípios vitais que não se reduzem à formulação dogmática*. O P. Moreira das Neves, em comentário publicado nas *Novidades*, põe a descoberto o âmago da questão que afasta os jovens das teses de Alfredo Pimenta: “a preocupação do documento e da data, apaga ou esfria nas almas a paixão das grandes realidades interiores”<sup>94</sup>. Como jovens universitários que são, reclamam *o direito e o dever de pensar por si*, recusando a atitude disciplinada e passiva que Pimenta lhes reserva. “O pensamento é um dom de Deus”, recorda Silva Dias. E no que diz respeito às faculdades que Deus nos deu, a Igreja condena “quanto possa atentar contra elas — contra o seu legítimo uso”. A título de exemplo, lembra: “com o pensar serviram a Igreja Santo Agostinho, S. Tomás, S. Boaventura, Duns Scoto, Suarez, Pascal, Jacques Maritain”<sup>95</sup>.

Alfredo Pimenta não desarma, e riposta: “Esses, meu Amigo, não pensaram: quem pensou por eles foi a Igreja: eles limitaram-se a pensar o pensamento da Igreja”<sup>96</sup>.

Exasperado com este diálogo de surdos, Miguel Trigueiros protesta: “V. Ex<sup>a</sup> quer empurrar-nos para a mudez da consciência, pois consciência sem inquietação é como boca sem língua”. Aliás, foi a inquietação (a mais bela palavra do mundo!) que fez de Agostinho um santo”<sup>97</sup>.

Alfredo Pimenta não se conforma:

Agostinho era pagão [...]. A obra de Santo Agostinho [...] não era obra de um inquieto: é a obra tranquila de quem tem diante dos olhos a estrela polar. E já me cansei de escrever que compreendo a inquietação nos jovens alheios à Igreja. <sup>98</sup>

<sup>92</sup> José Sebastião da Silva DIAS, “Manifesto à juventude”: *Ação* (23 Out. 1941) 1.

<sup>93</sup> Ver adiante a discussão dos artigos de Cinatti.

<sup>94</sup> P. Moreira das NEVES, *Novidades* (28 Set. 1941).

<sup>95</sup> José Sebastião da Silva DIAS, “Vamos ao que importa”: *Ação* (2 Out. 1941) 5.

<sup>96</sup> “No meio dos jovens”: *Ação* (9 Out. 1941) 5.

<sup>97</sup> “Carta aberta a sr. dr. Alfredo Pimenta”: *Ação* (2 Out. 1941) 5.

<sup>98</sup> “No meio dos jovens”: *Ação* (9 Out. 1941) 5.

Como estocada final, avança sobre Miguel Trigueiros com uma argumentação *ad hominem*:

Proclama o meu Amigo que o que os rapazes querem é servir Cristo e a Nação, em campo que não seja o das afirmações vagas.

Magnífico! Não percebo o seu embaraço. Para servir Cristo, tem a Igreja a guiá-lo. Para servir a Nação, uma vez que espontaneamente confessa que me tem por um dos seus mestres políticos — oiça-me, e siga-me.<sup>99</sup>

Mas a constestação dos jovens obriga-o a recuar duma posição demasiado simplista. Subtilmente, introduz uma distinção na noção de pensar que inicialmente repudiava.

Há pensar e pensar. Há o pensar que está na alçada da juventude — o pensar que se apoia na confiança; e há o pensar autónomo — e que deve provir do estudo, da reflexão e da crítica.<sup>100</sup>

Era isso, nem mais, que os jovens pediam: estudos sobre os quais pudessem reflectir criticamente<sup>101</sup>. Pimenta, no entanto, não se dá por vencido. Não aceita distinguir a investigação e a leitura crítica. À juventude só resta, segundo ele, pensar “amparada, guiada pelos ensinamentos que eu e outros lhe ministramos”<sup>102</sup>.

A cedência não resolvia o dilema com que se debatiam os seus jovens opositores. Nos vários ramos de saber e nos cursos que frequentavam, eles davam-se conta da “necessidade de estudar soluções e interpretar doutrinas”<sup>103</sup>. E observavam ser este o procedimento normal na melhor tradição da Igreja, claramente atestado pela história das definições dogmáticas, longamente amadurecidas, assim como pela prática contemporânea das encíclicas papais, divulgadas para esclarecer questões de Fé e costumes sempre que novas circunstâncias históricas o exigiam.

Tratava-se duma linha de reflexão típica dum laicado católico formado para uma presença activa no mundo: “prontos em tudo e sempre — na vida interior como na vida activa, nos anseios da alma como na actualidade da Inteligência”<sup>104</sup>. Havia que estudar o modo

---

<sup>99</sup> *Ibid.*

<sup>100</sup> *Ibid.*

<sup>101</sup> Cfr. Vasco Futscher PEREIRA, Ponto final : *Ação* (23 Out. 1941) 5.

<sup>102</sup> No meio dos jovens : *Ação* (9 Out. 1941) 5.

<sup>103</sup> Eduardo FREITAS, *Ação* (16 Out. 1941).

<sup>104</sup> José Sebastião da Silva DIAS, Manifesto à juventude : *Ação* (23 Out. 1941) 1.

de expressar na vida pública a riqueza da Fé e da Verdade reveladas, utilizando da melhor forma os meios que a técnica e a cultura iam criando; dar corpo à Caridade para que atingisse com eficácia não só as relações individuais mas também os campos económico e social.

Relendo este debate à distância de cinquenta anos, é interessante observar a actualidade que mantêm as questões avançadas por Eduardo Freitas da Costa como matéria de análise:

a) *Alguns problemas de ética:*

1. O Estado moderno em face da ciência e da moral.
2. A pessoa em face das recentes descobertas da medicina.
3. O papel e a responsabilidade moral do chefe em face da técnica de hoje.
4. A missão do executante em face das exigências actuais da técnica.

b) *Alguns problemas sociais:*

1. Colaboração ou solidariedade internacional.
2. Importância actual da questão de regime.
3. Necessidades da moderna administração, no continente europeu ou em territórios portugueses de além-mar. Unidade e diversidade de aspectos.
4. As grandes forças espirituais do mundo actual e a sua utilização.

c) *Alguns problemas económicos:*

1. A exploração das riquezas do nosso Império.
2. As necessárias condições de desenvolvimento económico dos nossos territórios em presença das directrizes estranhas.<sup>105</sup>

### *Uma visão “ecuménica” da sociedade*

Um terceiro ponto emerge dos textos destes jovens: o claro distanciamento de alguns da visão totalitária do cristianismo defendida por Alfredo Pimenta. Apesar de não ser apoiada por todos, esta atitude merece uma atenção mais cuidada, porque assenta numa alternativa coerente e por ser a visão preconizada nas intervenções mais relevantes. Ao nível pragmático, trata-se da disponibilidade para o diálogo<sup>106</sup>; a vontade de se manterem “abertos e compreensivos para toda a novidade que traga a marca da sinceridade”, estabelecendo como critério o “primado do Espírito e da Verdade”<sup>107</sup>. A proposta

<sup>105</sup> Eduardo Freitas da COSTA, “Conversa sem pretensões”: *Ação* (16 Out 1941) 8.

<sup>106</sup> As referências a autores como Jacques Maritain, o contexto eclesial em que se formaram, sugerem estarmos diante do germen dum entendimento da relação dialogante Igreja-Mundo que encontrará expressão na encíclica programática de PAULO VI, *Ecclesiam suam* (1964), e fundamento doutrinal na Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (1965) e no Decreto *Dignitatis humanae* (1965) do CONCÍLIO VATICANO II.

<sup>107</sup> José Sebastião da Silva DIAS, *Ação* (23 Out. 1941) 1.

avançada não tem a ver somente com o nível da relação interpessoal. Envolve uma perspectiva de sociedade.

Não esqueçamos a Pátria; afirmamos somente que ela apenas pode ser grande quando os seus filhos tiverem sido integrados no ideal do ecumenismo católico que fez a glória de nossos avós.<sup>108</sup>

Silva Dias, Ruy Cinatti e Melo Furtado, cada qual no seu estilo, afirmam estar a força da sua opção de Fé na capacidade de criar essa comunidade sem exclusão, radicada na compreensão e no diálogo.

Não é estranho a este propósito o facto de um número tão alargado dos intervenientes eleger como prioritária a questão social. A questão política, entendida como questão de regime, está, para a maioria, resolvida<sup>109</sup>. As questões ideológicas são um campo minado: colocam de tal modo pessoas e grupos em posições antagónicas que os tornam impermeáveis aos contributos válidos uns dos outros. A gravidade das questões sociais, ao contrário, recolhe o consenso das opiniões das esquerdas e direitas juvenis, e há um desejo profundo — de que o fenómeno do Comunismo e do Nazismo são eles próprios uma expressão — “de sair de um mundo e entrar noutro, inteiramente novo em relação a este em que vivemos”<sup>110</sup>. O cerne deste desejo é “um sentido inédito da orgânica dos povos: o sentido da comunidade”<sup>111</sup>. Em seu apoio, apelam para a afirmação de Salazar de “que uma mentalidade nova fará ressurgir Portugal”<sup>112</sup>.

<sup>108</sup> *Ibid.*

<sup>109</sup> A única excepção é a chamada de atenção por Eduardo Freitas da CRUZ, na listagem de questões atrás citada, para a “importância actual da questão de regime”. Ao secundarizar, numa reacção espontânea, a intervenção directa na política, e ao mostrarem-se sensíveis sobretudo à capacidade demonstrada por outras correntes de dar resposta, pelo menos teórica, às questões sociais, estes estudantes dão expressão a uma constante da presença dos católicos na sociedade portuguesa desde o séc. XIX. “Sempre que a *questão religiosa* se sobrepôs, pela sua importância e urgência de solução, à questão social, [...] os católicos preferiram a intervenção directa no *político*, em detrimento do *social*, disputando o poder político do Estado, apontado como o centro decisional por excelência, o único a partir do qual seria possível inflectir o rumo dos acontecimentos. Mas, logo que a *questão social* se constitui como preocupação e temática de ameaça dominante, é então ao nível da sociedade civil e dos seus movimentos que é equacionada e preferida a intervenção” — Manuel Braga da CRUZ, “As origens da democracia cristã em Portugal e o salazarismo (I)”: *Análise Social*, 14 (1978) 269.

<sup>110</sup> José Sebastião da Silva DIAS, “Toque de Clarim”: *Ação* (4 Set. 1941) 1.

<sup>111</sup> *Ibid.*

<sup>112</sup> Miguel TRIGUEIROS, “Carta aberta a sr. dr. Alfredo Pimenta”: *Ação* (2 Out. 1941) 4; a citação é retomada por Ruy CINATTI, “Não voltaremos atrás”: *Ação* (16 Out. 1941) 4.

Para Alfredo Pimenta, esta argumentação ignora um elemento que faz da questão política um fulcro do combate da Fé — e, por isso mesmo, também do bem-estar social.

Se o Estado dá o exemplo do seu Indiferentismo e da sua Incredulidade, é, porventura, motivo de estranheza que o cidadão siga os seus passos? Se o Estado condiciona a minha fortuna, o meu trabalho, a minha actividade e a minha vida, porque não há-de condicionar também a minha consciência? Se o Estado não reconhece acima de si próprio outro poder, e precisamente aquele Poder que é único, não admite partilhas nem reservas, e não é compatível com camaradagens, como há-de o cidadão fazer o contrário? Se o Estado leigo não é súbdito da Verdade suprema, como exigir-se que o cidadão o seja?

Eu compreendo a Incredulidade — mal que se suporta, por se não poder extinguir, como a Tuberculose ou a Lepra; não compreendo a Incredulidade — miséria que se estimula e se protege.

Não se matam os tuberculosos e os leprosos; mas rodeiam-se de precauções, para que não se contagiem os sãos. Não penso que se matem os incrêus; mas é mais do que óbvio que devem ser isolados, não se lhes permitindo o exercício de funções que possam influenciar inteligências ou almas.<sup>113</sup>

Estamos perante duas perspectivas, aparentemente irreduzíveis, sobre a relação Igreja-Mundo e Igreja-Estado. O debate, que atravessa toda a Igreja Católica, e não se circunscreve a Portugal, desembocará, anos mais tarde no Concílio Vaticano II, que enunciará critérios fundamentais para a resolução do dilema. Ainda hoje, porém, a questão se reflecte com calor, à medida que a comunidade católica vai assumindo criticamente a evolução democrática das sociedades mais desenvolvidas.

À distância de meio século, é curioso encontrar em debate questões ainda tão actuais. Qual o papel do leigo católico na sociedade? Há ou não lugar para novidade na reflexão e na aplicação dos princípios doutrinários da Fé cristã à realidade política e cultural de cada época?

Entre as contribuições para esta polémica, encontram-se dois artigos da autoria de Cinatti que por enquanto não comentámos. A amplitude do seu quadro de referências culturais e teológicas, assim com o maior alcance da visão que propõe, aconselham uma leitura mais ponderada à luz do debate em geral.

---

<sup>113</sup> Alfredo PIMENTA, “A inquietação da juventude”: *Ação* (23 Out. 1941) 4.

## As intervenções de Cinatti

### “*Também nós, os de Lisboa...*”

À intervenção inicial de Alfredo Pimenta seguiu-se o primeiro artigo de Cinatti: “Também nós, os de Lisboa...”<sup>114</sup> O conteúdo é denso e a argumentação não é linear, o que dificulta a leitura. Em tom apologético, por vezes exaltado<sup>115</sup>, retoma as posições do presidente do CADC para as reforçar. O dr. Silva Dias pode confiar que estão com ele “também nós, os de Lisboa...” que “batalhávamos nas fileiras da JUC, nos corpos da MP”. As questões colocadas são sérias; são questões do momento. Levantá-las não revela encobertos intuítos ideológicos ou partidários mas tão – somente uma consciência que se aprofundou no diálogo com as diferentes sensibilidades presentes no meio universitário, no contacto directo com os mais pobres e no desafio da vocação cristã:

homens do nosso tempo, dele tomávamos consciência, convivendo — como católicos, como rapazes católicos — com todos os companheiros de estudo fossem eles quais fossem, e ganhando em sabedoria o que nos era ensinado, quer pela experiência directa das Conferências de S. Vicente de Paulo, quer pela vida mais alta e bem real a que nos propusemos: a vida em graça de Deus.<sup>116</sup>

Bastariam estas indicações para que ficassem, à partida, “excluídas todas as suposições quanto a orientadores disto ou daquilo”, inclusivamente a dependência de mentores ou filiações religiosas que simplesmente deslocassem a autoridade dos “mestres nacionalistas” para outros, eclesiásticos. É a própria vida que os move. E não uma vida qualquer, mas a nossa vida em Cristo. É ela que “d’Ele faz nosso Mestre e não o que d’Ele poderíamos saber através de muitas leituras e discussões, sequer de um emblema na lapela ou imagens à cabeceira da cama.”<sup>117</sup>

<sup>114</sup> *Ação* (25 Set. 1941) 10.

<sup>115</sup> Ele próprio anota a falta de prudência que revelou ao criticar no primeiro artigo a *História de Portugal* de António Sérgio. Arrepende-se não do conteúdo da crítica, mas de a ter feito num jornal que “já definiu uma atitude para com o homem, atitude esta não isenta de injustiça. Logo fui colaborar numa injustiça, embora não lisonjeie os que o atacam.

“Porque a dita história está mal feita, é um facto; mas quer ser uma tentativa de uma visão nova [...]” — apontamento num bloco de notas de 1941.

<sup>116</sup> “Também nós, os de Lisboa...” (1941).

<sup>117</sup> *Ibid.* No mesmo número e na mesma página de *Ação*, Pimenta critica Melo FURTADO — “Bilhete Postal para Silva Dias”: *Ação* (18 Set. 1941) 5 — por afirmar,

Não devem, portanto, ser acusados de facciosismo político. As questões que colocam: umas são anteriores a qualquer concretização política, e qualquer política a elas se deve subordinar; outras, “que os nossos estudos levantam”, são “de uma realidade imediata, concreta, viva, que a todo o instante pede uma solução, por transitória que ela seja”.

A grande dificuldade que enfrentam é a “inversão de valores que infelizmente se continua a dar em Portugal”<sup>118</sup>: a falta de atenção à “cultura viva”; o “andar de espingarda a monte” por isso trazer “o sangue à guelra sob uma falsa noção de heroísmo”; o fazer barulho sem realizar *alguma coisa*, por muito modesta que ela seja; mas sobretudo o efeito esterilizante das “doutrinas género Maurras”<sup>119</sup>, que atribuem primazia absoluta ao político. Em lugar destas últimas, propõe “a verdade enunciada por Peguy [...]: ‘o essencial é que em

---

“queremos que nos falem da vida [...] a Vida que temos de viver, mais ainda, que temos de dominar e encaminhar pela única direcção”. Responde Alfredo PIMENTA: “fio de água que mate a sede de certeza e de esclarecimento só numa fonte se encontra: na do Evangelho”. E mais adiante: “se tem já um conceito de vida, para que demónio lhe servem os estudos vivos feitos à luz desse conceito”. Note-se a diferença nos conceitos utilizados: *vida* como algo de extrínseco, que se conhece, se domina e encaminha, a que Melo Furtado quer reflectida; *vida* como entendimento seguro do real, como princípio revelado e norma de acção, a que Alfredo Pimenta lhe contrapõe; *vida* como dinamismo profundo, não necessariamente tematizado ou objectivável, a vida em Cristo de Cinatti.

<sup>118</sup> “Também nós, os de Lisboa...” (1941).

<sup>119</sup> Nas primeiras décadas do séc. xx, as doutrinas de Charles Maurras, agnóstico confesso, exerceram influência sobre importantes sectores da Igreja Católica, nomeadamente em Portugal, mesmo depois da sua condenação formal. O papa Pio X, a 6 de Julho 1913, testemunhou apreço pela sua defesa “do princípio da autoridade [e] da ordem” e caracterizou Maurras de “corajoso defensor da Santa Sé e da Igreja” — cit. in *The Christian Centuries*, V, London 1978, 52–53 (trad. minha). Apesar desta simpatia inicial, foi ainda Pio X quem condenou as teses de Maurras. Em 1925, Pio XI reafirmou na Encíclica *Quas primas* a primazia da lei moral e religiosa sobre os interesses nacionais e estabeleceu a Festa de Cristo Rei para o recordar anualmente. Em 1926, tornou pública nova condenação, agora da *Action française* como tal, ao mesmo tempo que relançava a Acção Católica. “A *Action française* não só atribuía um valor absoluto ao interesse nacional, justificando por isso o recurso a quaisquer meios, por mais iníquos, como também, e nisso se jogava algo de mais fundamental, atribuía um carácter absoluto ao Estado, contradizendo com o seu conhecido lema ‘la Politique d’abord’ o princípio Católico de que a política se deve subordinar sempre à moral” — *The Christian Centuries*, V, London 1978, 550 (trad. minha). Na polémica entre gerações que vimos seguindo no semanário *Acção*, quer Manuel Múrias quer Dutra Faria, dois dos intervenientes da geração mais velha, afirmam-se discípulos de Maurras.



cada ordem, em cada sistema, *a mística* não seja devorada pela política a que deu origem.' ” <sup>120</sup>

A expressão “mística” presta-se a confusões <sup>121</sup>. Na frase de Peguy, significa o núcleo de experiência vital na origem de qualquer sistema de organização social e política, que estes devem salvaguardar e alimentar. Cinatti vai no mesmo sentido, mas mais longe. Explicará depois que, ao utilizar a expressão, pretende referir a tradição de “um S. Bernardo, uma Santa Catarina de Siena, uma Santa Teresa d’Ávila ou um S. João da Cruz” — grandes mestres com o espírito hierarquizado, homens ou mulheres que sabiam distinguir.

Num mundo em transformação acelerada, a grande questão é distinguir o essencial do secundário; discernir entre o que é bom e verdadeiro e aquilo que o não é; manter como critério existencial uma experiência humana verdadeiramente fecunda. E nesse esforço destaca-se a relevância cultural da vida mística. Entendida como disponibilidade à acção da graça santificante e como experiência duma união transformadora com Deus, ela é uma referência decisiva no interior duma sociedade e duma cultura que se pretendam humanas <sup>122</sup>. Nela dá-se a procura e a redescoberta dos “elementos vitais” de todas as doutrinas: da fome d’Aquele “que nos enche a alma”, da coragem de lutar por fins que sejam “degraus para a nova Jerusalém” <sup>123</sup>.

Fruto duma formação ascética e doutrinal exigente <sup>124</sup>, vida mística não é, nesta perspectiva de Cinatti, questão de sentimento,

<sup>120</sup> A citação é feita em francês, sem indicação da fonte: “*L’essentiel est que dans chaque ordre, dans chaque système, la mystique ne soit point dévorée par la politique à laquelle elle a donné naissance.*”

<sup>121</sup> É Cinatti quem, noutro artigo, o reconhece: “O uso deplorável do termo místico tem servido de emblema [...] a toda a experiência religiosa ou pseudo-religiosa desde que venha sobrecarregada de uma certa dose de coração.” — “Mística em Dia” (1943).

<sup>122</sup> Cinatti acentua a vertente da vida mística entendida como resposta à vocação de santidade, dando pouco relevo aos estados de consciência excepcionais. A perspectiva de Cinatti é a mais ortodoxa, embora nem sempre a mais generalizada. Note-se que a ligação vida mística, entendida neste sentido, e transformação social é sublinhada pelo CONCÍLIO VATICANO II ao lembrar que o caminho da santidade, por exigir em simultâneo o amor a Deus e ao próximo, tem como efeito que “por esta santidade uma vida mais humana é fomentada na sociedade terrena” — *Lumen gentium*, 40.

<sup>123</sup> “Também nós, os de Lisboa...” (1941).

<sup>124</sup> “Quanto mais aspirar às formas mais elevadas da graça santificante até ao repouso definitivo da União transformadora, tanto mais deverá assentar em sólidos fundamentos de

mas experiência radical da condição humana: na sua dependência de Deus; na abertura à Sua vontade; na comunhão com os todos os homens e mulheres que Ele ama. Incompatível, portanto, com a absolutização da política da tradição maurrasiana.

Quando, em resposta a Alfredo Pimenta, recorre a expressões como a “vida em Cristo que d’Ele faz nosso Mestre” e “a vida em graça de Deus”, não se trata, pois, de lugares comuns teológicos. São a forma de Cinatti referir as raízes da sua motivação, intimamente relacionadas com o sentir da sua Fé, e testemunham o conhecimento dessa pedagogia clássica da espiritualidade cristã que é o seguimento de Cristo <sup>125</sup>.

O alcance desta linguagem é afirmar como possível e desejado um olhar novo sobre o mundo, sobre os acontecimentos e sobre as pessoas. Um ver a partir de outro lugar, para lá das distinções ideológicas e culturais; a partir daquele ponto onde tudo se integra de novo e se harmoniza <sup>126</sup>, mas que, por ser radicalmente Outro, se atinge não pelas análises “de qualquer filósofo orientador”, mas somente pela conversão <sup>127</sup>. Trata-se, pois, de apreciar a realidade a partir ou à luz de Jesus Cristo, “causa da nossa existência, o mundo do nosso conhecimento, a ordem da nossa vida”<sup>128</sup>, até sermos

---

doutrina e de ascetismo [...] A vida mística pode-se comparar a uma catedral gótica, que se ergue muito acima das habitações circunjacentes [...], quanto maior for a sua altura mais profundas deverão ser as fundações.” — “Mística em Dia” (1943).

<sup>125</sup> O seguimento de Cristo começa pela imitação e culmina na experiência identificação expressa por S. Paulo ao escrever: “Já não sou eu quem vive mas Cristo que vive em mim” (Gal 2,20). Isso mesmo encontramos, como aspiração de Cinatti, no *Diário de 1941*: “Viver em Jesus Cristo até quando d’Ele me não lembrar, de modo que quando me preocupar comigo próprio seja Jesus e não eu a causa da minha preocupação” — 16 a 19 de Março, *Diário de 1941*.

<sup>126</sup> Sobre Deus como ponto de reconciliação para lá de todas as diferenças, encontrei no espólio um texto manuscrito desta época em que se lê: “Católicos somos pois, um complexo de contrastes e não de contradições. Sem deixarmos de ser fracos afirmamos *pela vida* a perfeição. É em Deus que nos unificamos, em Deus presença real em todos nós, jamais na criatura de Deus ou neste caso, na caricatura de Deus, i.e., no homem signo-ideal criador de princípios que se não coadunam com a existência de outros homens e que por isso só poderá formular hipóteses para um mais hipotético futuro. Católicos somos pois essencialmente dinâmicos porque nunca nos contentamos com ilusórias perfeições. Pelo contrário, na medida em que mais comunicarmos com Deus mais tudo somos e mais com todos comunicamos” — “Ser Católico” (inédito).

<sup>127</sup> A temática da conversão é introduzida no segundo dos dois artigos com que intervém nesta polémica.

<sup>128</sup> Citado sem indicação da fonte em “Também nós, os de Lisboa...” (1941).

movidos, como Ele, pelo desejo de atingir acima de tudo a união dos espíritos na paz: *cohoerentia pacis*. Ou seja, interessarmo-nos, como Ele e com Ele, pelo essencial: “a alma do homem. E essa existe num comunista como num nazista”<sup>129</sup>.

A experiência pessoal, a formação técnica e a tradição da Acção Católica não permitiam que Cinatti se ficasse pela visão simplista de uma aplicação imediata do desejo à realidade; da tradução espontânea das intuições da Fé em realizações sociais e políticas. Sabe que uma coisa são os princípios, as teorias, as propostas doutrinárias, outra “os problemas que o nosso estudo levanta [...] de uma realidade imediata, concreta, viva, que a todo o instante pede uma solução, por transitória que ela seja”. A transformação eficiente das circunstâncias históricas exige um estudo competente desses problemas e das soluções possíveis a adoptar. “Eis por que são da maior oportunidade os ensaios filosóficos, sociológicos, económicos onde se ponham em prática, em trabalho, através das estruturas encontradas, os ideais que professamos.”<sup>130</sup>

Fundamenta-se em Tomás de Aquino para justificar esta exigência duma articulação da Fé com a razão. Encontra no teólogo medieval o respeito pela razão e pela pesquisa científica, ao mesmo tempo que a afirmação clara da centralidade de Deus no ordenamento harmónico da criação<sup>131</sup>. Por isso, em sua opinião, há todo o interesse em divulgar amplamente o pensamento de S. Tomás “aos engenheiros, aos médicos, aos agrónomos, aos futuros engenheiros-sociais, etc., etc.”

São os únicos capazes de realizar S. Tomás no século xx, de o trazerem à Terra, de o encarnarem de novo, nunca como a maior parte dos neo-tomistas, que vivem

---

<sup>129</sup> *Ibid.*

<sup>130</sup> *Ibid.*

<sup>131</sup> A admiração de Ruy Cinatti por S. Tomás de Aquino é testemunhada, de forma explícita, sobretudo nesta polémica com Alfredo Pimenta. No espólio encontram-se duas páginas manuscritas pelo poeta intituladas “Alguns pensamentos de S. Tomás para uso próprio” (provavelmente dos seus tempos de universitário). Noutra folha manuscrita, encimada da indicação “Cap. VIII”, diz-se da obra de S. Tomás: “Eu confesso [...] que ao ler a sua filosofia recebo uma impressão peculiar muito poderosa análoga à poesia. É bastante curioso que de certo modo se assemelhe mais à pintura e recorda-me muitíssimo o efeito criado pelo *melhor* dos pintores modernos quando lançam uma luz crua sobre objectos rígidos e rectangulares [...] Talvez porque na sua obra existe uma qualidade que é primitiva, no melhor sentido desta palavra tão mal empregada. Seja como for o prazer havido é definitivo não só para a razão mas também para a imaginação” — “Texto sobre S. Tomás” (provavelmente da mesma época).

inchados de conhecimento, mas de uma esterilidade afrontosa: “constroem células como as abelhas, mas não as enchem de mel”; são os únicos, repito, com aquele sentido da realidade que tanto caracteriza S. Tomás.<sup>132</sup>

A contraposição do conhecimento estéril de uns e o “sentido da realidade” de S. Tomás não é casual. Encontrámos uma distinção semelhante na primeira das “Cartas a um Vanguardista” (1939), publicada dois anos antes n’*O Jornal da MP*. Aí distinguia entre teorizar e pensar, a que dava sentidos muito precisos.

Agora contrasta a acumulação de conhecimentos que nenhum impacto têm sobre a vida com o pensamento que S. Tomás protagonizou: um conhecimento sério, criativo, sempre em vias de elaboração através dum diálogo leal com a reflexão de outros e orientado exclusivamente pelo desejo de aceder àquilo que as coisas são, para lá de qualquer sistema; um caminhar contínuo na sabedoria, disposto a retomar sempre de novo a experiência gerada na relação com o mundo, com os outros e com Deus, para a situar e entender criticamente à luz da razão e da experiência ímpar da revelação divina na tradição bíblica.

Conservar, ao nível da reflexão, esta abertura atenta à experiência e à alteridade residual do mundo e, portanto, também dos outros e de Deus, não é fácil. Requer mesmo uma certa ascese, pois que o desejo tende a antecipar-se ao pensar. A esse nível, a metodologia das ciências e das técnicas contemporâneas faculta uma formação adequada. Daí, na opinião polémica de Cinatti, serem os cientistas e os técnicos “os únicos capazes de realizar S. Tomás no século xx”. Mais tarde alargará a outros esse sentido de abertura. São eles os que vivem a amizade ou o amor. E evocará, a esse respeito, o “sorriso benévolo, talvez um pouco irónico” com que pais e avós encaravam “os sonhos da nossa adolescência”; era, apesar de tudo o sorriso “duma alegria sã que não excluía a possibilidade do imprevisto, do milagre revolucionário”<sup>133</sup>.

---

<sup>132</sup> “Também nós, os de Lisboa...” (1941). A crítica de Cinatti tem algum parentesco com passagens do livro *Antimodeme* (1922, <sup>2</sup>1926) Jacques MARITAIN, a que se refere neste artigo. Mas, ao contrário do que à primeira vista seria de esperar, enquanto Maritain se dirige contra as correntes de pensamento laicas e anticatólicas, Cinatti ataca frontalmente “a maior parte dos neotomistas”.

<sup>133</sup> “Depoimento de um universitário” (1943), 1.

Não nos surpreende, portanto, que o “pensar” seja associado por Cinatti à virtude da “prudência”<sup>134</sup>, o “conhecimento” ao “sentido da realidade que tanto caracteriza S. Tomás.”

Mas, sonhada pela imaginação e pensada à luz da Fé com o auxílio das várias ciências, a transformação da sociedade passa ainda, e necessariamente, pela acção. É, por isso, indispensável que haja quem saiba incarnar, pela integridade de vida, a novidade que preconiza:

alguém que nos acompanhasse [...] um *leader* acima de tudo moral e actual, um santo que fosse capaz de jogar foot-ball, sem sentir o espírito ofendido [...] um homem, enfim, acima de tudo. Um homem profundamente religioso, isto é, ultramoderno e não apenas antimoderno no errado sentido da expressão, mas sim no de Maritain. <sup>135</sup>

Torna-se indispensável e urgente formar pessoas não só de cultura mas de acção; norteadas por critérios superiores, não pelas aparências das realizações materiais conseguidas, nem pelos aplausos dos outros ou pela consagração das autoridades públicas.

É a vida interior em nós que nos traça os limites das nossas possibilidades e que nos faz sentir honrados se, dentro dessas possibilidades, por pequenas que elas sejam, rendermos o máximo [...], exigências que em nós representam a salvação da alma. <sup>136</sup>

Cinatti esboça aqui o seu entendimento da vocação cristã. Ela a consciência dum apelo a não ser deste mundo; a ser-se livre por não ter no mundo, nem na lógica interna da cultura ou da sociedade a que se pertence, os critérios e os fins últimos por que se luta <sup>137</sup>.

---

<sup>134</sup> “A generosidade [dos jovens na expressão das suas convicções e do seu ideal não-esclarecido] é uma grande virtude quando acompanhada de prudência, caso contrário redunde em egoísmo ou prodigalidade. Conheceis a parábola do Filho Pródigo, que se arruinou por não dirigir os seus gastos, ou a história de qualquer rapaz que usou de meios indignos para conseguir os seus fins” — “Cartas a um Vanguardista sobre a arte e vocação literária [ -I ]” (1939), 4.

<sup>135</sup> “Também nós, os de Lisboa...” (1941).

<sup>136</sup> *Ibid.*

<sup>137</sup> Atitude que autores contemporâneos apelidam de “autotranscendência teocêntrica”: Cfr. o estudo interdisciplinar de L. M. RULLA, *Anthropology of the Christian Vocation*, I, Roma 1986. “Há na pessoa humana a *possibilidade*, a ‘capacidade’ de se autotranscender num sentido teocêntrico, ou seja, de ir sistematicamente para lá si própria: para lá de tudo que adquiriu, de tudo que pensa, quer e realiza, de tudo aquilo que é, para se projectar para lá da sua situação presente e atingir Deus como objectivo último.” *op. cit.*, 11 (trad. minha).

Os que assim vivem dedicam-se “ao que superiormente lhes apraz através de todas as vicissitudes, incompreensões e angústias”. Não *cumprem* algo que exteriormente lhes seja imposto; *vivem* uma experiência pessoal e assumem-na, em todos os seus contrastes, como expressão dum desígnio superior que em consciência acolheram <sup>138</sup>. Por isso

Somos imensamente sérios nas nossas brincadeiras e ansiosos de saber — como as crianças — saber, vivendo a sabedoria, encarnando as ideias apreendidas e fazendo todo o possível por as não desvirtuar. <sup>139</sup>

Mas outro elemento há a ter em conta neste processo de encarnação. Nem tudo o que pode ser sonhado e projectado é, só por isso, possível. Há condicionantes que limitam a acção. E entre elas, a do respeito pelos outros, com os seus projectos e sonhos diferentes. Por isso, na frase final do artigo Cinatti introduz a noção de escatologia presente na tradição cristã do martírio — que, por sua vez, enraíza na meditação da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Os fins idealizados poderão não ser atingidos, mas a luta por eles, rectamente travada, contém-nos em gérmen. Nesse sentido, o testemunho possível é redentor e manifestação antecipada do Reino:

é a nossa Fé que, mostrando-nos a impossibilidade de realizar certos fins, nos comanda e nos infunde coragem para lutarmos, por esses mesmos fins, degraus para a nova Jerusalém, aproximações à Face de Deus visível, em nós Vivo, em nós Triunfante, Eterno, Infinito.

*Sed tantum dic Verbo* <sup>140</sup>

---

<sup>138</sup> “Católicos somos pois, um complexo de contrastes e não de contradições. Sem deixarmos de ser fracos afirmamos *pela vida* a perfeição” — “Ser Católico” (inédito). “Nós não somos deste mundo, mas é no mundo que eu vivo. Em cada pensamento, em cada acção, os teus desígnios serão revelados, até onde o sonho me levar. O meu coração estremece ao teu apelo.” *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 37.

<sup>139</sup> “Também nós, os de Lisboa...” (1941).

<sup>140</sup> Cfr. Ap 21-22. A nova Jerusalém, obra de Deus, é a cidade da fraternidade, da reconciliação; nela os servos de Deus o “verão face a face” (Ap 22, 4). Nos que, encorajados pela Fé, dela dão testemunho (marturion), lutando apesar da “impossibilidade de realizar [para já] certos fins”, Deus revela-se Vivo e Triunfante. A palavra do Centurião — agora lema de Cinatti —, é uma afirmação final de humildade que qualifica o tom triunfalista da frase anterior: se Deus se revela ou não na luta dos que n’Ele crêem, depende de Deus e da Palavra que só Ele pode proferir.

### **“Não voltaremos atrás”**

No seu estilo cáustico, Alfredo Pimenta rebate o artigo de Cinatti <sup>141</sup>. Trata-o demoradamente, mas revela dificuldade em entender a linha de pensamento do seu jovem interlocutor. Limita-se a ridicularizar até à exaustão a ideia de “um santo que jogue *foot-ball*” e insinua que Cinatti “não teve habilidade bastante para ocultar a força verdadeira que o inspirou”.

Cinatti responde com um longo texto explicativo intitulado “Não voltaremos atrás” (16 Out. 1941). Começa por manifestar o seu profundo desagrado com o recurso à chacota como arma para o debate. “Todo o homem tem o direito de ser combatido com lealdade.”

Não é apenas o processo a desgostar-nos: é o tom que anima o discurso. Temos convivido com a gente rude do campo e do mar e sabemos distinguir muita nobreza de alma por detrás de expressões mais ou menos agrestes, mais ou menos grosseiras. É o falar do povo que, penetrado de um espírito finíssimo, se sobreleva à ironia de pessoas que, por motivos óbvios, apenas sabem defender-se com a ironia. Transposto o problema para o campo da literatura [...] diremos preferir a um Eça de Queiroz ou a um Anatole um Villon, um Rabelais, um Gil Vicente, um Chaucer — homens saudáveis que mesmo na revolta ou no sarcasmo não deprimiram a vida. <sup>142</sup>

Quanto às insinuações de haver uma força encoberta que o inspirou a intervir no debate, Cinatti contra-ataca, pondo a claro as contradições de quem combateu um parlamentarismo que nos meandros das maquinações partidárias perdeu a capacidade de afirmar os valores por que lutava: “Pois de que serve apregoar Deus, a Pátria e o Rei se o pregão enferma dos vícios condenados pelo autor no parlamentarismo? Que é dessa alegria sã que acompanha a proclamação de verdades superiores?”

A vida pública continua a decorrer sem ética nem sentido espiritual. O facciosismo e a desconfiança de que Pimenta dá mostras, são prova suficiente dos limites da revolução política e da “mentalidade detestada [...] que mais ou menos — salvo raras excepções caracteriza uma geração”. O objectivo de Cinatti e dos seus colegas é romper com este quadro: “por já termos a mentalidade

---

<sup>141</sup> “Carta a todos os jovens”, *Ação* (2 Out. 1941) 4.

<sup>142</sup> “Não voltaremos atrás” (1941), 4.

nova que preconiza o Sr. Doutor Oliveira Salazar, eis que estamos agora combatendo por uma revolução moral”<sup>143</sup>.

A “revolução moral” que se propõe acrescentar à revolução política — e que noutro lugar considera verdadeira obra de “renovação nacional”<sup>144</sup> —, não obedece nem se traduz num programa político alternativo.

Antes se assemelha ao clássico exame de consciência, aplicado à sociedade em geral e aos seus dirigentes em particular <sup>145</sup>. Nisso reflecte a reacção espontânea e talvez ingénua duma sensibilidade religiosa diante da complexidade dos fenómenos políticos e sociais. Mais tarde irá amadurecê-la numa proposta cultural <sup>146</sup>, mas o caminho que aponta neste artigo não vai muito além do desafio à conversão pessoal e à actuação digna no contexto da profissão <sup>147</sup>. Aquilo que faz da sua visão uma proposta curiosa é o facto de centrar-se, em última análise, no que poderíamos chamar uma *atitude de conversão inclusiva ou solidária*: ele próprio e os seus companheiros do CADC e da JUC, herdeiros da geração criticada e membros da mesma comunidade humana, não se eximirão à responsabilidade por

---

<sup>143</sup> *Ibid.* O contexto do artigo, e o facto da polémica se travar num jornal e com uma figura apoiantes do regime, podiam levar-nos a interpretar esta colagem ao Doutor Oliveira Salazar como uma argumentação *ad hominem*. Mas a sinceridade da admiração do poeta por Salazar, nesta época, é comprovada por referências várias. Só nos anos '60 se torna perceptível um afastamento crítico.

<sup>144</sup> Carta a Francis Stilwell, 5 de Junho 1942.

<sup>145</sup> Assim repudia, “como em mim próprio repudio, as imperfeições de carácter, os hábitos tão dificilmente controláveis pela consciência, as complacências a que a nossa natureza se abandona com tanta facilidade, a timidez na Fé e no sentimento, a dureza de coração, o embotamento do gosto por tudo que é sobrenatural, a tirania da convenção e da fórmula, etc., etc., etc. — enfim, tudo e todas as serpentes que por desconhecimento, negligência, desequilíbrio espiritual ou privação da Graça acolhemos ao nosso peito, de que alimentámos e favorecemos a vida, e que acabam por nos cristalizar, não só no homem velho de S. Paulo, mais do que isso — no homem velhíssimo que provou todas as taras iniciais” — “Não voltaremos atrás” (1941), 5. O significado exacto deste contraste entre o “homem velho de S. Paulo” e o “homem velhíssimo” não é claro. Talvez distinga a condição de Paulo antes da sua conversão — apesar de tudo zeloso e combativo pelo que entendia ser justo —, da condição de Adão após a queda. Num trecho do diário retoma a imagem neotestamentária do “homem velho” superado pela morte que o amor lhe impõe: “Acho que posso empregar esta palavra [assassínio] se por meios legítimos destruir o ‘homem velho’ em muitos dos meus amigos, sendo eu o primeiro a submeter-me à experiência” — 24 de Março, *Diário de 1940*.

<sup>146</sup> Ver adiante, na p. 70ss, o projecto da revista *Aventura*.

<sup>147</sup> Sobre a relevância da vida profissional no pensamento de Cinatti nesta altura, ver adiante a p. 58s e ainda a nota n.º 149.



“uma culpa que nos não pertence mas de que nos saberemos penitenciar”<sup>148</sup>.

Subjacente, mas não abordada directamente, está um dos pontos fulcrais de toda a polémica: o caminho duma revolução moral exige o respeito pela diferença e pela liberdade pessoal.

O corpo do artigo aprofunda três pontos, aflorados no primeiro texto e ridicularizados por Alfredo Pimenta. As explicações esclarecem o alcance prático da revolução moral que propõe. Enumera-os do seguinte modo:

- 1.º O problema de S. Tomás e dos engenheiros, etc.
- 2.º O problema da Santidade e do *foot-ball*.
- 3.º O problema-surpresa de termos saído das Juventudes Católicas, de pertencermos a elas e, para completar — facto que o autor por motivos desconhecidos evitou — o de termos saído ou de pertencermos aos corpos da MP [Mocidade Portuguesa].

O comentário de Cinatti ao *primeiro ponto* testemunha a mesma *desvalorização da questão política* perceptível na maioria das contribuições dos outros intervenientes, e criticada como ingénua por Alfredo Pimenta<sup>149</sup>. A seu ver, é o “*problema económico-social*” que está em causa. A questão de regime foi resolvida pela geração anterior. Instituiu-se um sistema corporativista.

Conhecem-se cristãs as bases do corporativismo — e, no caso particular do corporativismo português, não só as bases mas também as estruturas; são uma actualização, à luz das encíclicas, do corporativismo medieval.<sup>150</sup>

Aceite o sistema, em coerência haverá que reconhecer que as encíclicas sobre as quais assenta “fundamentam-se em S. Tomás” e visam “à resolução do problema social”. Aí radica a exigência da

<sup>148</sup> “Não voltaremos atrás” (1941), 4.

<sup>149</sup> Cinatti considera-se pouco dotado para a política. Mas não quer isso dizer que se desinteresse da vida pública e do bem comum. Sente-se chamado a concretizar a sua responsabilidade social e a preocupação com o bem comum por via da actuação profissional e da vocação poética. “Que me interessa a política? Há pessoas que se interessam pela política e devem tomar nela uma feição activa. A minha política reduz-se a cumprir o melhor possível dentro daquele sector a que a minha profissão me obrigar ou dentro daquele mundo a que a minha vocação me levar. Os meus direitos são estes e é preciso que os entendam de futuro aqueles que de mim procuram mais do que eu coerentemente posso oferecer.” — 2 de Maio, *Diário de 1940*.

<sup>150</sup> “Não voltaremos atrás” (1941), 5.

“revolução moral” que pretende levar por diante. É que, no entender de S. Tomás, a moral alarga-se bem para lá da esfera do comportamento privado ao campo da justiça social.

Tal como Cinatti o idealiza, o corporativismo responde a uma época de crescente especialização. Obriga a pensar cada área restrita do saber e da vida profissional em termos duma realidade global, dum bem comum. O seu carácter essencialmente cristão faz dele um sistema em que “se não pode ser unicamente intelectual ou técnico; onde, além destas duas condições, se tem de ser *moral*”<sup>151</sup>. E acrescenta, não “moral como indivíduo” — embora naturalmente o não exclua —, mas moral “de acordo com a doutrina do sistema”. Ou seja, “os técnicos de hoje [...] têm uma função sacerdotal”: nas diversas instâncias da sociedade que animam no exercício da sua profissão, incarnam, conscientemente ou não, uma determinada hierarquia de valores. Cabe-lhes, portanto, o dever de assumir criticamente e explicitar os valores que a sua actividade traduz; a visão do homem e da sociedade que a sua obra implica. “Além de construírem pontes, curarem doentes, cultivarem os campos, estabelecerem normas de conduta de acordo com a economia [...] terão de ser, acima de tudo, educadores.”

Como as antigas corporações, também as actuais só encontram justificação social, moral e religiosa se contribuírem para o cumprimento deste dever; se mediarem entre os interesses e perspectivas sectoriais dos seus membros e as exigências do bem comum.

Note-se, porém, que Cinatti não está a propor a subordinação das profissões aos interesses propagandísticos do poder político. O elemento crítico que introduz — e que dá consistência à sua visão universalista —, é a noção subtil de que a legitimidade e a “moralidade” da “doutrina do sistema” assentam não em determinados princípios filosóficos, políticos ou ideológicos, mas no facto de “ser cristã”.

Ao contrário de Alfredo Pimenta, que reclama para o cristianismo uma vocação totalitária, Cinatti considera a sociedade de matriz cristã tendencialmente plural, posto que “por ser cristã, abraça todas as variações possíveis”<sup>152</sup>. Para o primeiro, o sistema político é avaliado pelo modo como enquadra e defende um conjunto imutável de doutrinas e comportamentos morais e religiosos que, na

---

<sup>151</sup> *Ibid.*

<sup>152</sup> Esta questão é desenvolvida por Cinatti no editorial de *Aventura* — ver adiante, p. 74ss.

sua perspectiva, consubstanciam a essência da Fé cristã. Para o segundo, a Fé cristã é antes de mais uma realidade vital, irreduzível às explicitações doutrinárias, por mais importantes que estas possam ser; não é possível circunscrevê-la a uma determinada organização política; antes pelo contrário, é ela que pode e deve inspirar sistemas de modo a que se abram à procura incessante da Verdade<sup>153</sup>, às exigências da Justiça e ao dinamismo universal da Caridade. Na perspectiva de Cinatti, portanto, o técnico que se situa no interior dum sistema de raiz cristã, dará corpo a uma sociedade — plural gerada na criatividade e no diálogo, não na indiferença, ou seja na ausência de diferenças assumidas —, desde que saiba evitar na resolução prática dos problemas o erro “do primado da vida activa sobre a vida do pensamento e da caridade”. Para o conseguir, aos “engenheiros, médicos, agrónomos, etc.” compete, na sua actuação profissional, equilibrar “num todo harmónico e hierarquizado [...] não só as tendências interiores [como] — o que é mais grave — as tendências e solicitações comandadas pelo ambiente exterior”. E nisso S. Tomás foi mestre.

“Qualquer manual de acção católica”, explica Cinatti, respondendo à *segunda questão*, informaria Alfredo Pimenta como são compatíveis a santidade e o *foot-ball*. Mas interessa não perder de vista o essencial. O exemplo pretendia simplesmente chamar a atenção para o “espírito desportivo, de lealdade, de boa disposição, mesmo através dos maiores sofrimentos e, além disso, da difícil virtude de saber perder — desportivamente”<sup>154</sup>. Trata-se de virtudes essenciais a uma vida em sociedade que seja tolerante, aberta mas não indiferente; antes afirmativa. E sem esta dimensão humana a mensagem cristã não tem onde incarnar; a Graça não tem onde enraizar. “Porque os santos são homens que em si realizam o ditado antigo — *gratia supponit naturam*. E os homens fazem-se, não nascem.”<sup>155</sup>

Por isso, diz Cinatti, aprecia as figuras “de homem com pés ‘fincados na terra’ de Dürer, de Holbein e dos “nossos primitivos”, ao passo que não lhe agradam tanto

as figuras não menos belas mas menos reais de concepção idealista de El Greco, de olhar esgazeado, para o nada, com vestuários e braços incapazes de sustentarem uma arma ou uma enxada, ou de mastigarem o pão duro dos lavradores.

<sup>153</sup> Cfr. “Depoimento de um universitário” (1943), 1.

<sup>154</sup> “Não voltaremos atrás” (1941), 4.

<sup>155</sup> *Ibid.*, 5.

Para que a Fé transforme realmente a vida das sociedades, há que combater “uma falsa noção de piedade”<sup>156</sup> que esquece que “a graça exige uma natureza saudável, profunda e estável”; “de outro modo, o sobrenatural fica no *ar* [...] é como um fantasma sem vida nem sangue que desaparecerá à primeira torrente de vida forte brotando de fontes abundantes e naturais”.

O *terceiro ponto*, sobre a participação simultânea na JUC e na Mocidade Portuguesa, tem a ver, esclarece, com *a articulação da Fé — e da exigência de santidade a ela associada — com a participação na vida pública*.

O desejo de conseguir uma síntese entre estas duas dimensões, afirma Cinatti, não representa qualquer inovação ou desvio, mas resulta de “estarmos perfeitamente integrados nos princípios do Evangelho e nas doutrinas da Igreja”. Situa-se na linha da atenção própria do cristão ao mundo que o rodeia, “conscientes do mal do nosso tempo, desejosos de lhe pôr cobro ou de o desviar para caminhos que pouco a pouco o tornem menos mal”.

Não se consideram detentores duma via alternativa para a sociedade; duma solução partidária cristã que pretendam infiltrar subrepticiamente no sistema. A qualidade própria da sua intervenção como católicos passa por dois elementos que entre si se complementam. Em primeiro lugar, pela relativização de todas as propostas avançadas: “porque sabemos o que há de transitório e de precário em todas as soluções unicamente humanas”. Em segundo lugar, pelo dinamismo que a condição de crentes incute nas actividades em que participam, ao visar para além das concretizações imediatas assim “restaurar uma concepção espiritual que realisticamente impregne essas soluções”<sup>157</sup>.

Na prática, isso implicou assumir a sua condição de portugueses. Ele e os seus colegas fazem-no, participando na Mocidade Portuguesa. Mas aquilo que os caracteriza, nessa participação, é a recusa de qualquer atitude sectária: “não nos isolamos do mundo dos outros rapazes que connosco não pensam”<sup>158</sup>.

---

<sup>156</sup>Veja-se também a passagem da carta ao P. João Cabral, 1941, citada no início deste capítulo.

<sup>157</sup>Explicita deste modo a afirmação no artigo anterior de que “somos [...] pelo partido de Cristo-Rei”. Trata-se dum entendimento da intervenção cristã no temporal, tributário do magistério de Pío XI (cfr. Encíclica *Quas primas*) e do pensamento de Jacques MARITAIN (cfr. *Primaute du Spirituel*).

<sup>158</sup>É neste sentido, e não no de proselitismo, que a meu ver deve ser interpretada a resposta dada por Cinatti a João Gaspar Simões quando, em 1937, numa fase menos

A terminar, Cinatti introduz um quarto ponto: a questão que Pimenta afirmara tanto o ter surpreendido no debate, ou seja *a inquietação destes jovens católicos*.

Ao polemista não se afigurava possível que jovens católicos, nacionalistas e monárquicos pudessem viver inquietos. Deviam sentir-se seguros nos princípios da Fé e enraizados nas lições de grandeza colhidas na História da Nação. A inquietação é própria de não-crentes, de desorientados.

O que estava em causa era saber *se a atitude de Fé é compatível com a novidade*. Para Pimenta o novo só podia ser entendido em termos dum melhor esclarecimento quer dos acontecimentos da História quer das verdades da Revelação — daí a sua insistência no catecismo e na apologética. Mas para vários dos seus interlocutores a alteração das circunstâncias históricas e a evolução do saber humano pediam respostas novas à Fé e requeriam pelo menos “estudar soluções e interpretar doutrinas”<sup>159</sup>

Cinatti introduz uma nova dimensão no debate deste ponto: a da existência “de certos espíritos que, perfeitamente integrados no conjunto e trabalhando para o bem comum, vão um pouco mais longe como pioneiros de um descobrimento e conquista a realizar”.

São eles os “invendáveis, os de coração puro, os inquietos, os angustiados, os desamparados”.<sup>160</sup> Os que, “não necessitando de entrar em conventos e vivendo como leigos, em si realizaram uma mensagem de verdade cujo destino quebra as amarras do Tempo para navegar nas águas do Eterno”.

Se vivem inquietos, tal não se deve nem à desorientação nem à debilidade da sua Fé, mas ao facto da “mensagem de verdade” que em si realizam os tornar sensíveis “ao estado de coisas verdadeiramente ‘angustioso’ ” com que o mundo se debate <sup>161</sup>. Nisto se distinguem

---

amadurecida, este lhe perguntou como conciliava a independência de espírito com a participação na Mocidade Portuguesa. A resposta, um tanto enigmática, foi que: “não acredito nos bons resultados estando em guerra com aqueles que quero trazer para mim” — *Diário de 1937-38*, p. 16.

<sup>159</sup> Eduardo Freitas da COSTA, “Conversa sem pretensões”: *Ação* (16 Out. 1941) 1; Cfr. Antônio Martins da CRUZ, “Mais uma carta aberta a Alfredo Pimenta”: *Ação* (23 Out. 1941) 4.

<sup>160</sup> As características apontadas bem como a referência ao facto de serem “pioneiros do descobrimento” sugerem que o poeta se considera incluído nesta “elite”.

<sup>161</sup> Refere-se, por certo, à Guerra Mundial.

e poderão ser reconhecidos: “por envolverem o mundo num abraço de apaixonada e misericordiosa solidariedade”<sup>162</sup>.

Cinatti não nega a existência de “motivos primeiros que na alma do homem geram a inquietação”. O seu próprio caso é disso um exemplo evidente. Mas não são esses “motivos primeiros” necessariamente os determinantes. O estado que provocam, devidamente assumido, pode fazer desses inquietos “os mais certos, os mais verdadeiros, os mais ordenados *porque* mais conscientes de si próprios”<sup>163</sup>. E são eles, levados à verdadeira aventura do espírito, que hão-de encontrar coragem para destruir “todas as imagens definidas, todos os retratos em que os querem obrigar a fixar-se”.

A influência desta elite faz-se sentir na sociedade “segundo um processo que aparentemente tem o carácter de ‘tentação’”. Exerce-se mais pela atracção do que por qualquer domínio ou capacidade de convencimento. “Os vestígios da [sua] passagem fecundam as mentes que porventura nem sequer lhes sonham a origem”.

É verdade que Cinatti nos diz que “eles impõem-se aos outros homens ocultamente”. Mas não se trata de secretismo <sup>164</sup>. A expressão remete para uma forma de influência envolvente, não ostensiva, “como à vida se impõe o mistério que a torna digna desse nome”. É a renúncia a si próprios e o facto de se darem “por um mais alto ideal, sem procurarem rebanhos que os sigam senão a companhia dos seus irmãos na Terra” que, na sua exemplaridade, atrai e transforma.

Estes inquietos, feridos talvez por circunstâncias pessoais mas sensíveis aos graves acontecimentos do mundo, são quem, rompendo com o formalismo religioso, incarna a vitalidade do Evangelho. Ao invés dos que seguem uma “concepção cómoda da vida — cristã ainda assim —, ou melhor de um paganismo moral elevado, [...] aqueles que ainda hoje adoram um Deus morto”, estes “lutam pela restauração do Deus vivo — eles que já em si O trazem — comprovando as palavras de S. Paulo: ‘terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo’”.

---

<sup>162</sup> Como os seus escritos e a sua prática testemunham, podemos dizer que é esta a motivação central da sua própria atitude ecuménica. Observe-se, como aqui se reflecte uma dominante do magistério dos papas desde BENTO XV, e se antecipam expressões que caracterizam o magistério social de JOÃO PAULO II (cfr., por exemplo, a noção de *misericórdia* na Encíclica *Dives in misericordia* e a noção de *solidariedade* na Encíclica *Sollicitudo rei socialis*)

<sup>163</sup> Sublinhado meu.

<sup>164</sup> Aliás contrário ao espírito e à actuação do poeta, e desmentido pela forma como neste artigo e sempre declara abertamente as suas origens, filiação e projecto.

E a sede de Deus traz consigo a exigência de serem “mais religiosos e menos honestos”<sup>165</sup>, ou seja, “mais religiosos e menos leitores desses compêndios de moral que até agora só têm conseguido conservar o reino da iniquidade rebaixando o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob à profissão vil de caceteiro”.

A um meio católico que “adere Deus apenas às suas conveniências” Cinatti contrapõe quem “se abandona a Ele com plena confiança”, indiferente ao escândalo que as suas atitudes levantam.

A crítica atinge, igualmente, a racionalização doutrinal, também ela uma fuga ao Deus vivo: “esse mundo fechado onde se ordenam todas as irregularidades, onde se explicam todos os mistérios mas de onde se exila a razão da Fé”.

Por fim, aponta o fundamento teológico da atitude de abertura aos outros e a Deus que preconiza. O cerne da Fé, a “razão” que lhe é própria, radica não numa “sabedoria de *logos*” nem na assimilação do “Evangelho a um sistema qualquer”, mas num facto histórico. E “toda a salvação está nesse facto: o Filho de Deus na Cruz”<sup>166</sup>.

Termina com um apelo aos colegas, que prossigam o caminho da Fé viva:

Para diante, arrastados na mesma vontade que a nossa Fé comanda e na mesma força que a nossa razão orienta, [...] procurando atingir galhardamente, segundo o conselho do nosso querido mestre Charles Péguy — “*ce grand modernisme du coeur, ce grave, cet infiniment grave modernisme de la charité*”.

*Sed tantum dic Verbo*

## A revista “Aventura” (1942)

No início da década de '40, Cinatti assume-se “católico militante”<sup>167</sup>; um dos *inquiets*, que o são por terem sede do Deus

<sup>165</sup> Como o paralelismo da frase seguinte indica, *honesto* não tem aqui o sentido de *honrado* ou *íntegro* mas sim de *conformado* ao que é socialmente aceite.

<sup>166</sup> As expressões transcritas neste parágrafo são atribuídas por Cinatti ao P. FESTUGIÈRE, O.P., mas sem indicação da fonte. Ele próprio não desenvolve as afirmações. Nesta etapa da sua vida, as referências explícitas a Jesus Cristo são raras e deixam a impressão duma cristologia embrionária. Em parte isso será devido ao estado da reflexão cristológica que lhe era acessível na época, em parte à sua sensibilidade religiosa — na altura mais atreita à figura maternal de Maria e à imensidade envolvente de Deus.

<sup>167</sup> Qualificativo que continua a atribuir a si próprio em 1985 — cfr. “Conversa inacabada [III]” (1985), 41.

vivo. No ramo da Acção Católica a que pertence, isso significa dispor-se a exercer o apostolado junto dos colegas e intervir como católico no mundo da cultura.

Em Novembro de 1941 encontramos-lo particularmente animado. A participação na polémica com Alfredo Pimenta foi bem aceite e ajudou-o a vencer inibições <sup>168</sup>. Sente-se estimulado:

Os meus artigos na *Acção*, à parte pequenos momentozinhos de vaidade, deram-me muita confiança e definiram melhor as responsabilidades que sobre mim pesam ou aquelas que eu provoqueei levado por um instinto que tem qualquer coisa de *fatum* e quase sempre em contradição com os meus instintos naturais. <sup>169</sup>

As responsabilidades que sobre ele pesam ou as que provocou com as suas intervenções, têm a ver com a projecção que, no mundo da cultura, seis anos de vida universitária, a publicação dos *Cadernos* e o seu primeiro livro de poesia lhe concederam. Em mente traz uma ideia que há tempos vem amadurecendo: o lançamento duma revista. António Seabra, estudante de Medicina e membro da JUC nesta altura, recorda como no final dos anos '30:

Juntou dez amigos, entre os quais eu me contava e, à mesa do Martinho, discutíamos e planeávamos a revista, que seria mensal e se iria chamar *Utopia*. Cinatti seria o director e Eduardo Freitas da Costa, chefe de redacção. Todos estávamos entusiasmados para colaborar e todos achávamos que a nossa revista ia ser o modelo e o guia da literatura, da arte, do bom gosto e da modernidade. Não nos interrogávamos sobre se nós, os dez componentes da equipa, teríamos bagagem e talento. Tínhamos vinte anos e pensávamos que isso chegava para sermos donos da verdade. Claro que a revista não passou das conversas de café. <sup>170</sup>

Em 1941 – 42 a situação é diferente. Há dois anos que a Europa se dilacera numa conflagração de alcance mundial. Embora Portugal não se envolva directamente no conflito, também aí “os ânimos”, diz-nos Cinatti, “andavam desligados, quase antagónicos”<sup>171</sup>. Politicamente, as tensões preocupam o regime. E em termos culturais torna-se evidente que algo de novo terá de ser pensado.

---

<sup>168</sup> Meses antes, lembrava “o tempo passado e o que é presente, em que eu me intimido por razões secundárias, me calo, temendo o escândalo da Verdade.” — carta ao P. João Cabral, 1941.

<sup>169</sup> 6 de Novembro, *Diário de 1941*.

<sup>170</sup> António SEABRA, *O meu tempo*, Lisboa 1989, 157.

<sup>171</sup> “Ouvindo Ruy Cinatti” (1960), 554.



Pouco depois do debate no semanário *Acção*, Cinatti dirige-se ao Prof. Marcello Caetano, amigo e Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, e expõe-lhe a ideia da revista. O projecto é bem acolhido, e no mesmo dia Cinatti apresenta um esboço do editorial ao responsável da censura, o Tenente-Coronel Salvação Barreto. A reacção surpreende-o positivamente:

“O senhor é o rapaz que eu como rapaz esperava há muito tempo. Porque eu tenho 52 anos, mais interessado como estou no problema da renovação da mentalidade portuguesa vejo pela primeira vez surgir alguém que traz consigo a promessa dum grande sonho. Atravessamos um período de ininteligência nacional. A sua ideia é enorme, magnífica, eis porque não a deixarei levar a cabo sem conversar demoradamente consigo, sem o senhor me convencer. A ideia é enorme e seria muito triste vê-la estragada.” [...]

E eu convenci-o. Falei-lhe abertamente, francamente, disse-lhe como a revista seria a carne da minha carne, o espírito do meu espírito, com uma veemência não alheada de um sentido da realidade que definitivamente o convenceu. [...]

O editorial, disse-me depois, seria apresentado ao Dr. Salazar que, segundo me disse, se interessa vivamente por uma publicação desta ordem, que traga e contribua à unificação das actividades culturais do país.

“Deixe-me preparar o terreno para que o Sr. obtenha todas as facilidades. Não tenha pressa, não me afogue.”<sup>172</sup>

O diálogo revela a transparência que sempre o caracterizou diante das questões do poder. Dada a sua função, é evidente e natural o interesse do tenente-coronel em integrar o projecto no quadro mais amplo dos objectivos políticos do regime. Por momentos, quando se dá conta da orientação da conversa, até mesmo Cinatti parece sentir o perigo da manipulação:

Referimo-nos depois às diversas personalidades com cuja colaboração eu conto. Falámos em Política, na Igreja, no Estado. Compreendi-o, embora de princípio me sentisse um pouco *uneasy*.<sup>173</sup>

<sup>172</sup> 27 de Novembro, *Diário de 1941*. Sobre a sua responsabilidade pela revista e o cargo de director que nela assumiu, produz em 1982 o seguinte comentário: “Na nota 8, p. 118, do Guilherme de Castilho [*Correspondência Jorge de Sena / Guilherme de Castilho*, Lisboa 1981] sou dado como ‘um dos directores da revista *Aventura*.’ Quem tiver a revista verá que fui sempre o único director, pois nem sequer o corpo redactorial nomeado no 1.º número alguma vez funcionou. O Kim ainda quis ser director mas o director da Censura, coronel Salvação Barreto, que era seu primo e pai do pegador de touros que entrava no filme *Quo vadis*, achou que a responsabilidade da revista deveria recair toda sobre mim.” Carta a Mécia de Sena, 2 de Março 1982.

<sup>173</sup> 27 de Novembro, *Diário de 1941*.

*Aventura* não é uma inovação radical. Está em linha de continuidade com os *Cadernos de Poesia* e participa “dos mesmos anseios que os motivaram”, embora pretenda “abranger sectores menos adstritos à expressão poética”<sup>174</sup>.

A intenção, porém, é mais interveniente. Cinatti parece considerar a abertura dos *Cadernos* um tanto passiva — como se depreende da sua afirmação que “a preocupação metafísica de *Aventura* nada tinha que ver com o acomodamento dos *Cadernos de Poesia*”<sup>175</sup>.

O seu entusiasmo pela ideia leva Jorge de Sena a chamar-lhe a atenção para o risco que representa, em termos do futuro dos *Cadernos*, uma tal dispersão de esforços. Mas Cinatti responde:

Nunca pensei em descurar os *Cadernos*. Pelo contrário, como V., julgo as duas publicações indispensáveis e vou dar aos *Cadernos* toda a minha boa vontade. Há tantos factores a agirem. Uns interiores: o facto de ir dirigir a *Aventura*, o facto dos meus amigos estarem presentes nas duas publicações. Outros exteriores: *Coimbra* até que eles se portem como gente civilizada e acabem com o espírito de tribo selvagem.<sup>176</sup>

O tempo revelou como eram fundados os receios de Sena. Mas para Cinatti a abertura militante de *Aventura* representava, na altura, um gesto de equilíbrio pessoal. Amigos íntimos partiram no mês de Dezembro<sup>177</sup> e a perda reflectiu-se na sua tendência para a introversão e para a viagem retrospectiva.

Lembrei-me hoje de escrever um livro de memórias; ideia antiga que eu gostaria de realizar. [...]

Anoitecendo a vida recomeça... Eis-me chegado a novo período de vida em que o passado já se recorda com saudade, como uma coisa que não volta mais mas de que

---

<sup>174</sup> “Ouvindo Ruy Cinatti” (1960).

<sup>175</sup> *Ibid.*

<sup>176</sup> Carta a Jorge de Sena, 28 de Dezembro 1941.

<sup>177</sup> A 11 de Novembro Pedro d’Avillez casa com Maria de Lourdes Torre do Valle — irmã de Manuel Torre do Valle. Um mês depois, é enviado para Inglaterra em missão da Força Aérea Portuguesa. Francis Stilwell, adjunto do adido naval da Embaixada Britânica, é chamado a integrar os serviços do Almirantado no Norte da Escócia. A anteceder a anotação do diário que a seguir se cita, lê-se: “O Pedro foi na Sexta-feira para Inglaterra. [...] O Francis hoje veio muito calmo com a notícia de que fora chamado pelo Almirantado para ir a Inglaterra. [...] *The feeling of something that is going away.*” — 14 de Dezembro, *Diário de 1941*.

é necessário guardar os momentos mais significativos, aqueles que marcam a vida e lhe dão uma direcção.<sup>178</sup>

Ao desejo reavivado de escrever um livro de memórias podemos talvez atribuir os artigos “Metamorfoses duma gaivota” (1942) e “Ângulo do Desterro” (1943) — que retomam a experiência da sua primeira estadia na ilha da Berlenga. Mas, de imediato, aquilo que o prende é o seu segundo livro de poesia: *Anoitecendo a vida recomeça*<sup>179</sup>, que publica em Abril de 1942.

No entanto, quanto mais publica mais difícil se torna resguardar-se das solicitações exteriores. Ainda em Abril, queixa-se a Jorge de Sena: “Andam a massar-me por causa de comunismos, democracias, anarquias, monarquias, *politiques d’abord*, confusão *d’abord*, etc., etc. Eu sou filho de Deus! J.C.N.S. [Jesus Cristo Nosso Senhor].”<sup>180</sup> Como sempre, cioso da sua independência, quer escolher ele próprio o modo de intervenção. E é na sua condição de cristão que procura o fundamento da sua liberdade.

O primeiro número de *Aventura* data do mês seguinte, e os efeitos do lançamento são sintomáticos.

Nos movimentos em que milita, Cinatti é logo convidado a assumir novos compromissos. Em Junho a sua vida é um fervilhar de actividades culturais:

Além dos estudos, sou agora orientador e locutor da Mocidade Portuguesa na Emissora Nacional, trabalho que me dá bastante que fazer e do qual eu só recebo uma satisfação moral. Também sou redactor do novo jornal dos Universitários Católicos, a *Ala*, para a qual contribuo com poemas, artigos, ecos, etc. Além disso há a *Aventura*.

Nunca pensei que a *Ala* e a *Aventura* me dessem tanto que fazer: nunca pensei ser abandonado por todos na *Aventura*. Todos querem que se façam coisas, mas contribuir com um mínimo de trabalho, isso é outra história...<sup>181</sup>

<sup>178</sup> 14 de Dezembro, *Diário de 1941*. A expressão “Anoitecendo a vida recomeça...”, que surge no diário pela primeira vez nesta passagem, já fora referida antes em carta a Jorge de Sena: “O meu segundo livro de poemas terá o título: *Anoitecendo a vida recomeça*... É dum poema que começa: ‘Anoitecendo, a vida recomeça/Como no céu mais vivas as estrelas.’” — carta a Jorge de Sena, 5 de Dezembro 1941. Não foi, por enquanto, possível localizar o poema.

<sup>179</sup> O último texto de prosa-poética recolhido no livro situa-nos “no Inverno e quase no Natal” — *Anoitecendo a vida recomeça*: *Obra poética*, 96.

<sup>180</sup> Carta a Jorge de Sena, 21 de Abril 1942.

<sup>181</sup> Carta a Francis Stilwell, 5 de Junho 1942.

Uma interrogação legítima é se esses que lhe pedem “que se façam coisas” compreendem o alcance das propostas por que luta. Mas, entendido ou não em todas as suas implicações, o espírito de *Aventura* dá voz à inquietação de alguns que não se querem arregimentados ideologicamente.

Em Coimbra, Ruben Leitão acolhe a iniciativa como uma lufada de ar fresco num ambiente inquinado: um gesto em favor da liberdade de expressão.

Nos corredores da Faculdade surgia o neo-realismo, receita de um estado novo ao contrário. [...] Havia que emborcar, e estar calado, saindo fora da linha resultava levar na cabeça. [...] Tudo era verdade, quem não estivesse dentro da ordem nova, um excomungado. Havia que pertencer a uma ordem maçónica. Estar junto, amancebar o nosso espírito. Talvez a exigência da época, pensava eu. [...] Como haviam de aceitar um artista? Um artista só se aceita quando há liberdade de expressão. [...] Se [Eça de Queirós e Raul Brandão] ainda respirassem, seriam pasto para se queimarem vivos, tanto por parte dos neo-realistas como dos estados novistas, ambos totalitários, ambos negadores de uma verdade de expressão que se sobrepunha à sua receita. Como podia eu ter consciência de culpa de um crime que não praticava?

A resposta foi dada pelo Cinatti ao publicar a revista *Aventura*. Ele não fazia cerimónia para dizer a verdade, menos ainda o Jorge de Sena, o Carlos Queirós, a Sophia, o José Blanc de Portugal, o Casais e tantos outros que colaboravam — “numa cidadela fundamentada na *Amizade*”. [...] O Cinatti era — e teve a virtude de continuar a ser — o *enfant terrible* que passa incólume pelos anos, pelas situações, pelas instituições, gato por cima de vidro partido sem se beliscar. O *Çai* seria para mim, passados quase vinte anos, motivo de inspiração para a personagem do Cavaleiro da Barbela. Ele sabia bem, e continua a saber, o que me horizonta de fundamental — *porque sem liberdade a poesia não vale a pena, e o resto também não*.<sup>182</sup>

O jornal católico *Novidades* publica em primeira página uma apreciação igualmente positiva, realçando a atitude dialogante do projecto:

é grato ver católicos aparecerem a encarar com largueza de espírito problemas de cultura, sem estarem com a preocupação estreita de só conviverem e comunicarem com pessoas de determinada marcação cultural.

Mostram assim que compreendem e sentem que de facto e como dizem “qualquer coisa de notável aconteceu no mundo para todos os homens de boa vontade.”<sup>183</sup>

<sup>182</sup>Ruben A., *O mundo à minha procura*, II, Lisboa 1966, 156-158. A esta afirmação Cinatti responde em 1976 com o poema “Liberdade” que dedica a Ruben A. — cfr. *A Luta* (Lisboa, 5 Agosto 1976) 2 — o poema é posteriormente integrado em *In Memoriam Ruben Andresen Leitão*, III, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1981, 1213.

<sup>183</sup>A. de Sousa GOMES, “Vida nova”: *Novidades* (10 Agosto 1942) 1.

Nem todos, porém, vêm na atitude assumidamente católica de *Aventura* um elemento a valorizar. A história das relações entre a Igreja e o mundo da cultura, em Portugal, condiciona o acolhimento manifestado. No editorial do primeiro número lia-se: “A orientação espiritual da revista está claramente definida pelo FACTO de sermos, em maioria, católicos. Como tal nos comportaremos”<sup>184</sup>. A afirmação era de imediato qualificada por outra: “como elementos de um organismo que visa a uma obra de verdade temporal, sê-lo-emos, em princípio, por inspiração. Daí, abstermo-nos de directrizes propriamente confessionais”<sup>185</sup>. Apesar desta abertura dialogante a reacção não se faz esperar, e em carta a Jorge de Sena, membro da redacção, Cinatti dá conta que “é aliás o ponto debatido pelas esquerdas e pelas direitas (pelas direitas ouviu!) ‘Porque é que aquele *chato* do Cinatti veio meter catolicismo numa revista?’”<sup>186</sup>

A perspectiva católica não era accidental. Era da essência do projecto. Há muito que defendia o princípio que “as ideologias não podiam dividir os homens; haveria — tinha que haver — plataforma onde todos se entendessem sem mesmo abdicar dos pontos de vista”<sup>187</sup>. No caso da revista esta intenção — “sempre difícil de objectivar” — de comunicar para além de todas as diferenças ideológicas era, a seu ver, “muito paradoxalmente facilitada pelo facto único do seu catolicismo”<sup>188</sup>.

Para este ponto, aliás, soube T. S. Eliot chamar a atenção, quando, em carta dirigida ao director de *Aventura* (e publicada no n.º 3) afirmou: “é que eu estou convencido que a unidade última da Europa não pode realizar-se através de identidade de organização política ou de uma federação política legal, ou de um vago amor fraterno ou ainda de uma identidade de interesses das massas populares, mas através da unidade da Fé Cristã, da unidade na diversidade de civilização e culturas que a Cristandade fez nascer no passado.”<sup>189</sup>

<sup>184</sup> “Editorial Ordem e Aventura” (1942).

<sup>185</sup> *Ibid.*

<sup>186</sup> Carta a Jorge de Sena, 21 de Julho 1942. Para uma noção de como Cinatti assume o seu catolicismo, veja-se a afirmação apologética do texto “Ser Católico” (inédito) citada atrás, na nota 126.

<sup>187</sup> “Para começar detestava poesia...” (inédito).

<sup>188</sup> “Ouvindo Ruy Cinatti” (1960). “Foi o que provei no terceiro número de *Aventura*, revista que editava à minha custa: Eliot — inglês — Wolfgang Kayser — alemão. Ou em qualquer dos outros: Casais Monteiro — esquerdista — Blanc de Portugal — das direitas. Exemplo: Peguy socialista ... Jeanne d’Arc.” — “Para começar detestava poesia...” (inédito).

<sup>189</sup> “Ouvindo Ruy Cinatti” (1960).

## Um projecto de renovação cultural

O desafio apontado por T. S. Eliot fora já assumido por Cinatti no editorial do primeiro número da revista, a que deu o título de “Ordem e Aventura”. Em termos de orientação geral, seguiu de perto as linhas propostas por Jacques Maritain para as colecções literárias: *Le Roseau d’Or* e *Les Iles*. Mas a afirmação de que o editorial d’*Aventura* é “uma paráfrase do admirável prefácio subscrito por Jacques Maritain quando do início” dessas colecções<sup>190</sup>, peca por excesso de modéstia. Com efeito, embora os grandes princípios sejam os mesmos, o modo como são enquadrados e as implicações que deles se deduzem vão mais longe e a abertura ao diálogo é mais radical.

Os tempos, também, eram outros. As propostas dominantes na Europa dos anos ’20 e ’30, tinham ruído. Talvez a Guerra viesse ainda a revelar um efeito providencial, aniquilando os nacionalismos e partidarismos exacerbados que contrapunham pessoas, grupos e sociedades inteiras<sup>191</sup>. Mas, para emergir da tragédia um tal sentido redentor, havia que pensar o futuro. E, como o nome indica, *Aventura* pretendia contribuir para esse esforço de descobrimento “de uma nova era de cultura, de uma mentalidade nova”.

Desde logo, assumia o desafio ao nível dos princípios e da metodologia. Se o fracasso dos modelos anteriores se deveu em boa medida à sua mútua excomunhão, o desejo que informa *Aventura* é precisamente o inverso. Partindo das potencialidades da Fé Católica,

---

<sup>190</sup> “Editorial — Ordem e Aventura” (1942), nota (I). A colecção *Le Roseau d’Or* foi lançada por Jacques Maritain em 1925 — a expressão refere-se à cana de ouro com que, no Livro do Apocalipse, o anjo mede a “nova Jerusalém” (Ap 21, 15). A colecção terminou em 1928. Quatro anos depois, Maritain lançou uma nova colecção a que deu o título *Les Iles* (1932). O prefácio desta 2.ª colecção retoma e desenvolve o essencial do manifesto publicado no lançamento de *Le Roseau d’Or*. Mas enquanto o *roseau* “significava para nós que as questões do espírito têm uma medida que não é a do mundo. As *Iles* fazem referência aos Salmos e a Isaías, e recordam a universalidade da expectativa e da mensagem”. — “*Les Iles*”: *Oeuvres Complètes*, V, Paris 1982, 1080 (trad. minha).

<sup>191</sup> Em Julho de 1942 Cinatti comenta as divisões que atravessam a sociedade portuguesa em geral e os meios intelectuais em particular: “Isto aqui vai de mal a pior. Nunca vi tanta confusão. Não há duas pessoas que se entendam. É muito engraçado mas é sintoma muito grave que eu não sei o que trará. Digo-lhe francamente que perante tanto vício de consciência só a guerra poderá dar uma limpeza a tudo isto. É evidente que como homem detesto a guerra mas vendo-a à luz da Providência compreendo-a, aceito-a, reconheço-lhe virtudes.” — Carta a Jorge de Sena, 21 de Julho 1942.

apresenta-se como plataforma para o debate dum projecto que assegure tanto a unidade como a diversidade próprias da tradição cultural europeia e nacional.

Há uma questão de fundo a enfrentar. As sociedades estão a ser transformadas por forças que não dominam, e para as entender Cinatti propõe a metodologia de qualquer ciência que se preze. Desloque-se a questão do debate ideológico para a realidade vivida. Analisem-se sem preconceitos as correntes de pensamento e as perspectivas em presença — objectivo que os *Cadernos de Poesia* provaram ser possível. O “convívio” de posições aparentemente antagónicas, desde que representadas por testemunhos “de qualidade e valor”<sup>192</sup>, há-de permitir

estabelecer as leis psicológicas que actualmente estão formando o mundo, que actualmente lhe estão caracterizando a existência, de modo a sermos, desde já, os obreiros de uma realização que só longinquamente se poderá objectivar.<sup>193</sup>

Em coerência com este objectivo, a revista irá fomentar o confronto entre perspectivas marcadas pelo sinal da diversidade, “reunir depoimentos diferentes uns dos outros, já pela natureza dos assuntos versados, já pelo processo como foram conduzidos, já pela realidade dos homens que os inscreverem”<sup>194</sup>. O diálogo valerá por si. Não visará um qualquer consenso fácil, nem a adesão de todos a uma verdade comum. Espelhará a realidade multiforme da condição humana, e estará nisso o seu valor: será uma experiência de comunicação.

Daí estarmos convencidos da impossibilidade de nos circunscrevermos a qualquer forma particular, e já arcaica, de cultura; daí lutarmos por um espírito de simpatia em relação a novos descobrimentos; procurarmos apresentar, através das suas obras, homens que se desconhecem e que, arrastados pela mesma aspiração, porventura se combatem.<sup>195</sup>

A proposta retoma o anseio de Guillaume Apollinaire, também ele poeta e católico, que no final da I Grande Guerra pedia o fim da “querela longa da tradição e da invenção/da Ordem e da Aventura”<sup>196</sup>.

---

<sup>192</sup> “Editorial — Ordem e Aventura” (1942).

<sup>193</sup> *Ibid.*

<sup>194</sup> *Ibid.*

<sup>195</sup> *Ibid.*

<sup>196</sup> Guillaume APOLLINAIRE, “*La jolie rousse*” (1918). O poema de Apollinaire é citado por Jacques Maritain nos dois prefácios que Cinatti afirma terem-no inspirado:

“Estabelecer-se-á, assim”, diz Cinatti, “um traço de união entre a AVENTURA e a ORDEM, de ora-avante unidos, não mais separados, não mais objecto de odiosos partidarismos”<sup>197</sup>.

Uma questão se coloca, porém. Relativizados os sistemas e as correntes de pensamento, com que critério hão-de ser seleccionados os contributos? Unicamente pela qualidade, responde Cinatti. Recorre por isso à noção clássica dos atributos transcendentais do ser, e de entre eles elege o Bom e o Belo. Não são em si uma realidade absoluta, embora para ela apontem, e têm em seu favor não serem passíveis de ulterior justificação, sendo por isso eminentemente explicáveis e discutíveis <sup>198</sup>.

“quando do início da colecção *Roseau d’Ore*, mais tarde da colecção *Les Iles*” — “Editorial — Ordem e Aventura” (1942), nota I. Alguns dos versos relevantes do poema são os “seguintes: *“Me voici devant tous un homme plein de sens [...] Ayant perdu ses meilleurs amis dans l’effroyable lutte / Je sais d’ancien et de nouveau autant qu’un homme seul pourrait des deux savoir / Et sans m’inquiéter aujourd’hui de cette guerre / Entre nous e pour nous mes amis / Je juge cette longue querelle de la tradition et de l’invention / De l’Ordre e de l’Aventure / / Vous dont la bouche est faite à l’image de celle de Dieu / Bouche qui est l’ordre même / Soyez indulgents quand vous nous comparez / A ceux qui furent la perfection de l’ordre / Nous qui quêtions partout l’aventure / / Nous ne sommes pas vos ennemis / Nous voulons vous donner de vastes et d’étranges domaines / Où le mystère en fleurs s’offre à qui veut le cueillir / Il y a là des feux nouveaux des couleurs jamais vues / Mille phantasmes impondérables / Auxquels il faut donner de la réalité / / Nous voulons explorer la bonté contrée énorme où tout se tait / Il y a aussi le temps qu’on peut chasser ou faire revenir / Pitié pour nous qui combattons toujours aux frontières / De l’illimité et de l’avenir / Pitié pour nos erreurs pitié pour nos péchés / / [...]”* — “as passagens citadas por Maritain são as sublinhadas.

<sup>197</sup> Editorial — Ordem e Aventura” (1942). Em nota, Cinatti cita a afirmação de T. S. Eliot de que a novidade no campo da arte introduz uma alteração na ordem existente: “e assim, as relações, proporções, valores de cada obra de arte perante o conjunto total são reajustados; a isto se chama conformidade entre o antigo e o moderno.” — *loc. cit.*, nota (I) (trad. de Cinatti).

<sup>198</sup> Dada a influência de Maritain, pressupõe-se, nesta leitura, que a perspectiva de Cinatti é mais aristotélica e tomista do que platónica. Os atributos transcendentais do ser — o *uno*, o *verdadeiro*, o *bom* e o *belo* — são intercambiáveis com a própria noção do *ser* (*passiones convertibiles*, na expressão de Duno Escoto). A diferença encontra-se no modo como o sujeito se relaciona com outro ser. Sendo, na sua utilização medieval, conceitos essencialmente metafísicos, têm também e necessariamente uma projecção existencial. Vejamos o caso do Bom, apresentado por Cinatti como critério de selecção dos contributos para a revista. “*Bonum est quod omnia appetunt*”, afirma S. Tomás, citando Aristóteles, e explica: “o bom e o ser são idênticos na realidade, mas o termo *bom* expressa um aspecto de apetência que o termo *ser* não contempla.” — *Summa Theologica* I, q. 5, a. 1 (trad. minha). Para apreciar devidamente esta observação importa recordar que o verbo *appetere* traduz os sentidos de “tender para” e “atrair”; e que, por isso, vai mais longe que o sentido habitualmente atribuído ao movimento de “desejar” e ao “desejável”. Enquanto o desejo



O que é BOM vale. O que é bom pertence a um património comum, comunicável, real, nacional, universal. Por nos situarmos acima de partidários, inspirados por uma concepção superior a todas as fórmulas puramente humanas, diremos que o BELO vale e, na sua forma mais transcendente, poderemos acrescentar que o belo se alça a um bem mais alto que o bom, visto estar intimamente ligado ao *BENEPLACITUM DEI*, ao seu bel prazer — sinal identificador do ético e do estético.<sup>199</sup>

Este critério de selecção, necessariamente aberto à novidade, não se compadece, por exemplo, com a simples repetição do “modernismo que o é só por dele nos separar um curto espaço de vinte anos”. O que “havia de valor perene” nesse movimento ganhou “relevância e continuidade” com o tempo e não pode hoje ser retomado senão no quadro mais amplo da história a que pertence.

Mas não confundamos — pois aqui se equilibram tradição e invenção, a Ordem e a Aventura. A novidade também não se encontra no facto de recusar fixar-se em qualquer modelo cultural determinado. Embora seja esse o ponto de partida para o descobrimento, trata-se duma atitude que, também ela, tem as suas subtilezas e uma longa tradição — e, no caso português, é mesmo um traço característico da identidade nacional.

---

se anula na fruição, a relação implícita no verbo *appetere* mantém-se, aprofunda-se e justifica-se a si mesma, não visa para além de si, nem a sua própria anulação. A noção do Bom não equivale, portanto, ao desejado e ao útil, mas antes qualifica uma relação que atrai o sujeito porque, nela própria, ele se enriquece e aperfeiçoa — ou *perfaz* — no ser. Assim, determinado conhecimento recolhido na revista *Aventura* podia ser simultaneamente desejado, útil e bom, ou pelo contrário inesperado (e portanto não desejado), inútil (sem aplicação prática, ou não passível de instrumentalização) mas, apesar de tudo, bom. Em ambos os casos a selecção far-se-ia pelo facto de ser bom.

<sup>199</sup> Implícita nesta passagem está a rejeição de qualquer censura ou sujeição a “directrizes propriamente confessionais”. Curiosa é a associação que Cinatti estabelece entre o ético e o estético. No discurso religioso o BELO é habitualmente colocado a um nível inferior ao BOM e este, por sua vez, analisado em termos do VERO. Cinatti estabelece o belo, “na sua forma mais transcendente”, como critério último. A lógica da sua afirmação entende-se, a meu ver, à luz da narrativa bíblica da criação. O texto do Livro do Génesis, com a força poética que o caracteriza, diz que em cada dia Deus olhou o que tinha criado “e viu que era bom”. A bondade intrínseca da criação é completada e atinge a plenitude no agrado, ou *beneplacitum*, que proporciona ao seu Criador (no exemplar de Cinatti da obra de Artur RIMBAUD encontra-se sublinhada uma frase que parece reforçar esta leitura: “*Le combat spirituel est aussi brutal que la bataille d’hommes; mais la vision de la justice est le plaisir de Dieu seul*” — “*Adieu*”: *Une saison en enfer*). As implicações para a fundamentação duma ética são consideráveis pela articulação que permitem das noções paulinas da Lei e da Graça. Penso ser nesta linha, da rejeição dum voluntarismo ao estilo de Pelágio em favor duma ética de

Como portugueses, consideramos nefasta qualquer expressão de cultura que sobre si própria se debruce, se isole e se contente, negando a comparação e o intercâmbio, como se não fosse prova definitiva, confirmada pela nossa história, o facto de sermos bem mais nacionais, bem mais conscientes das nossas qualidades intrínsecas e possibilidades, quando mais DESCOBRIMOS e nos descobrimos perante o mundo.<sup>200</sup>

Aceite o programa e o critério de qualidade que a ele irá presidir, e já que a revista se dirige especificamente ao contexto português, convém “discernir [...] no *mare magnum* do que nos é desconhecido” os elementos que contribuam “para o fortalecimento do que a tradição denominou de nacional — de personalidade nacional”.

Chegado a este ponto, a argumentação, até aqui linear, sofre uma ruptura aparente<sup>201</sup>. Cinatti retoma o princípio da “inspiração integralmente cristã” da revista — anunciado nos primeiros parágrafos mas passível de ser interpretado aí como simples constatação da proveniência dos responsáveis —, e afirma que essa inspiração define perfeitamente a “orientação” de *Aventura*. A relação que ela poderá ter com o discernimento dos contributos mais válidos para “o fortalecimento do que a tradição denominou de nacional” aclara-se se recordarmos que, para Cinatti, a identidade nacional enraíza na tradição católica. É a inspiração cristã que fundamenta a atitude dialogante preconizada pela revista, mas é ela também que se encontra na origem do universalismo característico da “personalidade nacional”.

Apesar de tudo, insiste em não considerar “confessional o carácter específico da revista”. O facto da orientação ser cristã e católica dá-lhe um duplo título de abertura<sup>202</sup>.

---

cariz mais agostiniano, que se poderá interpretar a afirmação um tanto enigmática de Cinatti, numa carta a Jorge de Sena de 13 de Julho 1942: “não lhe basta assentar a vida numa ética da vontade se ela não for acompanhada por uma ética da Graça”.

<sup>200</sup> “Editorial — Ordem e Aventura” (1942).

<sup>201</sup> A impressão resulta de Cinatti ter introduzido as questões do critério de avaliação e da atitude de descobrimento, e regressar agora à reflexão de Maritain nos prefácios atrás referidos.

<sup>202</sup> Embora aqui siga quase literalmente a reflexão de MARITAIN, Cinatti introduz-lhe uma inflexão significativa. Diz o autor francês: “Dois motivos nos levam a recusar uma etiqueta confessional: o sentimento da transcendência do nome cristão (motivo inspirado duma certa discreção), e o da universalidade do catolicismo (motivo inspirado dum certo orgulho)”. No que se refere ao primeiro destes motivos, percebe-se, da frase seguinte de Maritain, que se trata de não querer associar a obras de carácter temporal “a imensidade de verdade e de vida designadas por uma palavra cujos valores são antes de tudo sobrenaturais,

“Primeiro, pelo sentido transcendente do cristianismo.” O cristianismo não é criação humana, nem se reduz a formulações doutrinárias mas, como o nome indica, nasce intimamente associado à figura histórica de Jesus Cristo e ao anúncio da revelação que n’Ele se fez da presença e do poder de Deus. Revelação, porém, que não é informação abstracta sobre a natureza divina mas testemunho duma Vida que se derrama para a salvação de todos. Por isso mesmo a orientação cristã da revista em nada se contrapõe às “verdades espirituais de ordem natural que, embora subordinadas, encerram, por si, condições suficientes de VIDA INDEPENDENTE E DISTINTA”. Antes pelo contrário, o seu fundamento cristão permitirá romper com atitudes facciosas, defensivas ou preconceituadas e olhar com tranquilidade tanto o mundo como as pessoas que Deus criou e quer salvar.

Daí resulta o segundo título de abertura da revista: “a consciência do universal no catolicismo que professamos”. Em seu apoio Cinatti, citando Maritain, apela para um princípio teológico derivada do monoteísmo bíblico e enunciado no século II por S. Justino: a doutrina de que em tudo, aquém ou além dos limites demarcados por uma Fé explícita, se encontram “vestígios de Deus CRIADORES e SALVADOR”<sup>203</sup>.

---

e que deriva do nome do Salvador do género humano” — “*Les Iles*”, *Oeuvres Complètes*, V, Paris 1982, 1073 (trad. minha). Assim, enquanto Maritain recusa uma etiqueta confessional para não rebaixar o nome de “cristão”, Cinatti afirma o nome de “cristão” para justificar o interesse e o respeito pela justa autonomia das “verdades espirituais de ordem natural”.

<sup>203</sup> A frase surge no texto do editorial como citação, mas sem indicação da fonte. Trata-se duma frase de Jacques MARITAIN — *loc. cit.* A afirmação seguinte do filósofo francês confirma a proveniência do princípio: “Desde o século II, um S. Justino expunha esta doutrina com toda a precisão desejável”; e, um pouco adiante, faz remontar a doutrina à visão de S. Pedro em Jope (cfr. Act 10, 9 - 16). O princípio será retomado pelo Concílio Vaticano II como fundamento da atitude ecuménica da Igreja Católica. No período a que nos referimos, Cinatti terá encontrado a doutrina não só em Maritain como também implícita em Cardinal J. H. NEWMAN, *Idea of a University* (“[...] our university is to represent the whole of Creation, from the beginning to the end. It is the world in miniature and we must learn to feel at home in every part of it. For there are to be no strange seas. We are navigators, as it were, and we must endeavour to chart the entire universe. It makes me think of the great mediaeval schools with their free enquire and open discussion.” transcrição de Cinatti em 12 de Março, *Diário de 1940*) e, com uma inflexão diferente, em Chesterton (“O Chesterton disse que o mundo moderno estava cheio de verdades cristãs que tinham endoidecido” — carta a Jorge de Sena, 13 de Julho 1942, ver adiante nota n.º 205).

De acordo com esta ordem de ideias, serão objecto da nossa admiração todas as expressões de beleza, todas as formas do trabalho do homem, não por um premeditado desejo de proselitismo, mas, sim, por essas mesmas expressões e por Deus motivo de toda a criação, origem de toda a justiça.<sup>204</sup>

É frequente sectores da Igreja oporem-se a uma atitude dialogante deste género. No limite, parece-lhes uma abdicação da verdade cristã, abrindo caminho às dúvidas e às hesitações em matéria de Fé; no mínimo, uma cedência às pressões do mundo, correndo o risco de diluir o anúncio do Evangelho na sua adaptação a modas intelectuais efémeras.

Cinatti antecipa-se às objecções. O projecto d' *Aventura* há-de realizar-se “sem que a verdade do mistério do Amor seja lesada, não só por aqueles que ainda a não encontraram, mas, também, pelos que já a conhecem”. A disponibilidade para acolher contributos de qualidade, admirar a riqueza do mundo que analisam e apreciar a manifestação multiforme da condição humana de que dão notícia, longe de diluir o Evangelho, será um testemunho particularmente claro desse “mistério do Amor” que importa anunciar. Por outro lado, a salvação que a Igreja proclama não se reduz a uma adesão às verdades da Fé; ela comporta igualmente uma Esperança e uma Caridade efectivamente vividas, e as fronteiras traçadas pela vivência de cada uma dessas virtudes no interior da comunidade humana nem sempre coincidem entre si.<sup>205</sup>

Este diálogo, com critério mas sem preconceitos, que *Aventura* propõe, embora naturalmente não tenha um termo preestabelecido, aponta para “a reunião dos espíritos na paz”. Não a paz da indiferença mas uma paz “dinâmica — uma paz que não exclua a espada”, que aceite o confronto leal das ideias no que respeita à vida individual e

---

<sup>204</sup> *Ibid.*

<sup>205</sup> A afirmação de que “a energia que a Igreja pode insuflar na sociedade moderna, encontra-se nesta Fé e nesta Caridade efectivamente vividas” —, é do CONCÍLIO VATICANO II *Gaudium et spes*, 42. Mas a ideia geral expressa neste parágrafo assenta na leitura que faço dum trecho duma carta de Cinatti de Julho de 1942: “É evidente que eu, sempre que qualquer pessoa me afirma assentar a sua vida nisto ou naquilo, quase sempre aceito. Aceito porque transponho as palavras alheias para o mundo da ideia católica. Assim, tudo está bem, tudo se completa, tudo se equilibra, tudo se harmoniza. O Chesterton disse que o mundo moderno estava cheio de verdades cristãs que tinham endoidecido. Eu acrescento que um homem de fé se não salva só com a fé; é necessário que juntamente com o homem de fé esteja o homem da esperança e o homem da caridade. Cada uma das virtudes só tem valor activo quando combinada com as outras duas e vice-versa. Só assim se compreende a trindade e a unidade de Deus.” — carta a Jorge de Sena, 13 de Julho de 1942.

colectiva. Uma paz, portanto, que integre uma pluralidade de perspectivas.

No contexto de 1942, uma proposta deste teor implica a disposição para acolher valores quer do projecto cultural do grupo da *Presença* quer da preocupação social do neo-realismo em ascensão. A revista “terá, pois, um carácter a que poderemos chamar de militante, não só sob o ponto de vista cultural mas no de todas as ramificações que o conceito, por sua natureza, vivifica, em especial no que se refere à vida social” <sup>206</sup>.

O termo “militante” evoca imagens de combate. E é isso mesmo que Cinatti pretende. Coerente, porém, com a proposta inicial de abertura, o combate dirige-se não contra pessoas mas contra a ignorância e o desentendimento. O objectivo último é alcançar “uma harmonia” <sup>207</sup>: “conquista difícil, e sem cessar renovada [...] expressa no aprofundamento do conhecimento do homem [...] e no dos problemas que ao homem se prendem” <sup>208</sup>.

Há, em primeiro lugar, um erro de princípio a combater. “O pensamento do mundo moderno, considerando a cultura como uma coisa em si, excluiu as contribuições que para os problemas da vida lhe trazia a religião e a ciência”. A crítica dirige-se a uma noção da cultura que a restringe ao campo das artes e da literatura e lhe atribui um valor em si mesma. A restrição isola a ciência, e esta por sua vez, “desviada do seu fim verdadeiro, o qual é fornecer ao homem uma ‘técnica intelectual’, vê-se “arvorada de súbito em bandeira de um dinamismo moral que lhe é extrínseco”. Perde-se de vista a distinção entre *ser* e *dever ser*, entre a análise da realidade própria da ciência e a avaliação das possibilidades que nela se abrem à liberdade e responsabilidade pessoais. Ou seja, apaga-se o sentido da autonomia dos valores morais e religiosos, reduzindo o entendimento da existência humana a uma leitura causal e determinista.

Cinatti tem da cultura um conceito diferente; próxima da noção antiga de sabedoria. Cultura não se reduz à soma das obras humanas, na sua facticidade, mas é uma síntese vital de elementos recolhidos de todas as áreas do saber e do agir humanos, saboreados em cada momento como expressão da consciência humana. Por isso diz dum

---

<sup>206</sup> *Ibid.*

<sup>207</sup> Note-se a palavra escolhida. Ao contrário de “unidade”, a metáfora musical da “harmonia” permite imaginar uma reconciliação que respeite ou até mesmo valorize a diferença.

<sup>208</sup> *Ibid.*

amigo: “Há até no modo como lê e critica uma grande noção do que é cultura: uma coisa viva que se saboreia e alimenta como uma maçã comida num pomar em plena manhã de sol.”<sup>209</sup>

Instância fulcral dessa síntese almejada é a religião. É ela que traz “para a civilização aquela vitalidade espiritual que o Cristianismo possui em alto grau”.

O alheamento perante a religião, a concepção falsa em que o mundo moderno fundamentou a ciência [...] condenou-o, a si próprio e à sua expressão, pelo manifesto empobrecimento, ausência de contacto com a realidade da vida dos indivíduos e das sociedades, exclusão das fontes significativas da sua existência, inversão de valores e consequente sectarismo individualista ou colectivista.

A ciência “contribuiu para a resolução de muitos problemas de pormenor”, mas é a religião que abre para o enquadramento humano dessas soluções. A ciência assenta numa reflexão generalizante e abstracta; a Fé realça o que há de único na “realidade da vida dos indivíduos e das sociedades” e relaciona-o com “as fontes significativas da sua existência”<sup>210</sup>. É na fluidez da consciência que se estabelece em cada instante a síntese dinâmica entre as diversas dimensões da vida pessoal e comunitária, e, de modo mais profundo ainda, é na consciência que se procura o sentido último da existência. A consciência é, por isso, a instância religiosa por excelência.

A conclusão lógica desta afirmação é surpreendente e, no contexto, revolucionária. Entendida assim, a “nova era de cultura, a mentalidade nova”, para a qual a revista pretende contribuir, será “na sua essência”, diz-nos Cinatti, “a resultante de uma comunidade de espíritos”. Mas uma comunidade de espíritos que na comunicação das suas perspectivas diversas possa vir a gerar a cultura dessa nova era,

---

<sup>209</sup> 6 de Novembro, *Diário de 1941*.

<sup>210</sup> Reconheço que esta leitura vai para lá do que está explícito no texto do “Editorial”, mas penso que não o deforma. A articulação entre Fé e Ciência subjacente a esta passagem parece-me análoga à que Cinatti estabelecerá um dia entre poesia e ciência: “Eu tinha a visão da paisagem, depois debruçava-me sobre os elementos da paisagem e depois tornava a levantar a vista. Isto é: fazia síntese, análise e outra vez síntese o que, noutro plano, com o mesmo fundamento e semelhantes características, se traduz por vida, morte, ressurreição.” — “Conversa inacabada [III]” (1985), 40. A associação da “análise” — neste caso a ciência por oposição à poesia — com a “morte” decorre provavelmente do facto da ciência, em nome da objectividade, pedir a elisão do sujeito. Nos outros dois polos desta tríade — a “vida” e a “ressurreição” —, sujeito e objecto reencontram-se nesse instante de “síntese” que é o emergir do conhecimento poético.

será, como vimos, necessariamente plural <sup>211</sup>, e requer, por isso, um apropriado enquadramento político e social:

o seu organismo apropriado só poderá ser uma sociedade que alie a uma tradição espiritual a livre adesão do homem; uma sociedade que possa, por o superar, coexistir com um estado político, sem o absorver nem se deixar dominar por ele.

A sociedade, nesta visão, supera a sua organização política. A vida social, e a cultura que é sua expressão, não podem nem devem reduzir-se ou deixar-se dominar pelos interesses do Estado. São de afastar, portanto, as várias formas de autoritarismo e sectarismo político.

“Pelo contrário”, insiste o texto, é previsível e desejável o momento em que os membros desta comunidade de espíritos venham a influir “na ordem do reino humano”.

A vida política do Estado será condicionada por eles, não directamente, num qualquer movimento popular ou partidário, mas indirectamente, pela vitalidade do exemplo, pela visão e pela consciência que incarnam — “à medida que, na ALMA ESPIRITUAL INCARNADA, se for dando a purificação necessária para alcançar a perfeita unidade vital” <sup>212</sup>.

---

<sup>211</sup>Veja-se como no debate com Alfredo Pimenta, relatado no capítulo anterior, se insistia na necessidade do debate e “dos ‘ensaio’ onde possamos encontrar, a par de uma cultura orientada, os fundamentos para a compreensão e resolução dos problemas que o nosso tempo discute” — “Não voltaremos atrás” (1941), 5.

<sup>212</sup>Cinatti retoma a noção de influência que em “Não voltaremos atrás!” (1941) atribui aos “inquietaos” — cfr. Capítulo II. Percebe-se a interpretação dinâmica e a aplicação ao desenvolvimento pessoal dum princípio que S. Tomás de Aquino enuncia para os seres em geral, e que Cinatti transcreve: “Quanto mais uma natureza está altamente colocada na hierarquia dos seres, tanto mais o que dela emana lhe é íntimo” — “Alguns pensamentos de S. Tomás para uso próprio” (inédito). A visão que resulta é a de uma aristocracia espiritual firmada, não pelo domínio exercido sobre outros, nem pela posse, mas pelo que é e pelo que sonha *poder ser*. Di-lo num pequeno poema: “Gritam todos: venham! / E os outros: tenham! / Aqueles que estão comigo / Sonham. Não querem, nem partem, / Encantados...” *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 53. Movido pela amizade Jorge de Sena comenta que a perspectiva adoptada por Cinatti produziu: “esta pequena obra-prima [...] em que se exprime uma comovente confiança na acção da presença pessoal, na capacidade do homem superior para *conferir* sonhos de aprofundada estabilidade e de nobre desinteresse àqueles que estiverem com ele. Mas produziu também a desfrutável disponibilidade desse mesmo homem para convencer-se que o *estar*, se entendia literalmente, sem prévio exame ao merecimento dos que o acaso ou essa disponibilidade (ai tão divertida!...) reunia à sua volta num mesmo lugar.” — “Poemas Escolhidos ‘de Ruy Cinatti’ ”: *Estudos de Literatura Portuguesa*, II, Lisboa 1988, 115.

O meu sonho — escreverá um ano depois a Jorge de Sena — seria conseguir com a revista um movimento de renovação intelectual imbuído de um grande dinamismo moral parecido com aquele que o Integralismo Lusitano conseguiu no tempo do Sardinha, evidentemente sem actividade directa na política mas com uma grande tradição religiosa a insuflá-la. Qualquer coisa de muito português à séc. xvi com Damião de Góis, Camões, Giles, D. Francisco Manuel, etc. <sup>213</sup>

A revista é, afinal, mais do que uma simples plataforma de debate. Pretende ser como que o gérmen ou vivência antecipada dessa “nova era”: uma autêntica aventura cultural. Agora se entende porque no início do editorial, ao falar duma “mentalidade nova”, se dizia que a revista “dela será a futura substância”. À semelhança de *Aventura*, também a sociedade deverá reassumir uma tradição espiritual que tenha por objectivo último a comunhão, mas que respeite a livre adesão das pessoas para a atingir.

Sem essa tradição, qualquer sociedade tenderá a fragmentar-se e a cair nesse género menor da tolerância que é o individualismo e a indiferença <sup>214</sup>. Uma verdadeira sociedade plural, pelo contrário, fomentará uma liberdade dialogante e criativa que vise a “integração espiritual” no respeito pela diferença. Será, por isso, uma sociedade cujo móbil, fundamento e modelo se encontram na experiência da amizade <sup>215</sup>.

E assim termina:

Oxalá possamos contribuir para uma obra de humanismo, de humanismo integral, como dele pensa um dos nossos mestres: Jacques Maritain. Eis o que nos propomos, agora que QUALQUER COISA de notável aconteceu no mundo para todos os homens de boa vontade <sup>216</sup>

<sup>213</sup> Carta a Jorge de Sena, 9 de Abril de 1943.

<sup>214</sup> A questão dum horizonte de sentido sem o qual não há diálogo nem comunicação possível tem que ver, do ponto de vista teológico, com o conceito do “Logos” sem o qual nada foi criado (cfr. Jo 1, 1ss). Na poesia de Cinatti a referência mais evidente encontra-se na noção do “único poema escrito” — *Nós não somos deste mundo* (1941), *Obra poética*, 63 (ver o enquadramento da expressão no final do Capítulo I deste trabalho).

<sup>215</sup> “Eis o que vamos tentar: um processo de integração espiritual comandado por uma grande esperança; uma *amitié*, como lhe chamava Peguy; uma cidadela fundamentada na AMIZADE.” — “Editorial — Ordem e Aventura” (1942).

<sup>216</sup> A frase final, introduzida aqui como justificação primeira do projecto de *Aventura*, refere-se, naturalmente, à mensagem de paz do Evangelho anunciada pelos anjos em Belém segundo as tradução latina usada nesta época, “*pax hominibus bonae voluntatis*” (Lc 2, 14 e “Glória” da Liturgia Romana).



Até à saída do último número, datado de Setembro 1944, a revista *Aventura* irá absorver muitas das suas energias. Curiosamente, tal como os *Cadernos de Poesia*, foram cinco os números publicados <sup>217</sup>. Mas, ao contrário destes, a revista não teve continuidade e a sua repercussão foi diminuta <sup>218</sup>.

Ao longo dos anos, no entanto, o projecto político e cultural que a informou manteve-se como uma referência viva para o seu autor. Com ele Cinatti se identifica ainda no início dos anos '70, como se percebe do balanço que faz do seu percurso até então:

Procurava entender: reduzir a linhas simples a complexidade das situações. A opção verdadeira realizava-se entre uma sociedade aberta e outra fechada. Péricles de Atenas escrevera: embora apenas poucos possam construir o edifício político, todos podemos julgá-lo. Platão escrevera: o grande princípio para todos: ninguém, homem ou mulher, deverá existir sem um chefe. Optei por Péricles contra Platão, prescrevendo chefia que me não fosse imposta pela razão: a do exemplo; a do bem comum por todos julgado. Optei pela sociedade aberta com grande mágua dos meus amigos comunistas e fascistas: direita, esquerdas. O lóbulo cerebral esquerdo determinava a minha mão direita. Numa sociedade fechada, os homens tinham de decepar o braço esquerdo ou o direito. Não poderia, portanto, comparticipar na sociedade fechada vigente, senão pelo exemplo: um homem inteiro. <sup>219</sup>

---

<sup>217</sup> António Cândido FRANCO fala dum sexto número da revista *Aventura* que, embora preparado, não chegou a ser publicado por Cinatti — cfr. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 224 (Out. 1986) 5.

<sup>218</sup> Em 1961 Cinatti terá projectado relançar a revista. Disso nos dá conta a resposta da Fundação Calouste Gulbenkian, de 25 de Janeiro desse ano. Nela se explicam as razões por que não será fácil obter-se um subsídio para o projecto, mas acrescenta-se que o n.º 3 da revista *Aventura*, apresentado juntamente com o pedido, “causou tão boa impressão que gostaríamos de conhecer, para nossa documentação, os outros números já publicados”.

<sup>219</sup> “Para começar detestava poesia...” (inédito). Na clareza desta visão não deixa de estar presente o calcanhar de Aquiles do seu pensamento social e político. Para a “abertura” ou “fechamento” duma sociedade não é indiferente o modo como se estrutura politicamente. Outra é a questão de avaliar a actuação mais ou menos justa de quem ocupa os cargos do poder assim instituídos. Ao afirmar que optou “por Péricles [...], prescrevendo chefia que me não fosse imposta pela razão”, Cinatti lembra a independência de espírito que procurou assumir, mas parece identificar num só os dois níveis de avaliação: o juízo a proferir sobre o “edifício político”, e aquele a proferir sobre os que ocupam os cargos de chefia e as decisões que vão tomando.



## “As praias de Deus”<sup>1</sup>

*Silêncio, murmúrio das ondas, abrindo  
As praias de Deus*

RUY CINATTI (1941)

Em Outubro de 1940, Cinatti anota no diário:

Comecei a ler Goethe — *Poesia e Realidade* — e está nele quase tudo, pelo menos, o que diz respeito à vida de um homem dotado de bons sentimentos, suficientemente culto e inteligente. Mas desconfio não encontrar mais nada.<sup>2</sup>

A passagem é citada por António Cândido Franco, para quem “esta desconfiança [...] revela [...] a inquietude de um espírito incapaz de aceitar uma ordem aparentemente estável e sensata [...] porque pressentia, muito para além dela, regiões espirituais mais perfeitas”<sup>3</sup>. A confirmar a sua leitura está a frase seguinte do diário — à primeira vista um tanto enigmática — que não cita. “Oxalá me engane”, acrescenta Cinatti, “porque Deus merece que todos os homens lhe pertençam.”<sup>4</sup>

Para Cinatti há uma contradição de fundo entre a estabilidade sensata que encontra na obra de Goethe e a pertença a Deus. Como atrás se viu, na sua perspectiva, procurar o Deus vivo implica a inquietação; requer espírito de aventura.

---

<sup>1</sup> *Nós não somos deste mundo : Obra poética*, 56.

<sup>2</sup> 6 Outubro, *Diário de 1940*.

<sup>3</sup> “Página de um diário” : *Jornal de Letras* (20 Out. 1986) 7.

<sup>4</sup> 6 Outubro, *Diário de 1940*.

Nos textos poéticos revela como assumiu esse desafio <sup>5</sup>. Relendo hoje os seus poemas, em prosa e em verso, defrontamo-nos quase de imediato com expressões perturbadoras, por vezes luminosas: perspectivas inesperadas que se rasgam sobre a vida — a que viveu de facto, a que sonhou, ou a que só de longe intuiu. Entrevemos no que escreve a “luta dentro de si próprio” — que diz ser própria dos inquietos — “para que [Deus] se revele vivo, real, como a única certeza de que não é possível duvidar” <sup>6</sup>.

Avançar para essas regiões profundas da experiência humana, onde vida e morte se enleiam, onde liberdade, pecado e Graça mutuamente se transfiguram, é fazer perigar a segurança pessoal. Mas os tempos são de ruptura. No início dos anos '40, é a própria civilização ocidental que ameaça desagregar-se. Urge descobrir caminhos de futuro, revitalizar a consciência dos indivíduos e dos povos <sup>7</sup>.

No editorial de *Aventura* (1942), quando se propunha levar por diante essa empresa, recordava que os portugueses se tornaram “mais conscientes das [suas] qualidades intrínsecas e possibilidades” <sup>8</sup> sempre que viajaram pelas estradas do mundo. Aí não descobriram só o que era cultural e geograficamente desconhecido. Descobriram-se também a si mesmos.

---

<sup>5</sup> Nas páginas do semanário *Ação* e no editorial de *Aventura* Cinatti apontava como desejável esta experiência personalizada da Fé. Mas, ao fazê-lo, não expunha abertamente a sua. Enunciava princípios orientadores da intervenção dos católicos na vida pública geralmente aceites por um grupo significativo de jovens universitários seus contemporâneos. Comprovam-no os aplausos do jornal da JUC, *Ala*, às intervenções suas e de Silva Dias.

<sup>6</sup> “Não voltaremos atrás” (1941), 5.

<sup>7</sup> Este desafio, lançado nos meios intelectuais cristãos por figuras como Peguy, Claudel, Maritain e Eliot, ganha uma acuidade particular com a II Guerra Mundial. O género de resposta encontrado por Cinatti no projecto de *Aventura* não era caso isolado. Veja-se, por exemplo, a colecção *Les Cahiers du Rhône*, lançada na Suíça por Albert Béguin em Março de 1942: “No estado actual do mundo, parece-me que cada qual se deve aplicar, não à elaboração de soluções teóricas e sistemas universais, mas a revivificar, na comunidade concreta em que se situa, a consciência do que se perdeu ou ameaça perder-se para mal de toda a humanidade. O erro — um dos erros — do último pós-guerra foi o duma generosidade desajeitada que quis começar pela organização do universo inteiro; caiu-se assim no legalismo, quando dever-se-ia ter restaurado a ordem da caridade e chamado novamente cada povo à sua *vocação* particular. Tal era a única via para uma comunidade dos povos que não podia ter outro fundamento senão a comunhão de espírito [...]” — Albert BÉGUIN, “Nos Cahiers”: *Les Cahiers du Rhône*, 1 (1942) 54 - 55 (trad. minha).

<sup>8</sup> “Editorial — Ordem e Aventura” (1942). A redacção do editorial data de Outubro ou Novembro de 1941.

Ele próprio fizera a experiência no Cruzeiro de 1935. “Eu quero, eu peço”, escrevia à partida, “que não me dispersem a atenção, é preciso que eu esteja pronto para a chegada da minha vida nova”. E, como previa, a viagem acabou por revelar-se um “caminho para o meu descobrimento”<sup>9</sup>. Mas a aventura não terminou quando aportaram de novo em Lisboa. Três anos depois, ao reviver esses momentos para fixar por escrito o essencial, confessa que “o sentimento angustiante, arrebatado [do mistério], que tive à hora da partida, é o mesmo que tenho agora, ao principiar este diário”<sup>10</sup>. Viagem física e cultural espelham-se sem se confundirem, e revelam, para lá de qualquer delas, a atracção do mistério que o faz partir.

Gradualmente, a aventura interiorizou-se. Viajava agora nele próprio. Passou a ser a “doce e amarga vida” o verdadeiro “navio da aventura!”<sup>11</sup>. Mas já não é só a si que procura. Quer descobrir algo que leve os outros e o mundo a conhecerem-se melhor e a sonharem-se diferentes. Impõe-se, com efeito, “estabelecer as leis psicológicas que actualmente estão formando o mundo, que actualmente lhe estão caracterizando a existência, de modo a sermos, desde já, os obreiros de uma realização que só longinquamente se poderá objectivar”<sup>12</sup>. Sem perder a componente física, a aventura tornou-se investigação antropológica e adquiriu um cunho de intervenção social. Mesmo quando relê o diário do Cruzeiro, escrito cinco anos atrás, e nele encontra inspiração para os seus “Poemas da Viagem”, o que canta, “de pé, de olhos em frente”, não é a exaltação que há cinco anos teria cantado “de alma alevantada”, mas os “abismos de um segredo”<sup>13</sup> que nessas páginas descobre.

Disse Maritain da aventura espiritual de Ernest Psichari que ele “desceu suficientemente longe na desordem moderna para reencontrar, ao ressurgir, todas as verdades primeiras ignoradas”<sup>14</sup>. Ora, Psichari era para Cinatti, nesta altura, “paradigma das [suas]

---

<sup>9</sup> “Partir!... Partir!...” (1938), 3.

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941): *Obra poética*, 48.

<sup>12</sup> “Editorial — Ordem e Aventura” (1942). No seu conjunto, o editorial indica como vimos que na expressão genérica leis psicológicas Cinatti inclui a atitude teológica ou espiritual que fundamenta uma sociedade aberta.

<sup>13</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941): *Obra poética*, 48.

<sup>14</sup> Jacques MARITAIN, “Antimoderne”: *Oeuvres Complètes*, II, Paris 1987, 1115 (trad. minha).

exigências salvadoras”<sup>15</sup>. E à sua luz, o caminho que se lhe abre não é reflectir sobre os problemas do mundo e suas causas, nem propor as soluções técnicas ou políticas, mas conhecer poeticamente a tragédia da condição humana<sup>16</sup> e, na consciência que emerge desse abismo, dar voz à Palavra que a redime.

Isso é possível porque as fracturas que dividem a humanidade e a lançam em campos antagónicos o atravessam também a ele.

Em mim, a guerra  
Divide os continentes.  
O laço oceânico, que embora nos unia,  
Cortaram-no.  
Restam duas flâmulas, que a pouco  
Desfalecem, sumidas  
E pouco flutuam

Nos abismos nocturnos.  
É tempo de ir em busca de outros mundos,  
Movido pelo império que em mim se usa;  
Capitão da minha escuna  
As vozes de coragem comandam  
Em todos que em mim se escutam e confiam.  
[...]

Retomará a vocação de Portugal. Partirá “em busca de outros mundos”. Há outros que esperam os frutos da sua empresa; que nele “se escutam e confiam”. As suas proveniências são diversas, mas serão eles a dar vida a uma terra ainda inculta.

[...]  
Vinde, pois, irmãos de um outro sangue —  
Amigos, chegados sem prévio aviso ou súplica —  
Vinde!  
É tempo de sermos nós os mandatários,  
Colonos da terra infecundada.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> *Itinerário angolano* (1972, inédito), 179.

<sup>16</sup> A poesia não reproduz o conhecimento das várias áreas do saber humano: “[...] a poesia é conhecimento, incomparavelmente: conhecimento-experiência e conhecimento-emoção, conhecimento existencial, conhecimento germen duma obra [...]” — Jacques MARITAIN, “Situation de la poésie”: *Oeuvres complètes*, VI 1935 - 1938, Paris 1984, 873 (trad. minha). Dante, Edgar Alan Poe e Arthur Rimbaud, a quem Cinatti faz alusão nas secções finais de *Nós não somos deste mundo*, são três poetas que procuraram conhecer deste modo as zonas mais obscuras da experiência humana para lhes descobrir o sentido.

<sup>17</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 60 - 61. A última estrofe deste poema assemelha-se ao verso de Rimbaud escolhido por Cinatti para epígrafe da última secção de *Nós não somos deste mundo*: “Oh! mes amis! — Mon coeur, c’est sûr, ils sont des

## “Partir!”

“Partir! Partir!...” é o título da página do *Diário*, publicada em 1938, que relata o seu “primeiro dia de viagem”<sup>18</sup>. Decorridos quarenta e sete anos, é o mesmo verbo que lhe ocorre para caracterizar o estilo de vida que adoptou: “Só sei conjugar verbos transitivos: ‘Partir!’ ”<sup>19</sup>.

“Português da aventura não da rotina, homem do desejo, não da posse”<sup>20</sup> reflecte-se, nesta insistência, muito do seu temperamento activo e irrequieto. “É todo dinamismo, movimento”, dizem-nos, em 1938, Castro Caldas e José Blanc de Portugal nos versos que lhe dedicam<sup>21</sup>.

Ele próprio faz remontar o desejo de viajar ao facto “de ter nascido em Inglaterra”<sup>22</sup> e não deixa de recordar ter sido com a mãe que primeiro viajou em criança<sup>23</sup>. Mas, se as origens são nebulosas, pouco a pouco o sonho ganha contornos mais precisos, feito de curiosidade e imaginação, e estimulado pelas leituras<sup>24</sup> e os projectos da adolescência:

---

*frères!* — op. cit., 67. A primeira linha do poema de que foi extraída a citação é: “*Qu’est pour nous, mon coeur, que les nappes de sang*”.

<sup>18</sup> “Partir!... Partir!...” (1938), 1.

<sup>19</sup> “Conversa inacabada [I]” (1985), 46.

<sup>20</sup> Síntese de Joaquim FURTADO na entrevista “Conversa inacabada [IV]” (1985), 38.

<sup>21</sup> *Livro dos quartanistas de Agronomia e Silvicultura, 1937 - 38*.

<sup>22</sup> “Que os timorenses sepultem o meu corpo em Timor” (1972).

<sup>23</sup> “Quando era pequeno, viajei. Há quanto tempo! Era pequeno e só sei que viajei porque mo contaram. Os navios deviam atravessar o mar, eu, porém, devia sentir-me em qualquer parte. O colo de minha mãe, chegava-me de certeza. Que mais queria?...” — “Partir!... Partir!...” (1938), 3. Recorde-se que nos seus dois primeiros anos de vida, antes da morte da mãe, foi com ela que viajou de Londres para Nova Iorque, em 1915, e de Nova Iorque para Lisboa, em 1916.

<sup>24</sup> “Houve... leituras que, por volta dos nove anos despertaram desejos, senão de Timor pelo menos de ilhas mais distantes — as dos Mares do Sul. Outras leituras se seguiram e outras tentativas de escrita que mais afervoraram a vontade de um dia vir a ser um qualquer escritor enamorado pelas ilhas.” — “Que os timorenses sepultem o meu corpo em Timor” (1972). É larga a tradição literária que reforça no Ocidente a sedução da viagem, a atracção do mundo exótico oriental e o encanto edénico das ilhas do Mar do Sul. Dentro dessa tradição as indicações que foi possível recolher apontam para a leitura por Cinatti, nos anos 20 e 30, de Júlio Verne, John Masefield, Joseph Conrad, Robert Louis Stevenson, Pierre Loti, Alain Gerbault, Camilo Pessanha, Venceslau de Moraes, e Alberto Osório de Castro.

Quando era pequeno, ficava muitas vezes a olhar o meu barquinho de cana no valado, a correr nas águas barulhentas da ribeira, até encalhar nas pedras ou nalguma raiz escondida ao lume de água.

Que ligação havia entre a minha infância e a hora da partida?! Pasmó, estonteio-me. É demasiado o maravilhoso sentido.

Aos quinze anos também partira para longe. Os mapas e os livros eram o mundo através do qual eu viajava. Deitado no chão do meu quarto, desdobrava o mapa, e durante uma ou duas horas ia riscando os itinerários. Porém, as viagens eram tão emaranhadas, tão cheias de curvas e ziguezagues, que eu ficava sempre indeciso, sem saber por qual dos caminhos tomar. Todos me atraíam. Todos me convidavam. A atracção recebida era violenta.<sup>25</sup>

As primeiras experiências de viagem foram vividas em tempo de férias escolares: nos arredores da quinta dos avós, primeiro; mais tarde, nas idas à Berlenga, no Cruzeiro pela costa africana, nas viagens à Madeira e a Inglaterra. Menos espectaculares mas igualmente significativas, as constantes e numerosas caminhadas que empreendia pelo país fora — como no Verão de 1941:

Berlengas; Peniche — Praia da Granja a pé; Guimarães; Porto; Lisboa; ida a Arrábida a pé; subida do Tejo de fragata até à Azambuja; a pé Santarém, Alpiarça, Chamusca; 1 mês em Cascais: sossego — isolamento e companhia. Finalmente Lisboa: 3 meses de férias estupendas!!!<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> “Partir!... Partir!...” (1938), 6.

<sup>26</sup> Carta enviada, 3 de Novembro de 1941. É uma caminhada épica. Recordá-la-á em duas estrofes do poema “História Contemporânea”, publicado em *Memória Descritiva* (1971), onde contrasta o espírito aventureiro que o animava com a ticanhez e a arregimentação de outros, preocupados com o enquadramento social e a carreira: “Entretanto, outros e outros, / de antes e depois, / assumiam postos. / Repetiam passos dados. / Condenados. // E nós de Peniche ao Porto, / a pé, / novos peregrinos. / (Não esqueçam.)” — *Obra poética*, 301. Ao apclidar-se a si e aos companheiros de “novos peregrinos”, atribui uma aura religiosa ao seu gosto de caminhar. Joaquim Manuel Magalhães informa-me que “deve ter sido numa viagem destas o encontro com Afonso Lopes Vieira que me referiu uma vez”. A informação é confirmada por Ruben A: “[...] de aventura em aventura assistira à chegada de um grupo comandado pelo Manel Torre do Valle, Ruy [Leitão], Cinatti e não sei quem mais, que pela praia vinham há semanas desde a Ericeira, acampando ao deus-dará e relatando peripécias do mais alto chiste. Ver aquela frandulagem surgir diante do ar recatado das famílias que no bar da piscina evitam amarrotar os vestidos brancos, ou sujar a biqueira, ver aqueles mistos de vaqueiros de barbas fortes, quimados como torresmos, de queijado e sacola, foi como assistir à verdadeira procissão do mundo centenário da nossa raça. A história deliciosa que contaram, das muitas que me legaram em testamento, foi a paragem que fizeram em São Pedro de Muel de visita ao poeta Afonso Lopes Vieira, amigo do Cinatti, na Casa do Mar, com o símbolo da Vieira, que mais tarde eu havia de conhecer. O poeta do vento é bom bailador, baila, baila e rodopia, o poeta da finesse, recebeu-os com todas as honras do estilo poético do Cinatti, albergou-os, sentiu uma verdade que transportavam.” — *O mundo à minha procura*, II, Lisboa 1966, 127 - 128.



É com amigos ou para os visitar que vive o entusiasmo das viagens. Mas não terá sido estranha a este espírito vagabundo a relação difícil com o pai. Quando em 1934, pouco depois da morte do avô Vicente, se propõe conhecer um dia as ilhas do Mar do Sul, confessa: “Só há uma pessoa que me prende a isto. Essa é a minha querida Avózinha, a única pessoa da minha família a quem voto a mais profunda simpatia, amizade, amor.” <sup>27</sup>

As ilhas do Mar do Sul e o mito edénico dos seus povos simples e impolutos exercem uma atracção particularmente forte <sup>28</sup>. Ele próprio se admira da persistência com que o sonho o persegue.

Desde que li os livros de Alain Gerbault que se apoderou de mim uma vontade intensa de visitar essas ilhas e os seus habitantes. Já se passaram seis meses e ao invés das minhas outras inclinações que desaparecem passado um período relativamente pequeno, esta cada vez se aprofunda mais no meu íntimo.

Nem troças, nem dificuldades conseguem apagar este fogo sagrado que em mim arde. <sup>29</sup>

Um ano depois de anotar no diário esta observação, o “fogo sagrado” intensifica-se e ganha foros de realidade no Cruzeiro: “sucessão de imagens sentidas, vividas, que eu, rapaz de vinte anos, jamais poderei esquecer. Contribuição para a ideia máxima que há anos me vem ocupando o espírito.” <sup>30</sup>

Nem tudo, porém, é claro no seu gosto de viajar. A atracção que o longe exerce e uma curiosidade insaciável, conjugam-se com sentimentos de revolta contra uma “sociedade de preconceitos” <sup>31</sup>. Mas o desejo não enfraquece. Em 1938, a audácia do seu sonhar e a ânsia de partir são, para os amigos, uma evidência quase palpável <sup>32</sup>.

<sup>27</sup> 23 de Agosto, *Diário de 1934*.

<sup>28</sup> “Acabei de ler um livro esplêndido. Chama-se *Messagers de Lumière* e tem como sub-título *Récit en dix-neuvième tableaux de la dégénérescence d'un peuple primitif*. Trata-se dos Samoanos, esses polinésios que juntamente com os Tahitianos e todos os outros ramos do Centro do Pacífico formam um dos grupos rácicos mais simpáticos da humanidade, e cuja convivência com os brancos mal intencionados tanto prejudica.” — 9 de Agosto, *Diário de 1934*.

<sup>29</sup> 9 de Agosto, *Diário de 1934*.

<sup>30</sup> “O que eu vi em África” (1935), 411.

<sup>31</sup> 23 de Agosto, *Diário de 1934*. Lamenta-se da “triste condição que me obriga moral e materialmente a viver acorrentado a esta sociedade de preconceitos”.

<sup>32</sup> Um poema a ele dedicado no *Livro dos quartanistas de Agronomia e Silvicultura, 1937-38* reflecte isso mesmo, com uma clarividência que o futuro irá comprovar: “É mais real

O tempo e as leituras trazem-lhe algum discernimento. “Todo aquele abandono e branda aragem / da partida”<sup>33</sup> desdobra-se em reflexão que a ergue acima das experiências vividas e dá contornos mais precisos à “ideia daquilo que está para lá do horizonte”, ao “apelo do desconhecido”, à curiosidade absorvente que me leva para longe, distante de tudo e de todos em constante contemplação<sup>34</sup>. Em última análise, viajar não é fuga; a sua motivação determinante não é o repúdio ou a rejeição. “Perder a vida fugindo”, escreve um dia, “não nos poderá nunca seduzir”<sup>35</sup>. É a entrega, o sair de si que o seduz. Como já no Cruzeiro intuía, a inquietação que o agita nasce de algo que no viajar se revela mais fundo: “essa atitude espiritual e maravilhosa — a aventura — que nos levou a nós, portugueses, pelas várias estradas do mundo [...]”.<sup>36</sup>

Se analisarmos agora um dos textos finais de *Nós não somos deste mundo* (1941), o poema tripartido da penúltima secção, apercebemo-nos como evoluiu o seu olhar. A vontade de viajar e o sentido que atribuía ao *partir* sofreram uma transformação. A experiência aprofundou-se e talvez se tenham revelado à consciência do poeta aspectos obscuros outrora só latentes. A verdade é que *partir* já não desperta a exaltação doutros tempos. Os sentimentos que evoca passaram a assemelhar-se, curiosamente, aos de Álvaro de Campos na “Ode Marítima”.

Campos olha do cais o navio que se afasta e sente a angústia duma partida originária que talvez tenha sido outrora a sua:

Sozinho, no cais deserto, [...]  
 [...]
 Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!  
 E quando o navio larga do cais  
 [...]

---

tudo o que é mais forte, / e em mim, mais além da vida e da morte, / Audaz no sonho porque não fazê-lo Vida?! / reina cheia esta fê bem conseguida, / que não pode temer boa ou má sorte! / / Tudo que em mim nasceu e hei-de dominar, / tem de servir o fim que foi marcado, / e: / se alguma vez hei-de tornar, / nunca será por ter mudado!”

<sup>33</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 48.

<sup>34</sup> Textos seus referentes ao Cruzeiro foram sendo publicados entre 1935 e 1941. Na prática, é a publicação dos “Poemas da Viagem” em *Nós não somos deste mundo* (1941), que marca o termo deste processo.

<sup>35</sup> “Carta a Manuel Torre do Valle” (Apêndice, II).

<sup>36</sup> “O que eu vi em África” (1935), 411.

Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente.  
 [...] quem sabe, quem sabe,  
 Se não parti outrora, antes de mim,  
 Dum cais; [...] <sup>37</sup>

Cinatti situa-se de modo diferente. Quando fala na partida é no mar alto que se encontra, rumando o desconhecido ou dele regressando, mas ainda não chegado. E, contudo, é a mesma angústia que sente diante do porto abandonado.

O porto de partida não tem nome: ausente  
 Permanece, sem sinais de despedida. <sup>38</sup>

O tema será repetido no primeiro poema do livro seguinte. Os portos donde partiu, mal os recorda a não ser talvez sonhados como experiências de infância. Mesmo estas, prefere encará-las como “futuros meditados”.

Venho de longas viagens.  
 Portos! — onde sois?  
 Parti sem vos ter visto;  
 Só, sonhei, depois,  
 Que talvez na infância  
 Vos tenha encontrado:  
 Obscuras paragens,  
 Futuros meditados! <sup>39</sup>

Quase se diria que Cinatti prefere não olhar esse passado remoto — a ser verdade, uma incongruência significativa num poeta que acentua a experiência rememorada <sup>40</sup>.

Também o futuro lhe parece cada vez menos risonho. Os projectos de outrora desfizeram-se.

<sup>37</sup> *Obras Completas de Fernando Pessoa, II Poesias de Álvaro de Campos*, Ática, Lisboa 1980, 162 ss.

<sup>38</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 64.

<sup>39</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 73.

<sup>40</sup> Esta impressão reforça-se com a leitura de poemas inéditos do final de 1942. Veja-se, por exemplo, o poema intitulado “Desci pouco a pouco degraus infames”: “Nos recessos mais longíquos, nas mais inacessíveis distâncias / Da nossa alma / Há ecos de outras eras, de outros seres, de outros sentidos... / / Despertam em noites de misteriosa angústia / Pousam ao de leve nas nossas mãos serenas / E logo as unhas em garras se transformam.” — Dezembro, *Diário de 1942*.

Minha casa de sonhos, que foi,  
Jaz em ruínas, ninguém me ouve.  
O seu lamento espalha-se  
Sobre um mundo de amargura.

O mar minguiu as praias. As últimas pegadas  
Desvanecem-se na areia atravessada.  
Minha saudade, de cruel que foi,  
Vai nas ondas, em espuma transformada. <sup>41</sup>

“Depois do incêndio, as cinzas”. O entusiasmo juvenil esmoreceu. É o presente que olha agora: vive o desafio da aventura, não o sonha. Despede-se dos amigos <sup>42</sup>: “que eu vou só, descobrindo a minha estrela”.

Mas, antes de partir, é a Deus que se dirige, e à alma perturbada ordena que assuma uma atitude de oração:

Ó meu Deus! Purificai meu coração.  
Sente minha alma o ritmo da oração,  
Até que o vento leve ao longe a minha barca  
E o remoinho de lágrimas me afunde! <sup>43</sup>

Progressivamente, a leitura que foi fazendo da sua “vida de mar em tempestade” <sup>44</sup> afeiçoou-se à tradição bíblica de ruptura e libertação. “A terra não conhece o meu destino” <sup>45</sup>, diz, evocando a atitude que a Carta aos Hebreus atribui à fé dos antigos <sup>46</sup>. Há algo de profundo que o move e

<sup>41</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 64. A imagem é retomada no primeiro poema da série “*Sunt lacrimae rerum...*” — *O livro do nómada meu amigo* (1958) : *Obra poética*, 115.

<sup>42</sup> Neste caso é claro que os amigos são Guido e Dante, que cantaram experiências de amor sublime.

<sup>43</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 64.

<sup>44</sup> *Ibid.*, 65.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 64

<sup>46</sup> Cfr. Heb 11. O sentido de caminhar para um destino que a terra desconhece, tem na Bíblia raízes nos seus estratos mais antigos e remonta à própria figura de Abraão. A atitude primordial de partir para o que não se vê ainda mas que é já sentido como promessa, dá forma à noção bíblica da Fé que só em Deus repousa: “Não há dúvida que, embora nelas a palavra ‘fê’ só ocorra uma vez, é a questão da fê que se encontra na raiz destas histórias relacionadas com Abraão. Em hebraico ter fê significa ‘firmar-se em Jahveh’ [...]” — G. von RAD, *Old Testament Theology*, I, SCM, London 1975, 171 (trad. minha). As aproximações com a linguagem bíblica não são fruto do acaso nem mera influência da cultura ambiente. Sophia Mello Breyner Andresen fez questão em me sublinhar que, no início dos anos ’40, Cinatti

[...] devora a juventude,  
A mim — herói moderno  
De obscuras batalhas.<sup>47</sup>

É o anseio de escutar “as vozes do insondável”. Não aquelas ouvidas em segunda ou terceira instância, ou recolhidas em compêndios religiosos, mas “tão somente / as que me falam, / à minha vida [...]”. Pressente que só nelas encontrará a paz; mas outra paz, / violenta, alvorecida em tempestade<sup>48</sup>.

No horizonte não estão mais os “países encantados”<sup>49</sup> que outrora fixavam o seu desejo, mas a “verdadeira angústia”<sup>50</sup>, mais forte que os desejos vãos, efêmeros...<sup>51</sup>. “Aqueles que [nele] viviam”<sup>52</sup> incitam-no a partir nessa viagem mais profunda e mais intensa, movido pelo “acicate da maior audácia”.

A terceira parte do poema abre com imagens desse percurso. É uma descida ao Inferno. Envolvem-no o medo, o desespero, a “loucura”. Conhece o castigo de quem estabelece inimizade entre pai e filho:

“E eram dois em um, e um em dois:”  
Os olhos que uma vez vi tão selvagens...<sup>53</sup>  
Despido do exterior, visões subindo

mostrava-se familiarizado com a Bíblia. Quando lia ou citava passagens para os amigos, parecia-lhes que sentiam pela primeira vez a vitalidade espiritual e a beleza literária dos textos.

<sup>47</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 64.

<sup>48</sup> Jacques Maritain, no seu livro *Antimoderne* que Cinatti diz tê-lo marcado nesta época, recolhe a determinado momento a seguinte afirmação do papa Pio X: “A paz é obra da justiça” (Is 32, 17). Há quem — e sabemos ser um grande número —, movido pelo amor da paz, ou seja da *tranquilidade da ordem*, se associe e se agrupe para formar o que se chama o partido da *ordem*. Vãs esperanças, esforços inúteis! Partidos da ordem capazes de restabelecer a tranquilidade no meio da perturbação dos acontecimentos, só há um: o partido de Deus.” — *Oeuvres complètes*, II, Paris 1987, 1092 (trad. minha).

<sup>49</sup> “Partir!... Partir!...” (1938), 3.

<sup>50</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 65.

<sup>51</sup> *Ibid.*, 65.

<sup>52</sup> Provavelmente os autores que assimilou, talvez os amigos. Veja-se a primeira e segunda estrofe do poema de *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 38 (cfr. citação e comentário na p. 103).

<sup>53</sup> “Io vidi certo, ed ancor par ch’io ‘l veggia, / un busto sanza capo andar si come / andavan li altri de la trista greggia; / e ‘l capo tronco tenea per le chiome, / pesol con mano a guisa di lanterna; / e quel mirava noi, e dicea: Oh me! / Di sè facea a se stesso lucerna, / ed eran due in uno e uno

Na estrada da paixão, feroz, purificada...  
E aquela Vida em mim desabrochando  
A flor do fogo eterno, glacial.<sup>54</sup>

Nas estrofes finais, reencontra a paz. Dirigindo-se a um interlocutor que não nomeia — não é claro se a Morte, se a Mãe — dá-lhe conta que, na angústia que sofreu, assim como a Vida se manifestou pelos efeitos na consciência,

Assim as linhas do céu que em mim puseste,  
Assim o sonho quieto que me deste,  
No teu peito calmo, suave.  
Assim as vozes — fosse qual fosse a inspiração —  
Uma vez sentidas, nunca mais partidas  
Dos silêncios do Amor ao centro do mistério.<sup>55</sup>

## “Mãe!.../Saudade de um alimento enigmático mas puro”

Aventurar-se, como a raiz e o uso comum da palavra sugerem, é arriscar-se no desconhecido na “esperança de uma revelação imaginada”<sup>56</sup>. Só como orientação geral pode traçar-se a rota de antemão. É o acto de partir, “a despedida”, que “irá abrindo caminhos com um grito de vitória”<sup>57</sup>.

Ao analisar em 1951 a obra de Cinatti, Alberto Lacerda, responsável pela selecção e prefácio da primeira antologia do poeta, chamava a atenção para o facto de não ser:

---

*in due; / com'esser può, quei sa che sì governa. / [...] Io feci il padre e 'l giglio in sè ribelli: / Achitofel non fe' più d'Absalone / e di David coi malvagi punzelli. / Perch'io parti così giunte persone, / partito porto il mio cerebro, lasso!, / dal suo principio ch'è in questo troncone. / Così s'osserva in me lo contrapasso.* — DANTE ALIGHIERI, *La divina commedia, Inferno XXVIII*, 118ss.

<sup>54</sup> Parece dizer que, no conflito com o pai, o que nele era Vida fez desabrochar na consciência “a flor do fogo eterno”, castigo infernal.

<sup>55</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 65.

<sup>56</sup> “Partir!... Partir!...” (1938) 3. Note-se como nesta expressão se concentra o jogo entre esperança duma “revelação” e a imaginação que de algum modo a antecipa, enriquecendo e reforçando a esperança.

<sup>57</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 62.

inquietação pela inquietação o que agita tantos dos seus versos, às vezes na própria tessitura rítmica o apelo do desconhecido, a exaltação religiosa, e o estado de encantamento provocado por uma profunda inclinação contemplativa, vão-se encontrar, antes e depois de tudo, na origem e transfiguração que é, para o Poeta — a infância, a Mãe, “o alvo inatingível” da sua “saudades na Terra”.<sup>58</sup>

A atitude inicial de confiança e de abertura à novidade do mundo, que viajar pressupõe, estão associadas, no desenvolvimento psicológico, ao impacto positivo da imagem materna<sup>59</sup>. No caso de Cinatti, os laços de confiança não foram quebrados, e a ausência que a morte impôs abriu espaço a que o reencontro desejado se antecipasse na imaginação<sup>60</sup>. O modo como, antes mesmo de conhecer as cartas, fotografias e livros da mãe, uma figura feminina se associou ao desejo de aventura é registado de modo surpreendente em três passagens do texto inédito “Herdeiro dos mortos”. Em criança, recorda, retirava-se do mundo complicado dos adultos:

Todo o mundo a descobrir para além duma janela ou ao fim de uma estrada. E cada vez mais perto a imagem envolta em véus finíssimos, brancos, a acenar um convite audacioso, a transmitir um pedido de uma ideia mais nobre e mais perfeita.<sup>61</sup>

<sup>58</sup> Alberto LACERDA, “Prefácio” in Ruy CINATTI, *Poemas escolhidos*, 1951, 7. As citações são de *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 36.

<sup>59</sup> A abertura ao mundo é destacada pela antropologia contemporânea como uma das características próprias da condição do homem — cfr. por exemplo W. PANNENBERG, *Anthropology in Theological Perspective*, 43 - 79; O. H. PESCH, *Liberi per grazia*, 54 - 77. Sobre o lugar da figura materna no desenvolvimento dessa abertura, W. PANNENBERG reporta-se aos estudos de E. H. Erikson para afirmar: “A confiança é atribuída inicialmente à mãe, que medeia e dá corpo ao mundo e à vida na sua totalidade” — *op. cit.*, 226 (trad. minha). Sobre a evolução desta confiança inicial, ver adiante a nota n.º 64.

<sup>60</sup> A procura que, nos jogos da imaginação, Cinatti empreende da figura da mãe em quem confia, apesar de ausente é clara nos textos citados no corpo desta secção. Ela é também sugerida duma forma indirecta, e talvez por isso mais curiosa, se confrontarmos uma afirmação a respeito da mãe, que data do final dos anos ‘40, com a memória relatada por Luiz Fagundes Duarte das aventuras que Cinatti viveu em Vale da Vaca quando criança. “Por ascendência materna (Cinatti) tenho sangue italiano e chinês”, diz o primeiro texto, “embora este último se tenha convertido na minha imaginação em malaio, de Sarawak, Bornéu.” — “Texto autobiográfico” (inédito); “Na quinta, havia um ribeiro muito sombreado [...]”, conta Luiz Fagundes DUARTE, “estava-se em 1928, e o Ruy imaginava-se em 1948, quando seria ‘um grande explorador nas florestas do Bornéu, em que eu atravessava um rio, perseguido pelos malaios, mas depois era apanhado a meio do rio pelos crocodilos. Tragédias!’” — “Ruy Cinatti: um coleccionador de ilhas”: *Jornal de Letras*, n.º 156 (1985) 12.

<sup>61</sup> “Herdeiro dos mortos” (inédito).

Mais tarde, na primeira adolescência, projectava viagens futuras a “um país perdido”, convicto de que “lá estaria decerto a senhora ou a figura da minha infância.”<sup>62</sup>

Particularmente significativa, no entanto, é a terceira passagem. Mais longa que as anteriores, impressiona pela energia afectiva que Cinatti revela ter investido nessa imagem duma mulher “a um tempo maternal e feminina”.

Pureza era virtude primacial dessa minha senhora fantástica. Porque acabara finalmente por delinear de maneira definida, concreta todos os anseios, sonhos e visões na figura de uma mulher. Sem compreender bem ainda o que fazia reunia num corpo fragilíssimo todo o ideal a que aspirava. Desse corpo, apenas a cabeça e o busto adquiriam forma viva: o restante eram laivos de fantasia, coisas esparsas e brumosas. O meu desejo de total purificação reflectia-se no olhar desta mulher, a um tempo maternal e feminina, complemento de um desenvolvimento incipiente, orgânico, mixto de bondade e conaturalidade sanguínea. Amava-a em segredo embora a paixão fosse transparente nas minhas expressões. Amava-a como quem adora, escravo por amor, devotamente fiel aos conselhos mais feitos de alegria e de tristeza que o seu rosto aparentava. Dias felizes em que longe do convívio dos homens, errando pelos campos fora, entrava nos pinhais e levantava a alma mais alto que as copas dos altos pinheiros solenes. Aliás, a Natureza não escondia nenhuns dos seus aspectos à avidez absoluta da minha admiração. O mar atraíu-me pela sua nudez agitada, as altas montanhas pelo que representavam de inacessível e puro. Mas, quando descia aos vales luxuriantes, ou em pequenas praias cercadas de rochedos, pousava para uma assistência invisível, o meu ser vibrava em uníssono com o ambiente riquíssimo. Abriam-se comportas de um vigor interior indomável de conquistador da madre terra. Uma voluptuosidade, que à força de ser pura me ductilizava os gestos e as palavras, fazia de mim um animal sensível aos perigos e perfumes da terra. Por outro lado, a consciência ia purificando ainda mais todas estas manifestações. Ao fim de todas as aventuras possíveis, afável e esperando-me com um sorriso doce estava ela. Sabia então onde descansar a minha cabeça. Os braços dela abriam-se e de encontro àquele seio animado pelo mais central dos mistérios adormecia como quem suavemente morre e sobe ao mais alto dos céus.<sup>63</sup>

Para resistir ao embate dum mundo complexo e agressivo, a abertura confiante da criança e do jovem na primeira adolescência, tem de ser transposta do quadro familiar para outro nível de universalidade. O modo como essa alteração se processa e a confiança se aprofunda e estrutura revela características a que se pode

<sup>62</sup> *Ibid.*

<sup>63</sup> *Ibid.* A frase, “fazia de mim um animal sensível aos perigos e perfumes da terra”, encontra eco no último poema de *Nós não somos deste mundo* (1941): “[...] Eu que me oriento pelo voo / Das aves de arribação... / Eu que, junto à terra, com a face na terra, comunico / Através do mato com a distância, / Ouvindo as antenas orvalhadas, invisíveis. / Eu que — não porque me celebre o amor próprio — / Me alcei a ver com o lince / Os momentos nocturnos incompreensíveis, / E a saltar como as gazelas ao cheiro do perigo oculto / Nas moitas arqueantes de ameaças, [...] A seiva que até então se congelara / Subiu em mim, transportando a saudação, Voluptuosa à força de ser pura.” — *Obra poética*, 68.70.



apelidar, genericamente, de religiosas<sup>64</sup>. Não nos surpreende, portanto, que em 1935, ao reflectir a experiência do Cruzeiro, Cinatti nada refira da relação com a mãe, e em vez disso considere, “pela vida mais intensa que se vive”, ser “a atitude espiritual e maravilhosa” que para ele é a aventura, uma “maior aproximação de Deus”<sup>65</sup>.

No início dos anos '40 a vida simples e harmoniosa, sonhada por Cinatti, é posta em causa não já por tensões na família mas pela conflagração violenta dum mundo que se desfaz. Interiormente, o esforço que empreendeu de transparência psicológica, trouxe-lhe momentos de uma luminosidade intensa<sup>66</sup> mas abriu-o também para zonas obscuras de si mesmo e abismos insondáveis, duma sedução perturbante<sup>67</sup>. A experiência pôs a claro os limites da relação mantida com a figura materna. A realidade tem urgências que se não compadecem com um olhar fixado no passado longínquo ou num futuro imaginado. São talvez os rastos desse despertar que encontramos no penúltimo poema de *Nós não somos deste mundo* (1941).

Acontece. E eis que, subitamente,  
Tudo se esvai. Tudo quanto a esperança

---

<sup>64</sup> Segundo Wolfhard PANNENBERG, reportando-se aos estudos de E. H. Erikson: “Para que a confiança de fundo não se perca, a criança terá de quebrar os laços com a mãe e com os pais em geral. Ter-se-á de dar uma nova orientação que permita à criança confiar numa segurança ilimitada apesar de todas as ameaças e adversidades da vida. A tarefa [...] pertence de modo especial à formação religiosa [...] A formação religiosa mostra-se bem sucedida neste aspecto quando a identidade pessoal projectada permanece aberta às experiências futuras e às adaptações que estas irão exigir, sem, com isso, perder a sua definição clara e sem alimentar a ilusão de se poder voltar sempre ao ponto de partida” — *op. cit.*, 226–230 (trad. minha). Ver também a reflexão de Hans KÜNG sobre o modo como a atitude fundamental da pessoa se estrutura a partir duma confiança ou desconfiança radicais — “*Fundamental mistrust or fundamental trust?*”: *Does God exist?*, Collins, London 1980, 442–477.

<sup>65</sup> “O que eu vi em África” (1935), 411. O desejo de reencontrar a figura materna continua subjacente no “critério” que adianta para avaliar da sua proximidade com Deus, ou seja “a vida mais intensa que se vive”. Posteriormente, a compreensão da Fé levá-lo-á a reconhecer que outras facetas da condição humana, como o desânimo, o tédio e a rotina, não significam necessariamente um afastamento de Deus.

<sup>66</sup> Cfr. “Alegria do descobrimento” (1941).

<sup>67</sup> Veja-se o último poema de *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 67–70, e ainda o apontamento citado adiante na p. 125. O modo como as contradições internas o angustiam, atravessa os vários fragmentos de diário existentes, do final dos anos '30 em diante.

Nos colocou ao alcance. Tudo...  
 E o murmúrio último das ondas é,  
 Se não o soluço do barco naufragado,  
 Pelo menos o seu eco. Ah! coração,  
 A quanto podes mais, se o teu sangue  
 Pára e gela de súbito. Somente  
 As artérias do espírito pulsam,  
 Na sombra que à sombra deixam  
 O rastro de um furtivo viajante.

Como inesperada tempestade  
 Vieste. Ninguém gritou. Placidamente <sup>68</sup>  
 O barco navegava. A história  
 — De mim eu falo — chegava ao porto máximo. Eis  
 Que a confusão dispersou os acordes secretos  
 Do mais íntimo ser. Não há música,  
 Por mais doce, que atravessasse  
 A solidão maldita do meu espírito  
 Petrificado, ainda de olhos fitos  
 Num obscuro futuro, <sup>69</sup>

Que as mãos humanas abram, ergam  
 Ao sol dos meus mais belos dias:  
 Aqueles em que a morte entreabria  
 As portas da sobre todas inenarrável visão. <sup>70</sup>

<sup>68</sup> A primeira estrofe denunciava um momento de fracasso ou de desânimo, “*subitamente / tudo se esvai*”. Na segunda, “*como inesperada tempestade / vieste*”. O poeta não nos diz quem veio. Na primeira estrofe dirige-se ao coração; pelo que deverá tratar-se duma inesperada emoção. E, tal como anos antes considerava a “vida mais intensa” sinal da “maior aproximação de Deus” — “O que eu vi em África” (1935), 411 —, também aqui a emoção deve testemunhar a irrupção de outrem na sua vida: como, por exemplo, a descoberta inesperada duma amizade durante o Cruzeiro, quando “*placidamente / o barco navegava*”.

<sup>69</sup> O “*espírito / petrificado*” lembra a mulher de Lot, transformada em estátua de sal por ter-se virado para trás, olhando as cidades de Sodoma e Gomorra condenadas à destruição (Gn 19, 26). O poeta reconhece que a sua atitude de espírito isolou-o, limitando a capacidade de acolhimento ao que advém; está “*ainda de olhos fitos / num obscuro futuro*”. Nisto, algo ou alguém chegou, “*como inesperada tempestade*”, introduzindo “*a confusão*” e dispersando “*os acordes secretos / do mais íntimo ser*”. E dá-se conta que afinal esses acordes eram criados por si, pois “*não há música, / por mais doce, que atravessasse / a solidão maldita do meu espírito / petrificado*”.

<sup>70</sup> A frase denuncia a existência dum momento — nos seus “*mais belos dias*”! — em que entreviu na morte uma passagem para a “*sobre todas inenarrável visão*”. Uma referência a Orfeu que se aventurou no reino de Plutão e Prosérpina para reencontrar nas regiões da morte Eurídice sua amada? Embora raras, as evocações da mitologia clássica existem na poesia de Cinatti — como é o caso da esfinge de Tebas, na estrofe seguinte. Porém, sem contradizer esse quadro de leitura, os versos ganham em sentido se forem apreciados à luz do texto de Cinatti, “Herdeiro dos mortos” (inédito). Veja-se, por exemplo, a frase: “Os braços dela abriam-se e dencontro àquele seio animado pelo mais central dos mistérios adormecia como quem suavemente morre e sobe ao mais alto dos céus” — citado atrás, na p. 96.

Baste-me pois a desumana  
 Atitude. Vendo <sup>71</sup>  
 Qual esfinge que ao homem faz sentir  
 A sua imagem: intrínseco saber não revelado;  
 Revendo meu nome é legião <sup>72</sup>  
 O mundo atravessando as ondas do tempo,  
 Enquanto me aqueço do frio, mas atento,  
 Não ao passado, não ao futuro, mas  
 Ao presente. Nenhuma tábua, <sup>73</sup>  
 Pois o que vive destruiu  
 O que era conhecido e  
 Tudo o que era a saber. O momento  
 É só o que ele sabe. Nenhuma tábua  
 Se me agarra às mãos, nem o inimigo  
 Revigora aquele fervor antigo, aquele <sup>74</sup>  
 Ódio mais feito de amor. Confundido,  
 Jamais porém vencido pela divina  
 Indiferença dos que eu mais ameí. <sup>75</sup>  
 Agora começa a jornada, e mais do que isso,  
 O fogo da mais sozinha angústia. <sup>76</sup>

<sup>71</sup> *Vendo...*: o poeta assume o olhar lúcido e ameaçador da esfinge, às portas de Tebas, que devolveia ao homem, como enigma, a sua própria imagem *intrínseco saber não revelado*.

<sup>72</sup> *Revendo meu nome é legião...*: “Meu nome é legião, porque somos muitos”, assim se apresenta o demónio que Jesus expulsa na região dos Gadarenos (Mc 5, 9; Lc 8, 30). A imagem devolvida ao homem da sua natureza, pela esfinge, é una. As imagens do *mundo atravessando as ondas do tempo*, que no poeta se repercutem e ameaçam dele tomar posse, são fragmentárias e antagonicas entre si... diabólicas mesmo, em sentido etimológico.

<sup>73</sup> *Nenhuma tábua...*: As três frases seguintes devem, provavelmente, ser lidas como uma afirmação sobre o estado actual do poeta: *Nenhuma tábua, [...] Nenhuma tábua / se me agarra às mãos*, intercalada da explicação, *Pois o que vive destruiu / O que era conhecido [...]*. O momento / é só o que ele sabe. Outra referência a uma tábua provavelmente tábua de salvação ocorre num poema inédito de 1939: “[...] Milhares de anos / Que já ergueram uma civilização / A minha civilização sobre ruínas / Com um sonho no fim do seu destino / E abutres pairando em volta, melancólicos. / Ah! Dizei-me, se acaso vale a pena / Viver esta vida desconexa. / [...] / Numa tábua sem forma que é o sonho, / Soltos os cabelos e fugindo às lágrimas / Vou eu, o timoneiro.” — Caderno de Apontamentos de [Março] 1939.

<sup>74</sup> *... aquele fervor antigo...*: O entusiasmo doutros tempos que lamenta ter perdido, cfr. 2 de Maio, *Diário de 1940*. Nem o facto de identificar o *inimigo* o renova. Reconhece que o fervor desses tempos era *Ódio mais feito de amor*. O antagonismo firmava a sua identidade e o seu entusiasmo. Ódio e amor coabitavam, porque entre ele e o *inimigo* estabeleceu-se uma relação de cumplicidade, uma dependência mútua.

<sup>75</sup> A indiferença manifestada em relação à sua aventura poética por parte dos avós ou dos amigos? Talvez mesmo do pai: “[...] não pude deixar de reparar no sorriso irónico que meu Pai tem para comigo sempre que eu falo de mim ou dos meus projectos.” — 25 de Abril, *Diário de 1940*.

<sup>76</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 66.

Num momento de desânimo, a tranquilidade que o poeta havia encontrado diante da morte foi perturbada por uma forte emoção. Algo ou Alguém veio <sup>77</sup>, e tanto bastou para se dar conta que o espírito estava petrificado, insensível ao outro e ao presente. “Reflexos de sonhos idos”, reconhece noutro poema, “/ Limitam-me o pensamento” <sup>78</sup>. Abandona, por isso, a relação obsessiva, seja com passado propriamente dito, seja com a sua projecção num futuro longínquo. Atento ao presente e ao “que vive”, está pronto para a jornada.

O facto de se inserir num contexto de Igreja como o da JUC, ter-lhe-á facilitado a estruturação desta passagem numa forma esclarecida. A errância que tanto o seduzia, podia relê-la agora não já como procura da mãe que perdera mas como resposta ao apelo do Deus vivo, Senhor da História, e assumi-la como atitude fundamental de Fé em continuidade com a tradição judaica e cristã <sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup> Veja-se como noutro poema alguém desperta nele o desejo de partir: “Alguém que a horas mortas passa / [...] / Atravessa-se nos vidros da minha alma. / Alguém que dá / a esperança calma / no amanhecer. / [...] / É assim que o coração se lança e parte / De encontro a esse pranto luminoso.” — *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 91. Em “Herdeiro dos mortos” é o convívio com outros e o desejo da amizade que o desafia a sair de si: “Sozinho, mais sozinho que nunca e com a alma inundada de amor por tudo que a cercava[,] ia derruindo silenciosamente as fronteiras do reino da infância e permitindo que outros mundos se misturassem com o meu. Sem jamais esquecer e deixar de abrir a porta secreta do quarto mais íntimo da alma e talvez por esse mesmo motivo, procurava descobrir nos meus companheiros uma outra porta idêntica. Esse movimento levava-me para fora de mim. A imobilidade contemplativa deslocava-se ondulante por sobre feições semelhantes. Olhares prescrutadores procuravam uma resposta afectiva. Lábios semi-abertos ansiavam pelo momento sublime em que a palavra ‘amigo’ soasse como apelo a uma comunhão mais alta.” — “Herdeiro dos mortos” (inédito).

<sup>78</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 76.

<sup>79</sup> A valorização da errância física, psicológica e espiritual é uma constante dessa tradição, desde os seus estratos mais remotos, e elemento constituinte do conceito bíblico de revelação. Na antiquíssima profissão de Fé, inserida no Livro do Deuteronomio, lê-se: “Meu pai era um arameu errante... os egípcios trataram-nos iniquamente... Clamámos ao Senhor... e o Senhor ouviu o nosso clamor... e tirou-nos do Egipto com a Sua mão poderosa... Introduziu-nos nesta região e deu-nos esta terra, terra onde corre o leite e o mel. Por isso, ofereço agora os primeiros frutos da terra que me destes, ó Senhor!” (Dt 26, 5 - 10). A articulação fê-experiência-memória-fê segue uma espiral ascendente: 1) a fê, como atitude fundamental, preexiste à experiência e à memória de forma não tematizada, encontrando expressão na errância física; 2) a atitude é aprofundada no interior de circunstâncias históricas difíceis como recusa em aceitá-las como fatalidade por isso o povo clama; 3) a experiência é recordada e interpretada, juntamente com o seu desenlace, mantendo como referência o mesmo horizonte da Fé; 4) à luz dessa memória, o crente

A figura materna não desaparece. Encontra, nos símbolos doutrinários da Igreja Católica, modo de se transfigurar<sup>80</sup>. Se não, vejamos...

No fim-de-semana de Ramos de 1940 — o mesmo ano em que escreve o poema atrás citado —, Cinatti frequenta um retiro da JUC. No diário anota: “Uma grande melancolia apodera-se de mim, faz-me chorar, sem que eu encontre consolação suficiente para a fazer desaparecer. Porque vim eu para este Retiro?”<sup>81</sup> Logo a seguir, o tom muda e acrescenta:

Benéfica tristeza que me preparou o coração para ouvir a conferência sobre Nossa Senhora mãe dos homens e acima de tudo mãe dos órfãos, como eu que nunca soube o que era ter o carinho de uma Mãe.

Eu me entrego a Vós como uma criança perdida ó Minha Mãe! Assim seja.<sup>82</sup>

Confirma esta entrega no Domingo de Páscoa, fora do ambiente emocional do retiro.

Assim é que ao findar da Missa em S. Domingos me dirigi ao altar de Nossa Senhora de Fátima e implorei-lhe a Sua protecção. Eu dizia-lhe para ser doravante a minha mãe, entregando-me eu a Ela como um filho se entrega a sua mãe, i.e. com um abandono pleno de confiança e de amor. Lembrei-me de que o maior criminoso da terra, por muito malvado que fosse guardava sempre em si uma veneração muito especial pela autora dos seus dias e perguntei-lhe se, sendo eu como sou, um miserável inquieto[,] me aceitaria; eu um órfão sedento da mais vibrante das ternuras e consciente de que só um grande Amor me levará a subir a escada da salvação.

Depois de uma curta oração levantei-me satisfeito intimamente, disposto a que de futuro a minha veneração por Nossa Senhora tomara um aspecto mais activo.<sup>83</sup>

---

coloca-se diante de Deus o único que permanece e acolhe o presente, mesmo quando positivo, na sua relatividade no caso do texto citado, como dom a agradecer. Não é difícil encontrar paralelos na vida de Fé e Aventura de Cinatti.

<sup>80</sup> Como a seguir se mostra, parece claro que Cinatti operou essa transfiguração de forma consciente por via da sua devoção a Nossa Senhora. Mas, à luz do que atrás se indicou quanto à relação entre a abertura confiante ao mundo e o impacto da figura materna, devemos anotar a hipótese da própria representação de Deus, implícita nas narrativas da vocação de Abraão (Gn 12ss), envolver valores maternos e não exclusivamente valores patriarcais, como alguns alegam. Sobre a conjugação de valores maternos e paternos na representação de Deus, cfr. Antoine VERGOTE — Alvaro TAMAYO, *The Parental Figures and the Representation of God. A Psychological and Cross-Cultural Study*, Leuven University / Mouton, Leuven / The Hague 1980.

<sup>81</sup> 16 a 19 de Março, *Diário de 1940*.

<sup>82</sup> *Ibid.*

<sup>83</sup> 24 de Março, *Diário de 1940*.

Talvez por aqui se enriqueça a nossa leitura da alteração que introduziu em “Retrato de minha mãe”. A primeira versão, publicada no *Diário de Lisboa* em Outubro de 1937, nada tinha de religioso. Quatro anos depois, o texto é incluído em *Nós não somos deste mundo* (1941) mas acrescentado dum parágrafo final em estilo de prece que dá ao texto uma tonalidade mariana e ao livro o seu título.

Contigo me levaste, minha Mãe! Nós não somos deste mundo, mas é no mundo que eu vivo. Em cada pensamento, em cada acção, os teus desígnios serão revelados, até onde o sonho me levar. O meu coração estremece ao teu apelo. Guarda-o como se fosse teu, e banha-me de lágrimas para que eu possa, um dia, estar a teu lado, para sempre.<sup>84</sup>

Nossa Senhor é agora a mãe que o acompanha. E enquanto a memória da mãe terrena se ligava ao passado ou se projectava no futuro, a relação com a Mãe Celeste enraíza no presente onde os seus “desígnios” lhe são revelados. Com Ela está pronto a enfrentar a vida e disponível para acolher a morte, confiante de que o caminho será de ruptura com o tédio ao encontro da Verdade radical.

Ecoam teus passos na distância  
sem medida do meu tempo  
Nossa Senhora da Última Viagem  
movimento pendular  
longe PERTO longe PERTO  
ouve leva-me contigo hoje  
ou num qualquer dia assim  
sem ‘speranças nem desesperos  
quando a vida desliza  
nas rampas da indiferença  
abre docemente a porta  
que só tu podes abrir  
leva-me contigo à Verdade  
que nós não podemos saber.<sup>85</sup>

A última etapa desta evolução ocorre quando, movida pelo desejo da Verdade, a sua relação com a figura maternal, primeiro da

<sup>84</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 37. A expressão “nós não somos deste mundo” foi interpretada por alguns críticos como atitude de fuga do autor diante dos graves problemas sociais e políticos da época. Na verdade, trata-se duma referência a uma temática central do Novo Testamento — ver, p. ex., Jo 17; Heb 11.

<sup>85</sup> Poema inédito, de Setembro de 1942, encontrado num caderno intitulado “Julho — Agosto”.

mãe e mais tarde de Maria, lhe medeia um entendimento possível da sua relação com Deus.

[...]

Eu te louvo como se do fundo de mim mesmo,  
desse fundo de onde se não aproximam mais que trevas,  
Desse fundo onde Vós vos afligis com a minha alma,  
Uma voz se ouvisse, evanescente, líquida, como um jacto luminoso,  
Ou voz de criança que ao princípio ainda procura sua mãe  
Com pequenos gritos, gritos lípidos —

São os anseios que em sua mãe perduram  
Que no seu peito calam, sobem, irrompem, confiantes,  
Certo de a encontrar; e ausculta  
Os momentos memoráveis de ternura,  
Certo de se pressentir vigiado. Que importa se a incerteza  
Lhe enobrece o riso claro! Mãe!  
Em vós bebemos o leite do Divino.

[...] <sup>86</sup>

## “Foi o mistério que me fez partir”

Em 1938 Cinatti afirmava: “Foi o mistério que me fez partir” <sup>87</sup>. Três anos depois, percebemos que esse “mistério” de algum modo tomou posse do poeta e fez dele seu porta-voz.

Tão vagabundo eu fui  
Neste campo de flores e silvas;  
Aqueles que eu conheci não só vieram  
Como se esconderam além de mim.

Em vão procuro arrancá-los,  
A eles que por amigo me tomaram.  
No sangue, indistintos, já de carne,  
A carne do meu espírito formaram.

Agora, eu procuro a extrema-unção. <sup>88</sup>  
Mergulho num mar como se vê nos sonhos;

<sup>86</sup> Poema dedicado ao P. Francisco Wackers, SSCC — *Ala*, n.º 4 (1942) 6.

<sup>87</sup> “Partir!... Partir!...” (1938), 3.

<sup>88</sup> “*Extrema-unção*”: Sacramento administrado ao católico em caso de doença grave; na época em que o poema é escrito, a extrema-unção é encarada como preparação última para a morte.

Não existem fantasmas que me salvem <sup>89</sup>  
 E os outros desconhecem-me a imaginação.  
 Eis que eu apelo aos que me odeiam, <sup>90</sup>  
 Dobrando-me a um tormento mais terrível;  
 Os que me amam, conhecem o mistério  
 Que torna a minha voz inesquecível. <sup>91</sup>

Aqueles que conheceu e “a carne do [seu] espírito formaram” — refere-se provavelmente aos autores que o inspiraram —, abriram um caminho que, na terceira estrofe, se anuncia dum perigo mortal. O poeta aceita o desafio e prepara-se para mergulhar no mistério que a todos envolve e cuja atracção torna a sua voz inesquecível.

Longe de se traduzir em sentimento de bem-estar, a experiência revela-se profundamente inquietante. As palavras que profere falam duma grandeza maior, que deixa a nu as suas limitações <sup>92</sup>. Noutros tempos, a sua relação com a poesia era menos radical. Com saudade, confessa que tudo era mais fácil. “O tempo, era o dos lírios”.

Desde então fui orvalhado pelo mistério,  
 E os frutos tiveram sempre um gosto triste  
 Como se eu não merecesse essa alegria. <sup>93</sup>

★ ★ ★

Ao contrário da imagem materna, a palavra *mistério* tem contornos imprecisos e mesmo a sua etimologia é discutida <sup>94</sup>. Para

<sup>89</sup> “*Fantasmas que me salvem*”: talvez uma referência à passagem do evangelho em que os discípulos, envolvidos numa tempestade, vêem Jesus caminhar sobre as águas e pensam ser um fantasma (cfr. Mc 6, 49; Mt 14, 26ss — no texto de Mateus, Pedro afunda-se ao tentar caminhar sobre as águas para o Senhor que o chama); ou uma referência à sombra de Virgílio que, na *Divina Comédia*, salva Dante às portas do Inferno e o conduz através das regiões inferiores às encostas do Purgatório.

<sup>90</sup> “*Os que me odeiam*”: aqueles que se opõem à sua visão da sociedade ou ao seu estilo de vida? o pai, que revela uma oposição visceral à vocação poética de Cinatti?

<sup>91</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 38.

<sup>92</sup> Veja-se o poema que publica em 1942, dedicado ao P. Francisco Wakkers: “És tu meu Deus, que do fundo de mim mesmo brotas as palavras / Que transformam o mundo [...] / A mim o cuidado de as tornar puras como as águas / Que tu, Senhor, me dás — ó sede inenarrável! / [...]” — “Poema”: *Ala*, n.º 4 (1942) 6.

<sup>93</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 40.

<sup>94</sup> G. BORNKAMM avança, como significado comum às várias hipóteses etimológicas, a noção de “algo sobre o qual haverá que calar-se” — *Grande lessico del Nuovo Testamento*, VII, Paideia, Brescia 1971, col. 649 (trad. minha). Nas “religiões de mistério” a palavra denota a vida a que acede o iniciado; experiência em que se harmonizam “tristeza e alegria,



entrever o sabor que Cinatti lhe atribui, convém analisar o uso que dela faz <sup>95</sup>.

A um primeiro nível, a palavra sublinha os *limites da percepção física*; qualifica, por exemplo, a “névoa” em que se esbatem os contornos da realidade. Assim, as árvores da floresta na “sua forma estranha lembram o mistério dos sítios [...] sempre ensopados em nevoeiros densos e onde vivem as plantas mais esquisitas”; sobre elas “e sobre toda a parte, os líquenes pendem, como coisas mortas, embebidas em vapores misteriosos” <sup>96</sup>.

O que agora está encoberto poderá, mudadas as circunstâncias, vir a tornar-se mais perceptível: como a Ilha da Berlenga que, “na maré baixa, [...] revela melhor os seus mistérios” <sup>97</sup> ou seja, as grutas que penetram na ilha e cuja beleza interior é resguardada pela escuridão. Na maré alta perdem-se de vista. Mas, quem sabe que existem e conhece a contingência da sua própria percepção, antevê e aguarda confiante o momento em que serão descobertas.

---

procura e encontro, procriação e nascimento, morte e vida, fim e início” — a por demais conhecida *coincidentia oppositorum*. O facto de ser proposto como termo de um caminho iniciático sugere tratar-se menos de um estado nocional que de uma consciência enriquecida ou sobreelevada pela “atmosfera de emoção e participação criada, pelas imagens míticas impressivamente mostradas, pelas ‘doutrinas’ transmitidas e pelo ‘êxtase’ provocado” Manuel ANTUNES, “Mistérios pagãos e mistérios cristãos”: *Enciclopédia Verbo*, XIII, Lisboa 1972, col. 933. No quadro do cristianismo, o uso reflecte a originalidade própria do Evangelho. A hipótese avançada nos finais do séc. XIX duma influência mais ou menos directa das “religiões de mistério” na estruturação do cristianismo nascente, parece hoje definitivamente afastada. É verdade que no pensamento da Igreja mistério denota ainda, por excelência, a salvação. É verdade também que algo de iniciático existe nos “mistérios” ou “sacramentos” cristãos; que o seu enquadramento litúrgico visa criar um estado de consciência que facilite estabelecer uma relação entre os momentos mais marcantes da condição humana e a vida de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Mas a mensagem cristã subordina eventuais “estados de consciência”, “sabedorias” e “carismas” ao dom central da “caridade”. Na caridade efectivamente vivida está o cerne do mistério cristão e a sua revelação (cfr. Jo 17; I Cor 13). Por isso a revelação neotestamentária é por natureza historicamente situada, pública e universal, e aos olhos da Fé encontra a sua expressão inultrapassável em Jesus Cristo. E daí a insistência de S. Paulo em associar de forma paradoxal o mistério da salvação ao anúncio de Cristo crucificado, “escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (I Cor 1, 23).

<sup>95</sup> Conselho de G. BORNKAMM, *loc. cit.* Em 1949, Cinatti afirma que, “filosoficamente, sigo Gabriel Marcel” — “Texto autobiográfico” (inédito). Mas o uso que faz da palavra “mistério” remonta a textos seus de 1936, provavelmente anteriores ao contacto com a obra de Marcel.

<sup>96</sup> “Ossobó” (1936): *Obra poética*, 30.29.

<sup>97</sup> “Metamorfoses de uma gaivota” (1942).

Numa dimensão mais alargada, “mistério” *sugere os limites não já da percepção mas da compreensão dos dados que ela recolhe*. Há acontecimentos que escapam à capacidade de os interpretar. Quem observa um pintor diante da tela, não domina o “movimento secreto” que o inspira; apercebe-se somente que “se traduz em misteriosas pinceladas”<sup>98</sup>. No final do conto de “Ossobó”, Guimbú, o morcego, desperta com o estremecer do silvado e procura em vão entender os sinais deixados na floresta:

Sonolento ainda, parecera-lhe que o vento vergastava as frágeis gramíneas e as atirava para longe. Porém, quando saíra, estava tudo quieto, nem uma folha bulia e as estrelas banhavam as árvores com a sua vaga luminosidade; se o capim não estivesse tombado, julgaria ter vivido num sonho.

Mas não. As coisas sucediam misteriosamente no *obó* [= floresta] e de balde Guimbú o morcego procurava perceber.<sup>99</sup>

Procurado e desejado, este *conhecimento ou sentido que o mistério promete* apresenta-se como um dos fundamentos da vontade de “partir”. Cinatti percebeu-o um dia quando, no Cruzeiro de 1935, “debruçado na amurada, à proa do navio”, se imaginou “navegador, numa caravela de quinhentos, atravessando o Mar sem fim, olhos fitos no horizonte, na ânsia de descobrir o que estava para Além”<sup>100</sup>.

Em 1940 quis reavivar a “sugestão dos horizontes tropicais”<sup>101</sup> que em África tanto o impressionara. Recorda a visita feita a uma antiga praça forte portuguesa.

O sussurro das vozes jamais ultrapassou aquele mistério  
Que além das muralhas estéreis acena com a mão furtiva  
Terra incógnita!  
Terra de desejos invencíveis,  
[...]  
Aqui começa o reino de Cham [...] <sup>102</sup>

<sup>98</sup> *Ibid.*

<sup>99</sup> “Ossobó” (1936) : *Obra poética*, 31.

<sup>100</sup> “O que eu vi em África” (1935), 411.

<sup>101</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 51.

<sup>102</sup> *Ibid.*, 51 – 52. Comentando este poema em *Itinerário Angolano*, diz-nos Cinatti que “começou por ser ambicioso. Queria abranger a África inteira. [...] Tempo depois das leituras místicas versando preferivelmente ambientes extra-europeus — a África por ser mais solitária. Loti [...], Psichari, o neto de Renan que eu tomava como paradigma das minhas exigências salvadoras — ‘sou pelos meus avós contra os meus pais...’, ‘o sangue dos meus mártires vale a tinta dos teus escritos...’ [...] tudo apadrinhado pelo Maritain de l’*Antimodeme*

“Muralhas estéreis” essas, erguidas contra os perigos do desconhecido! Aquém e além delas faz-se sentir a atração “furtiva” daquela “terra incógnita”, daquele espaço imenso aberto à imaginação: “terra de desejos invencíveis”. Não há muros, nem “sussurro das vozes” que apague a sedução daquele “mistério”.

\*\*\*

Mas, se aquilo que escapa à percepção ou à compreensão atrai o poeta, *há dimensões da experiência que, por representarem um ponto de encontro de elementos opostos entre si, e serem por isso irredutíveis a conceitos, não só exercem essa atração misteriosa do desconhecido mas se diriam associadas por natureza à própria noção de mistério.*

Duas imagens predominam na obra de Cinatti associadas a esta noção. São elas a *noite* e a *luz*<sup>103</sup>. Começemos pela luz.

Em “Ossobó”, o leitor acompanha o desenrolar dos acontecimentos e compreende, distanciado, a perturbação do morcego no final. O que é misterioso para Guimbú não o é para quem seguiu o conto. Mas, caindo em si o leitor vem a descobrir-se numa situação análoga à do morcego, só que mais radical: assistiu “à tragédia da floresta”<sup>104</sup> mas não está de posse do seu sentido. À primeira vista, a exuberância da Natureza parecia exaltar a força e a espontaneidade da vida. Agora revela-se tecida de uma luta sem tréguas entre vida e morte. A própria vegetação o reflecte; “nem lá a luta pára”. É a luz que a provoca. Movidas “pela luz as trepadeiras estendem as suas teias sobre as copas, esmagam, enrodilham em esforços genesíacos e

---

que eu sintetizava: ‘sou antimoderno, porque ultramoderno’. Embrulhavam-me em África, segredavam-me mistérios que a recente viagem (cinco anos antes!) tornava sensíveis. A África! Depois Angola, porque Angola era enorme como a África e eu estava sensibilizado de imagens das florestas do Cazengo, do Zaire, do planalto (manhã de frio na Ganda! suores frios em Sá da Bandeira!), do deserto de Moçamedes onde vi restos de ossadas!” — *Itinerário Angolano* (1972, inédito), 179.

<sup>103</sup> As metáforas da “noite”, da “escuridão”, da “treva”, da “claridade” e da “luz” são aparentadas. Pertencem, por assim dizer, a uma mesma constelação. São imagens primordiais da experiência visual. Uma contagem por alto das palavras associadas com luz, nos dois primeiros livros de poesia de Cinatti, dá-nos os seguintes resultados: “Dia” (*Nós não somos deste mundo*, 17 — *Anoitecendo a vida recomeça*, 7); “Luminoso” (3 - 3); “Luz” (10 - 14); “Lua” (0 - 2); “Luar” (0 - 1); “Sol” (13 - 11). Note-se a significativa ausência de referências à “Lua”, sobretudo se tivermos em atenção a insistência na “Noite” (*Nós não somos deste mundo*, 29 — *Anoitecendo a vida recomeça*, 14) e nas “Estrelas” (19-18).

<sup>104</sup> “Ossobó”: *Obra poética*, 28.

sobem até aos ramos mais altos das figueiras e das jacas”<sup>105</sup>. E no entanto a beleza do conto não está em causa.

Cinatti retoma este sentido de tensão e conflito associados à luz em Março de 1939. Acorda em dia de férias na aldeia de Monsanto e apercebe-se de que não assistirá ao nascer do Sol, como esperava:

Esquecera-me de que do outro lado da rua se levantava outra casa que tapava o Sol ainda baixo; assim, a luz recebida perdia toda a alegria e toda a violência e eu, falho de estímulo, deixava-me ficar amodorrado [...]. Eu só pedia o Sol. Eu só desejava que a luz devassasse todos os cantos do quarto e me obrigasse violentamente a levantar-me.<sup>106</sup>

A luz está na origem da vida e revela a conflitualidade da Natureza. “De manhã a luz é forte, é plena de grandes combates”, diz Cinatti nas primeiras páginas de *Nós não somos deste mundo* (1941)<sup>107</sup>. Em “Metamorfoses de uma Gaivota” (1942) é a vida marítima que, na tranquilidade de uma manhã de Verão, lhe manifesta essa luta feroz pela sobrevivência:

A gruta é tão bonita! [...] Que amena quietude! A rocha avermelhada enegrece-se em baixos de roxo diluído. Um charco de superfície lisa como a de um espelho, bordado ao redor pelas algas vermelho escuro e de veludo. No meio, as pedras arredondadas cobertas de coisas de cores verdes e amarelas. Animaizinhos que parecem plantas enfeitam as rochas debaixo de água.

Tudo parado! Tudo a mexer. A rocha escorre tinta cor de rosa. As algas amarelas lembram lâmina de latão enegrecido pelo fogo.

Os tentáculos de uma anêmona estendem-se como as pétalas de uma flor.

Um pequeno camarão vai a passar e, de repente, os tentáculos fecham-se, encolhem. O camarão desapareceu...

Tudo mistério! Quero avançar! A meus pés, abre-se um precipício. O mar vai e vem e ecoa nas profundidades desconhecidas.<sup>108</sup>

*Mistério*, reflectido nas “profundidades desconhecidas” que diante dos seus pés se abrem como “precipício”, é o modo como vida e morte se ligam nesta união indissolúvel<sup>109</sup>, violenta e bela ao mesmo tempo.

<sup>105</sup> *Ibid.*

<sup>106</sup> “Uma manhã de Março em Monsanto”, *Diário 1939*.

<sup>107</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 35.

<sup>108</sup> “Metamorfoses de uma gaivota” (1942).

<sup>109</sup> Cfr. “Ser poeta” no Capítulo I deste trabalho.

Pela sua vez a noite é uma experiência particularmente poderosa na evocação do mistério <sup>110</sup>. De tal modo que se torna imagem de referência na descrição de outras realidades — assim “os noitibós, negros e misteriosos como a noite” <sup>111</sup>.

A descrição duma hora de crepúsculo em África dá-nos uma chave para a leitura da metáfora. Certa ocasião,

Quando a noite desceu sobre as montanhas  
E a voz se emudeceu ante o mistério  
Que em cadências ondulava nas colinas,  
Uma ternura antiquíssima inundou meu coração. <sup>112</sup>

Caiu a noite. Esbateram-se as diferenças. Damo-nos conta que na luz do dia que agora gradualmente se extingue havia algo de agressivo, que fragmentava a percepção. “Quando a noite desceu”, as montanhas à meia luz uniram-se numa harmonia de cadências, e naquele momento de penumbra o poeta sentiu-se parte da paisagem que pouco antes observava. A experiência despertou nele uma “ternura antiquíssima” — “ternura” porque os sentimentos eram de pertença, de comunhão; “antiquíssima” porque a relação sentida parecia-lhe anteceder a consciência que dela o instante lhe transmitia <sup>113</sup>. O “mistério” que “ondulava nas colinas” envolveu-o também a ele, e ao fazê-lo revelou-lhe outro mundo: o da relação

<sup>110</sup> A noite tem, nos seus escritos, pelo menos três níveis distintos de leitura, como se vê neste poema: “Cantei, sonhei / E a noite veio da noite / Com passos cautelosos / E as mãos cheias de estrelas. / Como um golpe de vento / Que deslumbrasse a vista / Fugiste e veio a treva. / Perdi-te.” — *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 92. Noite é, primeiro, experiência física, da qual o canto e o sonho do poeta fazem nascer uma noite de outra ordem, com “as mãos cheias de estrelas” — marcada, portanto, pelo sentimento de encontro e de delicadeza. Mas quando algo, “como um golpe de vento / que deslumbrasse a vista”, quebra a relação, e vem a “treva”, o sentimento de perda, a escuridão sentida como isolamento. É na segunda acepção que, para Cinatti, *noite* evoca mistério. Note-se, porém, que Cinatti não reduz o carácter polissêmico das palavras. A distinção dos níveis de leitura é determinada pelo contexto e não por uma identificação rigorosa deste ou daquele significado com as palavras *noite*, *escuridão*, *treva*, ...

<sup>111</sup> “Partir!... Partir!...” (1938), 7.

<sup>112</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 46.

<sup>113</sup> O sentimento de envolvimento maternal à hora do crepúsculo é atestado noutros escritos do poeta: “Ó minha mãe! Porque nasceu a manhã?... E porque veio a noite?... De manhã a luz é forte, é plena de grandes combates, e ao anoitecer o ar dilui-se em ansiedades insatisfeitas, em sonhos longínquos de coisas que se vão” — *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 35; “Antes da noite e já depois do dia, que luz, que luz de parto a lumiar-nos...” — “Metamorfoses de uma gaivota” (1942).

primordial que recolhe em harmonia o poeta e os fenómenos que neste mundo dos sentidos lhe surgem contrapostos como objectos de percepção e entendimento <sup>114</sup>. *Espelhado no fenómeno dos sentidos está a verdade maior duma união que lhe subjaz* <sup>115</sup>.

“Ideia”, ou impressão, “daquilo que está para lá do horizonte em que vivo” <sup>116</sup>, é esta comunhão primeira que intui no mistério. Situada nos limites da consciência, inatingível, talvez, senão em momentos privilegiados de percepção, mas a que algo desde já o une e que irresistivelmente o atrai <sup>117</sup>. Por isso anuncia: “Eu parto. A noite escura / Acena.” <sup>118</sup>

Há, contudo, uma ambiguidade nesta atracção. *No apelo da noite adivinha-se*, não só a união íntima do poeta com a “madre terra”, ou com um universo em que tudo se encontra interligado <sup>119</sup>, mas a

---

<sup>114</sup>Confrontar, p. ex. com Álvaro de CAMPOS: “[...] / Matéria e Espírito são apenas nomes confusos / Dados à grande sombra que ensopa o Exterior em sonho / E funde em Noite e Mistério o Universo Excessivo!” — *Obras Completas de Fernando Pessoa, II – Poesias de Álvaro de Campos*, Ática, Lisboa 1980, 105.

<sup>115</sup>A experiência inversa, testemunhada em “Metamorfoses de uma gaivota” (1942), revela pela negativa o mesmo desejo ou saudade de pertença: “A vista do mar azul ao fim do dia, quando uma imensa tristeza desce sobre a terra e o sol baixa na vastidão infinita das águas, é de uma beleza vagarosamente assustadora. A sensação de não pertencermos ao mundo é experimentada com dor. Mas o João falara-me de uma piscina natural, um buraco escavado na rocha sem comunicação visível com o mar, e a ideia de canais subterrâneos por onde a água se desenrolava até à flor da terra agia em mim como poder de magia”. Note-se como a “ideia de canais subterrâneos” actua nele como promessa duma comunicação para lá da experiência dos sentidos.

<sup>116</sup>“O que eu vi em África” (1935), 411.

<sup>117</sup>Sublinhe-se a proximidade desta experiência com a descrição fenomenológica do conceito de mistério por Karl RAHNER: “O mistério é evidente em si. Que é inatingível já o dissemos. Existencialmente, e para a teoria do conhecimento, é simultaneamente uma ameaça para o homem e a sua bem-aventurada paz. Leva-o a viver insatisfeito e a protestar, porque exige que parta do pequena abrigo duma auto-suficiência aparentemente tão segura e avance por regiões não desbravadas, mesmo de noite. Parece-lhe demais, ver-se sobrecarregado com tais obrigações. O mistério impõe-lhe o dilema de se lançar numa aventura sem roteiro e sem porto, entregue ao infinito, ou desesperado com a ideia e por isso amargurado refugiar-se na toca sufocante da sua própria perspicácia finita.” — “The concept of mystery in Catholic theology”: *Theological Investigations*, IV, London 1966, 58 (trad. minha).

<sup>118</sup>*Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 62.

<sup>119</sup>“[...] quando descia aos vales luxuriantes, ou em pequenas praias cercadas de rochedos pousava para uma assistência invisível, o meu ser vibrava em uníssono com o ambiente riquíssimo. Abriam-se comportas de um vigor interior indomável de conqui-

*vertigem da morte* — também ela envolvente, também ela vencendo a diferenciação do espaço e do tempo, na tranquilidade dum descanso eterno, na comunhão do “silêncio [...] derradeiro” <sup>120</sup>.

A sedução que a morte exerce sobre Cinatti é grande. Conviveu com ela desde criança. Viu-a tomar para si os que lhe eram queridos:

Primeiro os parentes queridos, depois os amigos. Nem eles próprios os que tentaram fugir a tempo escaparam. Os meus mortos matavam-nos e incorporavam-nos num longo cortejo silencioso que me foi seguindo para sempre. <sup>121</sup>

Apesar destes antecedentes, não deixa de nos surpreender o modo como encara a sua própria morte. Temperamento inquieto — de tal modo que na sua companhia até um amigo “começava a sentir-[se] também inquieto, desassossegado” <sup>122</sup>, nela pressente um alívio dessa tensão anímica, a possibilidade dum repouso total.

Naquela madrugada de férias já referida em que acordou cedo na aldeia de Monsanto, esperando “receber o sol da primeira manhã”, a luz, quando afinal aparece, é frouxa:

e eu, falho de estímulo, deixava-me ficar amodorrado, sem forças para reagir, o espírito entregue a todas as variações melancólicas, apreensivas e desesperadas do meu triste estado destes últimos tempos. “Para quê?” dizia de mim para mim. “Para quê reagir se me faltam as forças e nada existe que me desperte para a vida?” A luz por que tanto esperava sumia-se, vaga e friamente pelo quarto escuro. Aninhado, puxava para mim os cobertores caídos durante a noite. “Que noite, que noite... e este amanhecer...” [“] A impressão do apêndice aumentava e eu sem querer a pouco e pouco me ia aproximando da Morte. <sup>123</sup>

Um mês antes, em Lisboa, confessara sem aflição alguma o “pressentimento de que morro daqui a 3 anos” <sup>124</sup>.

---

tador da madre terra. Uma voluptuosidade que à força de ser pura me ductilizava os gestos e as palavras, fazia de mim um animal sensível aos perigos e perfumes da terra.” — “Herdeiro dos mortos” (inédito), citado atrás na p. 96; cfr. também *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 68.

<sup>120</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 84.

<sup>121</sup> “Herdeiro dos mortos” (inédito). Os parentes que morreram foram a mãe, o avô Cinatti, o avô Monteiro Gomes. Dos amigos, Manuel Torre do Valle faleceu em 1943.

<sup>122</sup> Guilherme de CASTILHO, “Ruy Cinatti, o ‘nómada, meu amigo’ ” : *Notícias de Macau* (11 Dez. 1955) 3.

<sup>123</sup> Março, *Diário de 1939*.

<sup>124</sup> “Depois, na Portugalá, aborreci-me. O Gaspar Simões não trouxe o original do 1.º cap. Mas não é por isto. A febre e o pressentimento de que morro daqui a 3 anos (estarei eu preparado para a minha morte?) atiraram-me para cima de uma cadeira e à minha volta

Quase no termo previsto, anota:

Não seria melhor pôr em dia a minha vida, esta vida que eu desejo amar com todas as forças da minha alma? Ainda há pouco, ao reler a carta do Maya se me prendeu o coração e disse para a Molly não me importar de morrer agora em boa morte.

Minha vida que delicadamente possuo. <sup>125</sup>

A morte representa tranquilidade, sono eterno, alívio do tédio duma vida mediana sem “coisas realmente belas, grandes, nem grandiosamente trágicas” —, realmente trágicas como confessa de novo ao diário, em Novembro de 1942:

Continuo mergulhado num vago mal-estar; as causas: o ambiente péssimo que tenho em casa e a falta de interesse, de objectivos, de qualquer coisa no género. A falta dos pequenos objectivos próximos, imediatos.

Não consigo fixar a atenção, não consigo ler, não consigo ver, ouvir: os sentidos estão envolvidos por uma espessa neblina, a vontade permanece num estado de semi-sonolência, apetece-me dormir, dormir indefinidamente e despertar longe, em qualquer parte.

Mas é necessário ficar, é necessário aturar, é necessário estar preso ao que não queremos, ao que não nos pertence ao que odiamos; assim, a vida não é bela nem horrenda, é uma grande estopada. Tem coisas boas tem coisas más, mas não tem (ou não teve ainda) coisas realmente belas, grandes, nem grandiosamente trágicas, realmente trágicas. <sup>126</sup>

Um pouco adiante, a 12 de Dezembro, exclama:

Ó solidão

Saudade de sono eterno

Dá-me a Morte e Alegria

No calmo êxtase das tuas mãos! <sup>127</sup>

A envolvência e a tranquilidade que procura no mistério, e que intui no sono eterno da morte física, eram qualidades que antes associava à relação com a mãe. Não nos surpreende, portanto, que

---

era uma confusão de pessoas que entravam, compravam e discutiam. O grupo dos escritores desgostou-me profundamente. Que gente esta! Discute, não diz nada, não faz nada. Fala, sorri, diz mal, diz bem! Desgraçados!” — 4 de Fevereiro, *Diário de 1939* (não esclarece, no diário, a que obra sua se refere ao dizer que João Gaspar Simões não lhe devolveu o “1.º cap.”).

<sup>125</sup> 14 de Dezembro, *Diário de 1941*. Será forçar o texto ver implícita no “desejo” de amar a “vida com todas as forças” uma dúvida se a ama de facto?

<sup>126</sup> 20 de Novembro, *Diário de 1942*.

<sup>127</sup> 12 de Dezembro, *Diário de 1942*.



um pouco adiante no mesmo diário encontremos versos dirigidos a Nossa Senhora, associando-a ao momento desta morte desejada. Pela sua mão de mãe espera aceder à morte. Na sua companhia, a morte será “alegria total / surgindo da dor como a onda / do mar”.

[...]

Virás um dia bruscamente quando  
Nas horas dolorosas do final  
Pela tua mão conduzires a alma  
Ao momento de sempre ignorado.  
Oh, Senhora da Última Viagem,  
Por uma vez ver-te-ei serei teu  
Completamente, alegria total  
Surgindo da dor como a onda  
Do mar.

O coração será de pedra  
Mas no tempo ficará liberta  
A sequência de um amor, sonhando...  
Das cinzas do cérebro, como aves  
Que pela primeira vez esvoaçam  
Fora do ninho, ressurgirão  
As construções da louca fantasia:  
Os anjos e os monstros. Os demónios  
Da imaginação.

Virás um dia  
Docemente quando em mim morrer  
A chama da tentação pela tua posse.  
[...] <sup>128</sup>

Nada nos prepara, porém, para o espantoso inédito em que a morte é como que o regresso ao seio materno, o reencontro com um Absoluto em tom feminino. Datado de 1941, Cinatti deu-lhe, significativamente, o título de

#### POEMA DA ABSOLUTA VIRGINDADE

Quero-me deitar às águas fundas  
Ventre abaixo, braços lassos.  
Quero-me deitar às águas fundas  
Face abaixo, mãos cruzadas.  
Quero a paz das águas fundas.  
A paz nos meus olhos,  
Nos meus lábios,  
No meu sangue.

<sup>128</sup> Dezembro, *Diário de 1942*.

A paz do fundo das águas fundas  
 Amanhecendo aos meus olhos  
 Visões trémulas de espanto e claridade.  
 Quero a paz de uma beleza nua  
 E líquida:  
 O silêncio das águas, a pureza  
 Das águas  
 Murmurando entre si glaucas verdades.  
 Quero a paz das águas fundas.  
 A paz que se respira nas águas fundas  
 Entre navios e ânsias de fantasmas.  
 Quero o sangue das águas fundas.  
 O sangue das águas em cascata batendo  
 nas águas fundas

Do meu corpo.  
 Todos os rios desaguando no meu corpo  
 As flores e os aromas da distância  
 e das montanhas,  
 As estrelas e a neve da distância  
 e das montanhas:  
 As águas claras desaguando no meu corpo  
 Iluminadas, puras  
 Como a aurora desaguando no meu corpo  
 Os sorrisos matinais de um luminoso baptismo.  
 Águas!...  
 Quero deitar-me às águas fundas.  
 Quero descer nas águas fundas.  
 Quero beber as águas fundas  
 De Deus nas águas, sobre as águas,  
 adormecendo as águas...  
 Águas!...  
 E depois a morte, a morte, a boa morte:  
 Águas de olhos maravilhados, de gestos maravilhados  
 sobre as águas afastadas  
 docemente, docemente...  
 Ante a lividez e o alvor da vida.<sup>129</sup>

★ ★ ★

A atracção da morte, porém, não é pacífica. Se, por um lado, o seduz, por outro, aproxima-se do apelo da vida, quase ao ponto de se identificar com ele. E essa confluência traz consigo uma contradição

<sup>129</sup> Poema manuscrito, sem data, encontrado entre papéis do poeta de Junho de 1941. Note-se como as “águas fundas de Deus” polarizam o desejo de entrega que sente. O modo como a noção de Deus centra a sede de absoluto, leva-o, noutro poema, a exclamar: “Ah!, / Mas Deus é o piloto do infinito.” — *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 683.

de sentimentos: o desejo, o temor e a angústia <sup>130</sup>. Foi o que aconteceu na Ilha do Príncipe ao embrenhar-se na floresta, na escuridão. Sentiu, então, “a necessidade de desaparecer, de me deixar absorver pelo negro incandescente da Natureza vegetal”, e fugiu.

Quando, depois, no navio, perturbado por tão intensas comoções, olhava a escuridão da ilha, mais negra que uma noite de tempestade, chegavam vozes confusas, a chamar continuamente por mim; eflúvios me levavam o espírito para lá, para a infinda verdura, para a vida, para a morte... <sup>131</sup>

Esta atracção e repulsa, movimento ambivalente do seu espírito, emerge de novo no último poema de *Nós não somos deste mundo* (1941). Apoiase aí na imagem primeira duma noite de tempestade, reflexo do seu estado de espírito. Uma segunda metáfora, porém, se sobrepõe, mais terrível ainda. Lá fora ouve as árvores,

Silvando, mais misteriosas que todas as cobras  
No acto do encantamento. <sup>132</sup>

Fascina-o este encantamento da cobra, porque nela se associa a força da vida e a sedução irresistível e misteriosa da morte. Foi a ela que recorreu, numa passagem de rara angústia e violência, para expressar no conto de “Ossobó” a sua impressão da floresta:

Despreocupado, [Ossobó] perscruta por entre as folhas e depois saltita atraído pelo vermelho de um insecto que zumbe mais em baixo.

De ramo em ramo, quase que lhe chega e eis que estaca de repente, olhos fitos lá por onde as folhas se amontoam mais espessas. Começa de recuar alucinado, piando baixinho num tom diferente de há pouco.

Não ouvia ainda o cantar dos bicos de lacre? Seria ilusão tudo aquilo?

Ossobó continua no seu canto triste e suplicante; meneia a cabeça em direcções impostas, e os seus olhos pequeninos não se desviam dum tronco meio apodrecido que ali estava.

Agora não se move, sequer, apesar de haver uma força que o impele a avançar.

Descendo das alturas passam cinco garças brancas, mas Ossobó já nem as vê. As suas asas roçam o chão sem força alguma e, preso ao seu destino, Ossobó aguarda o fim.

<sup>130</sup> Cfr. “Partir!... Partir!...” (1938), 3.

<sup>131</sup> “O que eu vi em África” (1935), 417.

<sup>132</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 68. A descrição do encontro inesperado com uma cobra, num dos seus primeiros diários — 30 de Agosto, *Diário de 1934* —, é pontuada de expressões como “estupefacção”, “curiosidade”, “desejo de a matar”, “nojo”, “repugnância”, mas “a razão chamou-me a tempo”, e procede a uma observação meticulosa do animal.

O silêncio é enorme quando um silvo cortante talha o ar. Por detrás do tronco surge a cobra negra com as estrias vermelhas na cabeça e os dois dentes curvos saindo da bocarra.

Rastejando, o seu corpo manchado de amarelo, descreve longos ss em direcção a Ossobó, mas este só sente dois pontos brilhantes que cada vez mais se aproximam e lhe entram pelos olhos dentro.<sup>133</sup>

O que nos angustia é que por momentos Ossobó conseguiu erguer-se acima da “tragédia da floresta”, viu e cantou horizontes mais vastos, o Mar a perder de vista. Mas voltou à floresta porque teve medo do apelo que sentiu, da ruptura que esse infinito lhe exigia, pois “o estrondo daquelas longas ondas a desfazerem-se na areia parecia chamar continuamente por mim...”<sup>134</sup> Agora a sua visão foi silenciada para sempre, devorada por uma certa vida, absorvida por outra morte.

Foi também assim naquela manhã sombria de 1939, na aldeia de Monsanto. Cinatti sentiu que, pouco a pouco, se aproximava a morte, e que de algum modo a desejava. Despertou então a consciência do que nele resistia a esse poder de atracção.

“Morrer agora quando eu tanto desejava subir a serra e agarrar a neve!” Eu queria subir a serra, correr pela neve, escalar os rochedos mais altos, para lá no cimo abrir os braços e deixar-me correr na Eternidade. Porém — amargura que tanto me pertence — para alcançar um instante de alegria pura não me é possível limitar o sofrimento. Eu só pedia o Sol. Eu só desejava que a luz devassasse todos os cantos do quarto e me obrigasse violentamente a levantar-me.

Tal a condição da minha natureza. Não era a vida que me fazia recuar perante a Morte. Embora presente, não era a minha alma a razão suficiente que em mim queria viver. Todos os prazeres e satisfações eu os trocava de boa vontade pela morte. Não. Eu queria viver e apavorava-me a ideia da Morte porque na minha imaginação via a neve no alto da serra, via-me a mim correndo sobre a neve e beijando-a e queria uma vez mais tentar aproximar-me da realidade, viver fisicamente a minha imaginação.<sup>135</sup>

Aquilo que nele resiste à morte, não é a sua “alma”, ou seja a vida que sente dentro de si. Desconfia mesmo que numa luta entre essa vida e a morte, a morte levaria a melhor. Mas há nele outro movimento, que dá sinal de si ao nível da imaginação e influencia o seu querer. É a vontade de ir além das fronteiras que demarcam a sua subjectividade: conseguir que sujeito e realidade objectiva que

---

<sup>133</sup> “Ossobó” (1936) : *Obra poética*, 30.

<sup>134</sup> *Ibid.*, 29.

<sup>135</sup> Março, *Diário de 1939*.

o circunda se fundam no momento explosivo da acção; que ambos se transformem numa nova criação. É a gestação da obra poética que intui como apelo.

A experiência encontra, três anos depois, uma formulação mais trabalhada. Encontra-se de férias nas Berlengas. A hora é do pôr do Sol, não de madrugada.

A pouco e pouco, escurece... O luar vem transparecendo devagarinho, infiltra-se na luz crepuscular e a atmosfera afunda-se no mistério que anuncia a noite. A janela jorra uma claridade fixa prenunciadora de gestos de liturgia. Dir-se-ia que o sol e a lua celebram os esponsais e acabam de entrar no quarto nupcial. Em momentos como este, de portas que se fecham, de cortinas que se desenrolam, o pensamento desliza sobre coisas tenuíssimas, finas; olha para si maravilhado e sente que à distância qualquer coisa de sagrado desce. O poder das trevas segreda movimentos surdos; passos cadenciados que atravessam as muralhas dos séculos como num sonho; vozes impregnadas com o calor de indefiníveis adeuzes; luzes que se apagam para depois se reacenderem muito longe numa incerteza íntima que não oculta nem revela. A sensação de se ter adormecido e sonhado o fim da nossa vida no tempo e na eternidade prolonga-se a um estado em que acordados sonhamos de novo a vida da carne. E entre estes dois sonhos, o primeiro, o da morte a vir, o segundo, o da vida que nos alimenta, abre-se um caminho solitário através da paisagem de uma terra por nascer.<sup>136</sup>

As duplas sol-lua, dia-noite, masculino-feminino, vida-morte confluem numa fronteira indefinida, “antes da noite e já depois do dia”. Nesse “quarto nupcial”, entre dois sonhos, gera-se o “caminho solitário” que sente-se chamado a trilhar, “através da paisagem de uma terra” que a sua aventura fará a nascer.

Antes que a morte sobrevenha e ele ceda ao desejo de repousar, é essa a viagem que quer cumprir<sup>137</sup>. Então,

Um dia voltarei,  
Viajante de silêncios e águas perdidas.  
Um dia voltarei,

---

<sup>136</sup>“Metamorfoses de uma gaivota” (1942). A natureza das imagens — o pôr do Sol e não a madrugada —, deixa ao leitor a sensação que sobre o poeta avança inexoravelmente a noite, o feminino, a morte.

<sup>137</sup>Recorde-se que este sentido de haver um terceiro tempo criativo na tensão de pólos opostos da existência se repete neste período da vida de Cinatti. Assim, as viagens da adolescência, “fora do tempo e entre dois espaços: o da contemplação interior e o da miragem natural [...]. Entretanto, [...] eu a esquecer-me de tudo que antes aprendera, imóvel, hirto, suspenso por um fio de um abismo sem fundo.” — “Herdeiro dos mortos” (inédito). Ou no Cruzeiro de 1935, apercebendo-se que entre o “diário” e a “viagem” se encontra o “movimento iluminado do meu espírito” — “Partir!... Partir!...” (1938);

Marcado pelos vestígios de outros mundos.  
Um dia voltarei,  
E a morte há-de sorrir ao filho pródigo.  
[...] <sup>138</sup>

Todavia, para Cinatti estes impulsos, aparentemente contraditórios entre si, só encontram resolução e se reconciliam no “mistério do Amor” <sup>139</sup>. A conflitualidade do real; a união que lhe subjaz; o desejo de se erguer acima dessas alternativas e viver numa relação com o mundo e com o Outro que integre e salvguarde as diferenças; a esperança de incarnar numa acção criativa quer a riqueza que lhe vai na alma quer a novidade que o mundo e o Outro lhe oferecem — todas essas dimensões se encontram, mas transfiguradas, nos “silêncios do Amor ao centro do mistério” <sup>140</sup>. Em última análise, foi a intuição do apelo que lhe vinha desse centro mistério que primeiro o fez partir.

E, contudo, pela natureza das coisas, a aventura empreendida na demanda desse centro, à medida que dele se aproxima e a ele vai dando acesso, desencadeia o movimento contrário, no sentido da periferia; ou seja, traz consigo a descoberta de que paradoxalmente o centro, como âmagô que é do mistério, não exclui nem afasta, antes envolve, a periferia. “Ó minha mãe!”, pedia Cinatti já em 1935. “[...] eu não quero mais do que o esquecimento que me leve com os raios últimos do sol, em vibrações concêntricas, a ligar no imutável mistério a variação das imagens.” <sup>141</sup>

Com o tempo e a experiência a frieza desta metáfora inclusiva, recolhida da natureza inanimada, foi sendo substituída por expressões que traduzem a solidariedade e o envolvimento pessoal próprios do amor.

Em “Metamorfoses de uma gaivota” (1942), o velho pescador Morgado ao ver a pequena ave cinzenta recolhida pelo poeta maravilha-se com a força da vida que leva as gaivotas na altura própria a expulsar as crias do ninho, ficando “doidas de alegria” quando as vêem voar pela primeira vez; e sem recorrer a qualquer fantasia comenta: “Ah! Isto sempre há mistérios nestas coisas...” <sup>142</sup>.

---

<sup>138</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 62.

<sup>139</sup> “Editorial — Ordem e Aventura” (1942).

<sup>140</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 65.

<sup>141</sup> “À memória de minha mãe”, *op.cit.*, 35.

<sup>142</sup> “Metamorfoses de uma gaivota” (1942).

A palavra *mistério* adquire, neste caso, uma coloração própria: a da solidariedade. *Misteriosa é a solidariedade* que liga as gaivotas às crias, mas também a que o amor pela vida tece entre elas e o pescador.

Mais rico de implicações ainda é o relato que Cinatti faz do seu regresso a Lisboa depois de quatro dias de férias na quinta de uns amigos:

Eu queria reagir. [...] Mas voltara a Lisboa. E voltar a Lisboa depois de quatro dias de um bem-estar que usualmente só consigo viver no sonho, era uma espécie de morte lenta. Outra vez a modorra, o cortejo de fantasmas de uma vida passada e da qual quase me esquecera. Outra vez a Morte. A morte. Como diria o Eliot: *"I never thought that Death had undone so many"*.

A Morte e a Cidade. A Morte nos cafés, nos risos, até nas brincadeiras aparentemente mais inocentes...

Era a Morte que se dissolvia no fumo de todos os cigarros fumados por uma multidão em agonia. Era a Morte que me procurava prender nos seus braços sem que para isso eu lutasse dignificando-a. E ver as árvores e o céu do fim da tarde era reconhecer a ilusão que lá do alto, nos mais fugidios raios crepusculares nos convidava menos brutalmente para esse outro disfarce da Morte: a Noite.

Ah! a lembrança longínqua e ainda tão recente de um lugar e de um tempo em que as árvores e o céu me rodeavam de manhã à noite continuava presente. A ela me agarrava com todas as forças como um náufrago perdido no imenso mar. E eu gritava por esse Amor tão grande no seio do qual vivera. E o meu coração era pequeno para conter todo esse amor com que eu queria retribuir àqueles que generosamente me tinham dado a alegria. Era por isso que já olhava com mais curiosidade as pessoas que por mim passavam. Eu não podia recusar-lhes o que só destinara para alguns. E assim a tristeza ia fugindo e pouco a pouco a serenidade me ia descansando, adormecendo...<sup>143</sup>

## **“Anoitecendo a vida recomeça!”**

O sentido de solidariedade e de doação, associado por Cinatti ao “centro do mistério”, é trabalhado numa reflexão em prosa-poética que justifica o título do seu segundo livro, *Anoitecendo a vida recomeça* (1942)<sup>144</sup>. O texto é construído como um tríptico em torno da vocação evangelizadora da Igreja e do cristão. Uma visão da Igreja, uma oração em favor do mundo e da humanidade e uma meditação sobre o acto criador do cristão — a poética da Fé — revelam-nos o sentido de missão que Cinatti imprime à sua condição de católico e de poeta. Analisaremos cada um dos quadros, separadamente.

<sup>143</sup> O que resta da narrativa de quatro dias passados na Quinta de Foja, em fins de Março e princípios de Abril de 1940.

<sup>144</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 96 - 98.

## “Deus em chamas”

### I

Meus olhos repousavam na figura de barro, imitação de estatuária grega para ter em casa, quando o sono veio irresistível como certas pessoas muito altas que em pequenos nos agarram e nos arrastam do quarto onde morreu nossa mãe.

Quando acordei, achei que tudo era diferente à minha volta.

A figura de barro estatelara-se, partindo-se aos bocados a meus pés. Olhando para a janela vi a Igreja a arder. A cidade deslocava-se como um navio de guerra. Não só os habitantes, como as casas e as ruas. Nem sequer me dei ao trabalho de pensar o que acontecera. Era de facto lindíssimo ver o espírito de Deus pairando sobre a face das águas. A Igreja a arder! Deus em chamas. Nada de mais apropriado.<sup>145</sup>

Em tempo de conflito mundial a visão do poeta dirige-se como apelo profético à Igreja, manifestando-lhe o papel fulcral que lhe cabe na transformação do mundo. É através dela que o Espírito de Deus se prepara para renovar a terra, descendo em chamas como no dia de Pentecostes, pairando sobre as águas como no primeiro dia da Criação.

Mas Cinatti tem bem a consciência de como por vezes a Igreja se encontra longe de corresponder a essa vocação. Um ano atrás manifestava já essa preocupação, ao P. João Cabral, criticando duramente a pobreza espiritual e cultural que tolhia os católicos no seu dever de resposta às exigências do momento e à sede dos mais humildes.

Já reparou — escreveu ao P. João Cabral — que as igrejas portuguesas são mais uma feira dos nossos pecados do que a casa onde se dá glória a Deus! O mau gosto é um insulto a Deus, as florinhas de papel de todas as cores são um insulto a Deus. A sua fealdade, a sua fraqueza, dureza de coração, tibieza de fé, nenhum paladar para o sobrenatural, reinado de convenções, podridão, farisaísmo, etc., etc. E no entanto, e isto é para comover, continuam as velhotas a ir à Missa, cheias de piedade, muito absurdas, que nos fazem sorrir quando deveriam fazer chorar de arrependimento.<sup>146</sup>

<sup>145</sup> As imagens associam os primeiros versos do livro do Génesis, à narrativa do dia de Pentecostes nos Actos dos Apóstolos (cfr. Gn 1, 2; Act 2, 1ss).

<sup>146</sup> Carta ao P. João Cabral, 1941. Veja-se como António José SARAIVA caracteriza a religiosidade portuguesa posterior à Contra-Reforma: Em sua opinião, as expressões excessivas de vida religiosa que então se faziam sentir não provam “[...] que a crença tenha sido restaurada pela Contra-Reforma, mas antes que ela se *exterioriza*, isto é, passa de dentro para fora. Não há já o pressentimento de uma dúvida inquietante, mas sim um oco apaziguador. A religiosidade transfere-se para a superfície, como, nas múmias dos faraós, a estátua saliente esconde, para a eternidade, a ausência do corpo já consumido” — *A cultura em Portugal*, I, Bertrand, Lisboa 1982, 135.



A função que Igreja desempenha na vida das pessoas e da sociedade é crucial. Até fisicamente, como, por exemplo, as torres das igrejas que “afundam o céu / como mastros de uma esquadra fantástica” <sup>147</sup>, recordando como “também Deus vive na cidade dos homens” <sup>148</sup>. Pelo simples facto da existência no seio duma comunidade humana a Igreja exerce esse poder simbólico que desmascara falsos absolutos, mesmo os que se erguem em nome da Beleza e da Verdade.

Esta agora é do Gide:

*Ce n'est pas la Verité qu'il faut aimer,  
C'est Dieu. La Verité n'est qu'un des  
Attributs de Dieu; aussi que la Beauté,  
Qu'adorent exclusivement tels artistes.*

O princípio do mal é querer adorar a parte como se fosse o todo. A beleza pode ser mentirosa porque lhe falta a verdade. Se amares a Deus amarás a verdadeira Beleza e, como homem que és, só O poderás amar através do Deus-Homem Jesus Cristo Nosso Senhor naqueles sinais sensíveis que a Igreja de manhã à noite põe ao teu dispor. <sup>149</sup>

Como testemunhou no debate no jornal *Ação* e no lançamento da revista *Aventura*, Cinatti não se exime à quota parte de responsabilidade que lhe pertence na renovação desta Igreja. Contra o conservantismo e a chacota de Alfredo Pimenta, propõe-se retomar a herança reformadora e “a elevação de um S. Boaventura, de um S. Roberto Belarmino, de um Petrarca, de um André de Gouveia, de um Erasmos” <sup>150</sup>. O que procura é uma experiência viva de Deus, a irrupção desse “Deus em chamas”, e o caminho que escolhe para o fazer é a poesia.

<sup>147</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942): *Obra poética*, 76. A imagem recorda outros versos do mesmo livro, em que os “mastros” se erguem ao alto e por isso percebem ao longe “outro além-mistério”: “O longe é mistério / De neblina em vaga / Que o vento ergue. / Para além da vaga / O mastro percebe / Outro além-mistério.” *ibid.*, 89.

<sup>148</sup> Apontamento encontrado entre os papéis dos anos '30-40. Ver adiante a transcrição do apontamento na p. 125s.

<sup>149</sup> Fragmento de uma carta dos anos '40. Os “sinais sensíveis” que refere são, neste contexto, os sacramentos: gestos cujo poder não depende do valor pessoal dos seus ministros. Note-se que Cinatti distancia-se neste fragmento da afirmação conhecida de KEATS, poeta que tanto apreciava: “*'Beauty is truth, truth beauty' — that is all / Ye know on earth, and all ye need to know.*” — “*Ode on a Grecian Urn.*”

<sup>150</sup> “Não voltaremos atrás” (1942), 4.

Nos movimentos de *Orpheu* e *Presença* encontrou precursores à altura desse desafio: homens que, no seu entender, se esforçaram com seriedade por renovar o sentido religioso em Portugal.

Foi a superabundância de pobreza de alma e de ingratidão [das comunidades cristãs] que motivou o movimento modernista que, antes de cantar e de louvar, procurou investigar as causas do mal anterior, em si próprios; como cegos caminharam, como as velhotas mantiveram-se fiéis à sua mais sagrada verdade, como homens inteligentes fizeram o seu exame de consciência.<sup>151</sup>

Nesse sentido, também ele se propõe examinar a sua consciência; “investigar as causas do mal anterior”, em si próprio. Mas com maior segurança, pois, graças a esses antecessores, a poesia avançou na compreensão de si mesma e “o tempo já se iniciou em que descobertas as fontes de água pura, os poetas cantam com a certeza”<sup>152</sup>. Não a certeza de qualquer autoridade exterior — nem mesmo a do magistério da Igreja —, mas a da experiência imediata, a que é bebida nas “fontes de água pura”, e que intui que a aventura poética lhe poderá vir a alcançar.

Ao canto da tarde,  
Adormeço — quase diria — a minha angústia  
Luminosa e fria.

<sup>151</sup> Carta ao P. João Cabral, 1941. A expressão “movimento modernista”, na passagem citada, não corresponde à periodização literária em uso actualmente. O facto de, nesta carta, citar como exemplo José Régio, enquadrado hoje no movimento presencista, é disso prova evidente.

<sup>152</sup> *Ibid.* É difícil evitar a conclusão de que Cinatti tinha em mente nesta altura a reflexão desenvolvida por Jacques MARITAIN sobre a poesia francesa desde Baudelaire. Vejam-se, por exemplo, as seguintes passagens do filósofo francês, acessíveis a Cinatti nesta época: “Sou da opinião que uma das características mais marcantes da poesia desde há meio século (Baudelaire preside sobre todo este período), é o grande progresso que ela realizou na consciência de si mesma” — “Note sur la poésie moderne” (1931) : *Oeuvres complètes*, V, Paris 1982, 726; “O que Rimbaud não pôde fazer, o amor o fará. Lá onde o desespero não avança mais, a humildade passará. Lá onde a violência é obrigada a calar-se, a caridade falará. A arte juncará de ramos o caminho do Senhor, a quem outrora um coro de vozes juvenis aclamou com hossanas: ‘*Toutes les sources sont en toi / De la musique de la foi / De la poésie / / La source de vie en ton sang / En tes lois le fondement / De toute harmonie*’ [Raïssa Maritain]” — “Frontières de la poésie” (1935) : *Oeuvres complètes*, V, Paris 1982, 726; “[...] conheço alguns jovens poetas que me inspiram uma grande confiança, creio que a sua tarefa será de libertar o elemento de que falávamos, esta fonte de água viva nascida nas profundidades espirituais da pessoa, revelando, como acontece numa melodia, ‘a essência não desfigurada daquilo que é’, e não ‘a mentira imaginada pelo seu autor’” — “*Situation de la poésie*” (1938) : *Oeuvres complètes*, VI, Paris 1984, 868 (trad. minha).

Os céus se abrem de súbito  
E eu sonho a dura lei que me atormenta:  
Forma de amor!

Pelos caminhos que percorri, quase ligeiro,  
As portas do sonho abriram-se;  
Doce é a vaga de harmonia;  
Melódica, porém, a voz e o gesto

Que te revela, Senhor!  
Senhor!  
Suspende, uma vez mais, a voz e o gesto,  
Descobre ainda aquele caminho incerto  
Da aventura.  
Rasga as nuvens e as lágrimas  
Da minha face ao vento,  
— Ousarei ainda pedir-tas  
Em dor transfiguradas,  
Até que a minha alma,  
Repouse em ti, Senhor!<sup>153</sup>

As “portas do sonho” que de início lhe deram acesso à “vaga de harmonia”, a “voz e o gesto” dos que lhe revelaram o Senhor<sup>154</sup>, foram momentos altos dos caminhos que percorreu, “quase ligeiro”. Todavia, uma inquietação profunda impede que neles se fixe, pois sente que só em Deus encontrará repouso a sua alma. Pede, então, que se suspendam a voz e o gesto que o consolam, porque o impedem de percorrer ainda “aquele caminho incerto / da aventura”, de assumir o risco e o sofrimento duma *passagem*<sup>155</sup>. “Dura lei que me atormenta”, essa sede de Deus, “angústia / luminosa e fria”, e no entanto ela é “forma de amor”, saudade inscrita no âmagdo do seu ser — como confessa num poema inédito desta época:

<sup>153</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 8687. Os últimos versos fazem eco da expressão célebre de St.º AGOSTINHO: “[Senhor,] foi para Vós que nos criastes e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.” *Confissões*, I.1.

<sup>154</sup> Certamente, neste caso, a voz e o gesto de quem ensina com talento os caminhos da Fé. A ideia é retomada num poema de 1942 que dedica ao P. Francisco Wakkers: “Senhor, que me disseste: ‘Faça-se silêncio na boca do padre / Para que se ouçam minhas as palavras.’ / [...]” — “Poema” : *Ala*, n.º 4 (1942) 6. Mas note-se que o CONCÍLIO VATICANO II irá usar uma expressão semelhante para falar da revelação: “Esta economia da revelação faz-se por meio de palavras e gestos [*gestis verbisque*] intimamente conexas entre si, de tal modo que as obras realizadas por Deus na história da salvação manifestam a doutrina e a realidade significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, proclamam as obras e esclarecem o mistério nelas contido.” — *Dei verbum*, 2.

<sup>155</sup> O sofrimento assumido como exigência necessária para uma aproximação a Deus, embora tenha por fundo um sentido “redentor” — na medida em que o poeta assume a sua

## DEUS

Espaço infinito absorvendo  
 o universo, o ser e o não ser...  
 ... a Ti regressamos como a água ao mar  
 num movimento contínuo  
 desde a origem do Tempo. <sup>156</sup>

Foi a esse movimento da alma humana que os poetas modernos deram voz.

Por isso a poesia moderna só pode ser apreendida com espírito de oração. É preciso esperar: é necessário que se façam trevas para que a luz se revele. Ela é luz e não claridade. Por isso a poesia moderna tem um carácter verdadeiramente religioso, cristão, mesmo quando parece estar em antagonismo com a religião cristã. Ela é luz e não claridade. Como nos primeiros tempos do cristianismo ela priva-se da claridade greco-latina para melhor receber a luz divina. Este carácter de humildade salva a poesia moderna de muitos excessos. Por isso estando na linha de continuidade da verdadeira poesia de todos os tempos, ela não é um objecto de prazer para os sentidos, de deleite para certos momentos: é a vida com toda a sua estranheza, encanto, contradição. Falo evidentemente da verdadeira poesia moderna. Lembro-me desse santo laico que é o José Régio. <sup>157</sup>

Se atrás o poeta parecia relativizar a autoridade exterior dos mentores religiosos, aqui fica claro que não lhe contrapõe a razão autónoma. A razão “greco-latina” não passa de “claridade”. A sua certeza assenta apenas em raciocínios lógicos e não na *fonte* <sup>158</sup>.

---

vocação como esforço de libertação do *homem velho*, de renovação da vitalidade espiritual da Igreja e de resposta aos desafios do mundo em que vive —, não obedece nos seus textos de Cinatti à leitura comum dos modelos dominantes da Redenção quer em termos de “satisfação” quer de “sofrimento vicário”. Situa-se mais na linha do sofrimento exigido pelo acto de criação ou pela passagem da escravidão à liberdade, de estados de espírito banais a outros mais intensos, ou ainda pela disponibilidade à passagem de Deus (sentido da Páscoa judaica e cristã que Carlos Branco descobre na sua poesia). Assim, por exemplo, numa carta que envia a Jorge de Sena, comenta: “Creio [...] que é uma condição necessária à sua criação — sofrer. Da bondade da sua criação terá porém que ser, o saber sofrer. Você tem de aprender a saber sofrer.” — carta a Jorge de Sena, 13 de Julho de 1942.

<sup>156</sup> Poema inédito, datado “Setembro 1942”, encontrado num caderno do poeta intitulado “Julho - Agosto [1942]”. Comparar com a citação de Álvaro de Campos na nota n.º 114.

<sup>157</sup> Carta ao P. João Cabral, 1941.

<sup>158</sup> É esse o sentido que atribuo a frases como a seguinte: “Sê religioso acima de tudo, mesmo que te apontem como desonesto” — *Anoitecendo a vida recomeça* (1942): *Obra poética*, 97; “lutar, procurar *en gémissant* ou com o ‘caro riso dos heróis’ ser mais religiosos e menos

A “luz divina”, pelo contrário, como a tradição bíblica tão bem comprova, é revelada na própria “vida com toda a sua estranheza, encanto, contradição”.

É aí que também Cinatti a procura, mergulhando “na escuridão profunda / Onde a luz se esconde nos cantos que alma oferece” <sup>159</sup>. E aí a encontra: seja na vida insubmissa que o desperta “com um grito / / ouvido não sei onde”, seja nos reflexos dum “maior mistério”, entrevistados no fluir da consciência quando no processo de criação poética ele debruça na memória os frutos da sua experiência assimilada <sup>160</sup>.

A intensidade das emoções com que procura esse “maior mistério” torna-se por vezes perturbadora. Pressente o poder e a ambiguidade das forças que nele se libertam. Os amigos também o notam — como recorda nesta conversa que registou:

Íamos a caminho da Baixa, conversando sobre as atitudes que cada um tem tomado para a vida.

“Tu metes-me medo”, dizia ele. “Eu não concordo com a tua maneira de pensar e de viver mas, se tu um dia te modificas — é daí que vem todo o meu receio — não sei o que acontecerá. É que tu és uma pessoa perigosa. Quando te entregas a uma ideia, é como se todo o teu ser vibrasse em uníssono. Se tu um dia mudares de rumo, desgraças-te e talvez a muitos outros.” <sup>161</sup>

O risco é real. Por vezes a via que escolheu, ao forçar as fronteiras da consciência, ao provar os limites da sua identidade pessoal, condu-lo à beira do abismo da locura, como que posseso pelo poder da poesia.

Umás vezes penso. De outras, brinco. Não sei classificar os momentos em que o pensamento e a brincadeira trocam os seus elementos. A combinação adquire um carácter pouco habitual. É como se caminhasse à beira de um abismo. O rolar das

---

honestos, mais religiosos e menos leitores desses compêndios de moral [...]” — “Não voltaremos atrás” (1941). Se dúvidas houvesse, recorde-se que no primeiro quadro do tríptico acima citado Cinatti introduzia uma primeira imagem antes da visão da igreja a arder, como Deus em chamas: “*Meus olhos repousavam na figura de barro, imitação de estatuária grega [...] quando o sono veio. Quando acordei [...] A figura de barro estatelara-se, partindo-se aos bocados a meus pés.*”

<sup>159</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 78.

<sup>160</sup> “Transborda em mim a vida. / E querendo-a modelar, / Ela ri-se, foge, / E fere-me com um grito / / Ouvido não sei onde. / Debruço na memória / Finos ramos de árvore / Vergados pelos frutos. / / Logo mergulhados, / Dissolvidos quando / A luz de entre as águas / Descerra visões / / De algo mais alto. / As águas temperam / Sabores encantados / De um maior mistério... / [...]” — *Ibid.*, 94 - 95.

<sup>161</sup> 12 de Março, *Diário de 1940*.

ondas lá em baixo transmite-me o murmúrio de um convite <sup>162</sup>. O coração exalta-se na alucinação mas os pés não avançam mais um passo. Quando volto ao meu estado normal fico perplexo e a vida já não é o deixa andar a que o quotidiano nos obriga. É uma fonte de dúvida e as águas que dela correm têm um sabor delicioso mas não mitigam a sede. Pelo contrário, aumentam-na.

O que é que uma pessoa assim pode fazer? [...] Onde é que vou realizar a minha vida? Porque eu também tenho uma vida, fora dos eixos talvez, porém ela existe e comunica-se na cidade dos homens. Comunica-se mas nunca se estabelece. É como as andorinhas que em voos rápidos, raspam o chão para em breve desaparecerem no ar. Que destino estranho! Só Deus o pode compreender e descobrir-lhe um fim. Só Deus! [...] continuo a viver. Uma vida triste que se desenrola entre espectros e formas de matéria. É, no entanto, uma tristeza que serve para alegrar uns tantos por cento do género humano. O absurdo é de exasperar qualquer pessoa paciente, habituada a dominar qualquer situação. Nós [os poetas?] porém não a dominamos como um adversário. Sofremo-la, sujeitamo-nos, e o monstro instala-se em nós, alimenta-se do nosso sangue, adormece connosco e gera... E quando gera somos senhores de nós próprios, somos nós os dominadores do mundo e das estrelas, até de Deus, se quiserem, isto é, senhores da graça divina infusa em nós. <sup>163</sup>

A imagem do monstro que se instala é demoníaca! E a impressão é reforçada pelo sentimento de domínio absoluto que esse estado lhe comunica. Nem a referência à “graça divina” a consegue diluir <sup>164</sup>. Cinatti sabia, por formação teológica e de experiência feita, que o

<sup>162</sup> Note-se a semelhança da imagem com a descrição no último parágrafo do texto de “Metamorfoses de uma gaivota” (1942) citado atrás, na p. 108.

<sup>163</sup> “Umas vezes penso” (inédito). Meditando sobre os ensinamentos do Budismo Zen e as suas contribuições para um entendimento da experiência cristã, Thomas MERTON fala do risco duma dissolução de todos os limites do *ego* que seja “uma expansão quase infinita do *ego* num oceano de auto-satisfação e aniquilamento. Esta é a última e pior ilusão do asceta que, tendo ‘atravessado para a outra margem’, diz para si com satisfação: ‘Atravessei finalmente para a outra margem.’ Como é evidente, nada atravessou.” — *Zen*, Sheldon Press, London 1976, 137 (trad. minha). Jacques MARITAIN, numa reflexão que diz respeito ao conhecimento poético, fala da tendência para a transgressão implícita na poesia: “todas as energias de ordem transcendental aspiram — com uma aspiração ineficaz — a sair da natureza fechada num género que têm no homem, para seguir a inclinação da sua transcendentalidade, e para tender de forma definitiva para o acto puro e para a infinitização. [...] É só no momento de tomada de consciência, quando ela se descobre reflexivamente a si mesma, que a poesia descobre também nela uma tal aspiração. Esta pode ir no sentido da criação pura (criar como Deus cria, é o tormento de certos grandes artistas [...]); ou, pelo contrário, se a poesia se desliga dos seus fins operativos [...] esta aspiração irá no sentido duma espécie de intuição divina ou experiência divina do mundo e da alma, conhecidos como Deus os conhece, a partir de dentro, e na essência do seu Poeta.” — “Situation de la poésie” (1938) : *Oeuvres complètes*, VI, Paris 1984, 875 (trad. minha).

<sup>164</sup> Para além da consciência desta ambiguidade psicológica e moral de que dá testemunho a sua constante autocritica no diário, interessa saber que Cinatti leu textos de autores que chamam atenção para os riscos espirituais inerentes à literatura e sobretudo à

*homem velho* se imiscui mesmo nos propósitos “mais puros e espirituais”<sup>165</sup>. E a procura do “Deus em chamas” não é exceção, por mais nobres que sejam os motivos que a inspirem.

O caminho da poesia que escolheu, dá-lhe em certas alturas essa sensação de ter chegado: de ser como Deus, ou de O dominar. Na realidade, porém, descobre-se vazio, extenuado, como indica este poema inédito de Junho de 1941.

Sonhei todos os caminhos do infinito.  
 Explorei todas as sendas do mistério.  
 Levantei todas as almas para o céu.  
 Devorei tudo o que havia de imortal.  
 Para quê?  
 Cá dentro ficava sempre o insatisfeito.  
 Cá dentro dilacerava-se o cruel.  
 Cá dentro necessitava mais amor.  
 Cá dentro pulsava uma angústia mortal.

poesia. Entre os livros do poeta encontra-se, por exemplo, de Stefan ZWEIG, *La lucha contra el demonio: Hölderlin — Kleist — Nietzsche*, trad. Joaquín Verdaguer, Apolo, Barcelona 1934. A introdução está profusamente sublinhada. Transcrevo algumas das passagens marcadas: “por isso escolhi Hölderlin, Kleist e Nietzsche, [...] pois, quando o demónio reina como amo e senhor na alma dum poeta, surge, qual labareda, uma arte característica: a arte da embriaguez, da exaltação, a criação febril [...], o frenesim sagrado a que os gregos chamaram *mania* e que se dá somente no profético e no pítico. [...] Nenhum dos três tem mulher nem filhos [...] nenhum tem uma profissão fixa ou emprego duradouro. São nómadas por natureza, eternos vagabundos, exteriores a tudo, estrangeiros, menosprezados, e a sua existência é completamente anónima. [...] Preferem romper antes que ceder à ordem estabelecida, e a sua intransigência é levada, sem hesitações, até ao seu próprio aniquilamento. [...] A morte os indemniza da pobreza da sua existência enche os seus momentos derradeiros dum poder místico. Pois quem vive a vida como uma tragédia, tem a morte de herói.” — p. 11.14.16.19 (trad. minha). Por seu lado, Jacques MARITAIN, depois de chamar a atenção para o facto que à poesia dos anos '30 se coloca a opção metafísica de escolher entre a destruição da fé ou a fé, acrescenta em nota: “O poder manifesto e sensível exercido pelo diabo sobre uma parte importante da literatura contemporânea é um dos fenómenos significativos da história da nossa época. Léon Bloy imaginou o momento em que o ‘verdadeiro Belzebu’, entrando e imitando Hugo, havia de declarar, ‘com voz que suporia a magistratura dos abismos’: *Senhores, sois todos possessos*.” — “Frontières de la poésie” (1935) : *Oeuvres complètes*, V, Paris 1982, 711 (trad. minha).

<sup>165</sup> “O *homem velho* em mim é deveras *velho* como homem sabedor, cheio de experiência e de habilidade, perfeito sofista do tempo actual que sabe fingir lágrimas e uma angústia melada quando lhe convém, e em especial quando se defronta com o *homem novo* ou com os homens novos. E assim, quanto mais puros e espirituais são os propósitos, mais ele se sabe imiscuir, penetrar, misturar-se tal como, numa transfusão de sangue, o sangue doente ao são.” — 22 de Setembro, *Diário de 1941*. A expressão *homem velho* é de S. Paulo que a utiliza para contrastar a pessoa condicionada pelo pecado com o *homem novo* surgido em Cristo (cfr. Rom 6, 6; Ef 4, 22; Col 3, 9).

O “insatisfeito”, “o cruel”, a necessidade de “mais amor”, o pulsar duma “angústia mortal” revelam-lhe os limites da sua *hubris*. O desejo de anular toda a diferença, de atingir uma unidade total, testemunhado na primeira estrofe, está condenado ao fracasso. Mas nem por isso ele deixa de explorar esta contradição, até ao limite do protesto e da revolta contra Deus.

Desci aos infernos. Eu!  
 Completo em tudo,  
 Trazendo na minha voz o firme acento  
 Da inocência do mundo.  
 [...]  
 Tenho a noção do pecado;  
 Honra-me ser capaz  
 De cuspir no céu estrelado;  
 Eis-me então, completo.  
 De homem a homem digo:  
 “Deus!, se me queres quieto,  
 Sujeita-te comigo,  
 vem para o meu deserto.  
 Mostrar-vos-ei quão mais profundo é o grito  
 Que o céu trespassa e ao infinito  
 Arrasta a inocência do mundo.”<sup>166</sup>

A Alteridade de Deus é inatingível e incontornável. O poeta apercebe-se do facto ao dar-se conta de que a existência de Deus lhe subtrai até aquela autoridade mais liminar que seria o poder afirmar a sua inocência. Não desiste, porém, e erguendo-se contra Aquele que se lhe contrapõe, inverte a questão e desafia o seu Criador. Já que não pode dizer-se inocente, assume-se no seu pecado, e apresenta-se desse modo como limite que se impõe a Deus. Há um poder que só ele domina e não Deus: pode “de cuspir no céu estrelado”... a não ser que Deus se disponha a ultrapassar Ele próprio esse limite. Mas, para isso, terá de sujeitar-se também Ele ao deserto da condição humana e conhecer o mesmo desejo insaciável que sacode o poeta, esse “grito / que o céu trespassa e ao infinito”<sup>167</sup>.

<sup>166</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942): *Obra poética*, 81-82. Na afirmação da inocência frente a Deus e no desafio que Lhe lança por desconhecer a condição de criatura, há algum parentesco com os protestos de Job — cfr. por exemplo Job 10.

<sup>167</sup> O desafio, como é evidente, abre para o Mistério da Encarnação. Cinatti está, portanto, a trabalhar as fronteiras dessa doutrina a partir duma perspectiva da condição humana anterior à Revelação Cristã. No mesmo livro, no quadro final do tríptico,



Este impropério não deixa de lançar luz sobre a condição relativa de Deus e do homem. Mas não liberta. É a expressão da sua raiva, que por um pouco o alivia.

[...]  
A oração  
Vômito negro  
Que transfigura  
A noite em dia  
Mas que lanceia  
O coração  
E traz apenas  
Monotonia.<sup>168</sup>

A aventura poética de Cinatti não foi, porém, nem sempre nem sobretudo deste cariz. Como nos revelam os quadros seguintes do tríptico, a descoberta que foi fazendo do Deus vivo foi mais subtil e mais profunda.

## “Os olhos imensos de Deus estão tristes”

### II

Os olhos imensos de Deus estão tristes, cheios de lágrimas. Fala! Olha, olha, torna a olhar. Quebra o silêncio com o brilho dos teus olhos. Olha! Meu Deus! Olha, por amor de Deus, olha para as casas, para os habitantes das casas, para os caminhos que acabam ao voltar da esquina. Olha. Não! Não sorrias. Todos pensam que eu estou a brincar mas não é verdade. Aqueles que mais sorriem são também aqueles que às escondidas nunca param de chorar. Olha! Se tu pudesses ver o que eu estou vendo, embebedavas-te ainda mais do que eu já estou, falarias mais loucamente do que eu falo, querendo por força endireitar as coisas, arrumar as coisas, antes que o próximo cataclismo nos destrua para sempre.

O segundo quadro do tríptico é uma oração. Depois da visão que lhe anunciava uma intervenção divina, o poeta pede que ela se

---

trabalhará a perspectiva complementar. Anos depois escreve um poema em que o facto de ser Deus quem atribui a inocência é experimentado como fonte de alegria, de libertação e de graça: “Aprofunda-te, altera-te, a liberdade é tua / e nada a ela podes dizer mais / do que não seja a verdade única. / [...] / A alma, desprevenida, canta / e só tu, meu Deus, me concedes a inocência!” — ‘Súplica’, *56 poemas* (1981) : *Obra poética*, 643.

<sup>168</sup> *Anoitecendo a vida recomença* (1942) : *Obra poética*, 85.

concretize. E a sua prece não é já o impropério do homem contra Deus mas uma impetração dirigida a Deus, em favor dum mundo e de uma humanidade que ameaçam destruir-se para sempre.

A oração é introduzida por uma certeza — *“os olhos de Deus estão tristes”*. Segue-se-lhe uma insistência aparentemente contraditória com essa afirmação primeira — *“Olha, olha, torna a olhar”* — até que nos apercebemos que o poeta protesta o silêncio de Deus e pede uma intervenção divina — *“Fala! [...] Quebra o silêncio com o brilho dos teus olhos.”*

A atitude de quem intercede em favor da humanidade é marcada por um sentido do amor e de solidariedade que faltavam ao desejo voluntarioso de Absoluto que atrás observávamos. A intensidade da sua emoção não se orienta, aqui, para arrancar ao céu a chama de Deus cujo ardor lhe permitiria lançar fogo ao mundo e o transformar. Angustiado com a sorte do mundo e da humanidade, o seu esforço vai agora no sentido de pedir a Deus que intervenha. Ao leitor, porém, não passa despercebido que o alimento discreto dessa oração são já as chamadas da visão inicial, só que dum fogo diferente das paixões que antes analisámos.

Quando, num dos poemas atrás citados, Cinatti reflectia: “Cá dentro necessitava mais amor”, não se referia exclusivamente, como à primeira vista poderia parecer, à vontade de ser amado. A insatisfação maior vinha-lhe de não conseguir amar como desejava, de não saber dar-se sem medida. “Este desejo de Amor!”, exclamava em 1935, no primeiro dia do Cruzeiro. E logo pedia: “Deixem-me que eu queira ser o ardor do sol.” Era esse “desejo de Amor”, no fundo, que o orientava — ao ponto de sentir nele “a luz da [sua] vida”<sup>169</sup>. Mas depois caía em si e reflectia: “enquanto escrevo isto, sinto-me miserável, muito triste. A minha fraqueza é grande, para ser o ardor do sol”.<sup>170</sup>

O mesmo sentimento reaparece num poema publicado em 1941:

---

<sup>169</sup> “[...] escuta o teu silêncio. Bem sabes que é mais forte a claridade que te vem do coração; não a podes destruir por muito que te destruas; violenta ou submissa, trémula ou irradiante, será a luz da tua vida até ao dia em que as trevas descenderem sobre ti.

“Este desejo de Amor!” — “Partir!... Partir!...” (1938).

<sup>170</sup> *Ibid.*

Toda a minha tristeza é feita das carícias  
 Com que Deus afaga o Amor na minha alma;  
 E eu — pobre de mim! — tão grande calma  
 Faz-me sofrer por não saber dar mais.  
 Oxalá que alguém viesse a ensinar-me  
 O silêncio que, a sós, vai purificar-me:  
 “Senhor!, porque não vens, porque me atrais?!” <sup>171</sup>

A tristeza parece surgir da discrepância entre o Amor que Deus de facto afaga na sua alma, e a paixão autónoma que deseja de quem sabe “dar mais” por uma causa. Que esta paixão é autocentrada — muito embora o poeta a pretenda orientar no sentido de se entregar a algo ou alguém que não ele próprio — é-nos sugerido pelo facto de que o caminho que a ela acede é o do “silêncio que, a sós, vai purificar-me”. Onde, porém, na realidade o amor se revela na sua vida é, de forma menos espectacular, na relação concreta que estabelece com outros, e sobretudo na amizade <sup>172</sup>.

Desde os primeiros tempos da adolescência que a amizade ocupou lugar de relevo nas suas expectativas <sup>173</sup>. Em 1940, Cinatti reconhece nela a “potência de amar” que considera parte integrante da sua personalidade <sup>174</sup>; capaz de transformar o carácter multifacetado e aparentemente contraditório da realidade num “mundo em que eu e outros vivem em comunhão íntima” <sup>175</sup>.

---

<sup>171</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 55.

<sup>172</sup> A importância que Cinatti atribui à amizade percorre todos os seus escritos, ao passo que outras expressões de amor evocam nele sentimentos ambíguos que só lentamente irá dilucidando nos seus poemas.

<sup>173</sup> “Sozinho, mais sozinho que nunca e com a alma inundada de amor por tudo que a cercava[,] ia derruindo silenciosamente as fronteiras do reino da infância e permitindo que outros mundos se misturassem com o meu. Sem jamais esquecer e deixar de abrir a porta secreta do quarto mais íntimo da alma e talvez por esse mesmo motivo, procurava descobrir nos meus companheiros uma outra porta idêntica. Esse movimento levava-me para fora de mim. A imobilidade contemplativa deslocava-se ondulante por sobre feições semelhantes. Olhares prescrutadores procuravam uma resposta afectiva. Lábios semi-abertos ansiavam pelo momento sublime em que a palavra *amigo* soasse como apelo a uma comunhão mais alta.” — “Herdeiro dos mortos” (inédito).

<sup>174</sup> “Podem negar-me tudo o que quiserem. Não podem, Graças a Deus, negar-me a disponibilidade, a potência de amar.

“Poderão achar-me infiel a todos os propósitos. Não podem acusar-me de ser infiel à amizade que eu tenho pelos meus amigos.” — 24 de Março, *Diário de 1940*.

<sup>175</sup> “O Constantino depois de um ano de ausência em que andou batendo com a cabeça pelas paredes, voltou ao quarto misterioso isto é, ao mundo em que eu e outros vivem em comunhão íntima.” — 10 de Março, *Diário de 1940*.

Tal como a luz, com que a compara, esse sentido da amizade não se limita só aos amigos mas alarga-se a outros, sem discriminação <sup>176</sup>. Na prática, Cinatti dá-se conta agora que a comunhão que ela estabelece não é uma questão exclusivamente afectiva. O amor leva a um entrosamento mais profundo entre as pessoas que representa um verdadeiro acréscimo do ser. E é dessa transformação, dessa nova dimensão solidária que, no fundo, os sentimentos dão notícia <sup>177</sup>. Foi a experiência que lho ensinou. No convívio com os amigos, embora por vezes divergisse ou discordasse deles quanto aos “acidentais motivos exteriores”, mas sabia-se irmanado nos “apelos interiores”. Foi constatando que a amizade deu aos outros acesso ao mesmo mistério de que ele, nos momentos de densidade poética, se sentiu orvalhado <sup>178</sup>. E não por algum domínio ou conhecimento extrínseco, mas porque a amizade era já de si participação nesse grande “mistério do Amor” <sup>179</sup>. A comprová-lo estiveram as ocasiões em que confrontou com amigos o pensamento e o caminho percorrido, chegando “muitas vezes à conclusão de que não tinha necessidade de comparar, nem de confirmar” <sup>180</sup>.

Em conclusão, afirma em 1941: “Cada vez dou mais importância e me apercebo da riqueza inexplorada do dogma da Comunicação dos Santos” <sup>181</sup>.

---

<sup>176</sup> “O Eduardo F. da C. referindo-se a mim e ao Pedro e ao nosso encontro de ontem, confessa-me ter sentido uma certa inveja por nos ver tão entretidos na conversa e vivendo como se ninguém ali estivesse, num mundo à parte. Fiquei sereno e satisfeito por obter de um estranho confirmação de que a Amizade existe entre nós dois e nos supera, até se prolongar para com os outros.” — 25 de Abril, *Diário de 1940*.

<sup>177</sup> Esta distinção encontra-se num “pensamento” de S. Tomás transcrito por Cinatti: “O amante e o amado (reciprocamente) estão unidos de dois modos: há entre eles união real e união afectiva. Daí, a frase de Stº Agostinho: ‘O amor é uma espécie de laço que junta dois seres ou quer juntá-los.’ *Dois seres*, quer dizer, o amante e o amado. Stº Agostinho quando diz *que junta* tem em vista a união por afeição sem a qual não há amor. Quando diz *que quer juntá-los*, tem em vista a união real.” — “Alguns pensamentos de S. Tomás para uso próprio” (inédito).

<sup>178</sup> Por isso, “Os que me amam, conhecem o mistério / Que torna a minha voz inesquecível.” — *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 38; ver transcrição do poema na p. 103s.

<sup>179</sup> “Editorial — Ordem e Aventura” (1942).

<sup>180</sup> 6 de Novembro, *Diário de 1941*.

<sup>181</sup> “Cada vez dou mais importância e me apercebo da riqueza inexplorada do dogma da Comunicação dos Santos. O que me faz chegar à conclusão de que Dostoiévsky ainda terá muito a dizer, ou melhor, que ainda se não incarnou a sua mais profunda palavra; ele e os outros: Bloy, Peguy, etc.” — 6 de Novembro, *Diário de 1941*.

No editorial de *Aventura*, um ano depois, alargava esta experiência à grande questão de como organizar a vida em sociedade. A nova forma de cultura que preconiza, gerada na pesquisa, no diálogo, no crescimento criativo e solidário, não poderá ser condicionada à partida por modelos que atropelem os direitos da pessoa e não respeitem a sua vocação e criatividade próprias. Seria um erro querer antecipar o fim almejado por meio duma ordem imposta aos outros. O caminho a percorrer requer uma abertura ao ritmo e à liberdade de cada um, mas exige que se procure gerar um dinamismo cultural animado pelo desejo duma comunhão cada vez mais profunda: “um processo de integração espiritual comandado por uma grande esperança; uma *amitié*, como lhe chamava Peguy; uma cidadela fundamentada na AMIZADE”<sup>182</sup>.

Todavia, este caminho da amizade tem os seus escolhos. “O coração”, denunciava o profeta Jeremias, “é tudo o que há de mais astucioso. [...] Quem pode conhecê-lo?” (Jer 17, 9). A amizade, percebeu um dia Cinatti, pode coexistir com a discriminação farisaica, pois a consciência tem uma capacidade quase ilimitada de se iludir a si mesma, escudando-se nos argumentos aparentemente irrecusáveis da razão:

Porque os caminhos são longos  
E os carreiros que a eles vão dar são misteriosos,  
A razão atraçou-nos.  
Pensámos que Deus dera o dever de desprezarmos;  
A noite sem estrelas cobriu-nos  
Enquanto o Senhor se mostrava a cada esquina,  
Misterioso como príncipe encantado.

[...]  
E a Verdade aparecerá sem ser sentida  
Quando cairmos humilhados.  
E aqueles que, baptizados, ainda suplicam  
Serão longamente atormentados  
Até que Deus acabe de falar aos esquecidos  
E os erga com ternura ao seu Amor!<sup>183</sup>

São os outros, os “esquecidos”, quem o desperta para a mentira duma consciência que em nome de Deus os desprezou. De ora em

<sup>182</sup> “Editorial — Ordem e Aventura” (1942).

<sup>183</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 59. A última estrofe encontra paralelo na teologia de S. Paulo sobre o endurecimento parcial de Israel até que os gentios tenham sido admitidos (Rom 11, 25).

diante estará atento a essa influência subtil do *mistério da iniquidade*. E a medida de prevenção que toma é de encontrar-se com outros que vivem e pensam de modo diferente.

Não me misturo eu aos comunistas — pergunta ao P. João Cabral — e ainda mais a muitos rapazes orgulhosos no pecado ou humildes no pecado? Ah! e eu teria muito maior paz junto àqueles que aceitam a minha verdade que é a de Jesus Cristo através da sua Santa Igreja! Maior paz, mas não melhor. É que junto desses transviados eu sinto quanto é grande a minha miséria, são eles que trazem luz à minha consciência adormecida num bem-estar que é transitório.<sup>184</sup>

Os “transviados” acordam-no para uma realidade interior e exterior mais ampla. Percebe a fragilidade dos seus juízos; a estreiteza das fronteiras desenhadas pelos seus critérios. A miséria que então diz sentir deve-se ao facto de perceber como estão longe as suas atitudes pessoais do modo como Deus os ergue com ternura ao seu Amor.

Curiosamente, parece de novo ter sido a relação com Nossa Senhora que lhe deu a medida deste amor de Deus por todos, incluindo os “transviados”. Pouco depois da publicação de *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) Cinatti retoma, em “Metamorfoses duma gaivota” (1942), a mesma imagem dum olhar entristecido, debruçado sobre a humanidade, a que recorreu no segundo quadro do tríptico. Só que, desta feita, o sujeito do olhar é uma “mulher juvenil”, cujos atributos são aqueles que a devoção popular habitualmente associa a Nossa Senhora.

Antes da noite e já depois do dia, que luz, que luz de parto a lumiar-nos... Sente-se perto a presença da mulher juvenil, a única que poderíamos amar.

E conhecemos a tristeza miraculosa daquela boca: aberta para a dor dos homens que se perderam no mundo. E conhecemos a sabedoria daqueles olhos: sábios e lembrados de tantas cenas trágicas. E conhecemos o silêncio daqueles ouvidos que ouviram todos os gritos secretos da solidão do mundo. As lágrimas que de repente escorregam pela face são como as estrelas fugindo ao firmamento. E dos horizontes rasos luminosos de águas trazem consigo a memória de um lugar melhor, de uma vida melhor, perdida.<sup>185</sup>

---

<sup>184</sup> Carta ao P. João Cabral, 1941.

<sup>185</sup> “Metamorfoses de uma gaivota” (1942). A referência à “vida melhor, perdida” leva-nos a pensar na infância do poeta. Mas, no contexto das frases anteriores, a saudade é projectada a uma dimensão cósmica. No quadro da sensibilidade cristã, a mulher juvenil que olha e chora a condição da humanidade e cujas lágrimas “trazem consigo a memória [...] de uma vida melhor, perdida”, tem seu arquétipo em Eva ou Maria.

Ao contrário do que sucedia com a memória da mãe, a sua relação com esta mulher juvenil é aberta ou inclusiva. Ele próprio, mais tarde, explicará do seguinte modo a evolução. “Ao princípio [Nossa Senhora] foi associada à mãe” mas, gradualmente, a veneração que sentia por ela desenvolveu-se, matizou-se e ganhou profundidade; até que um dia passou a encará-la como “Mãe de todos nós”<sup>186</sup>. É já essa alteração que se nota aqui. Não é para a mãe ou para Nossa Senhora que caminha agora, nem junto dela que se refugia, mas *com* ela e *através* dela e da sua sensibilidade feminina e maternal que revê com outros olhos o mundo que o rodeia. E em virtude deste processo, ele que antes afirmava não ser deste mundo por lhe ter sido levado o coração para junto da mãe, dirige-se a Deus, exclamando: *“Se tu pudesses ver o que eu estou vendo, embebedavas-te ainda mais do que eu já estou, falarias mais loucamente do que eu falo.”*

Com efeito, a angústia é tanto mais intensa quanto é incapaz de tomar partido por uns ou por outros no conflito mundial. O mesmo olhar fraterno impede que exclua do seu convívio os que não aceitam a Fé cristã. Não que duvide da verdade da Fé, nem que encare com indiferença o erro dos “transviados”, a realidade gritante da injustiça e a degradação humana do pecado. A questão é outra. A “verdade que é de Jesus Cristo” não se possui nem se impõe a quem quer que seja. Ela é essencialmente comunhão ou *mistério*: harmonia final que, à luz da Fé, se descobre em gérmen precisamente onde a Esperança e a Caridade recusam qualquer exclusão:

se Deus é criador, se nos presenteou com a existência, também nos pode presentear com o estado da perfeita existência onde os nossos fins se realizarão. Somos pois um complexo de contrastes e não de contradições. É em Deus que nos unificamos e não na caricatura de Deus, i.e. no homem criador de princípios que se não coadunam com a existência de outros homens. Pelo contrário, na medida em que mais comunicamos com Deus mais tudo somos e mais com tudo comunicamos. Se falo a Deus de um homem, eu falo a esse homem.<sup>187</sup>

É esta dimensão da Fé cristã, o seu radical catolicismo, que a estabelece como fundamento último do diálogo. Ela valoriza e relativiza simultaneamente cada nova descoberta; abre sobre um horizonte para o qual muitos são os caminhos que avançam, sem que a qualquer deles caiba a posse definitiva. Não há nisso frustração. Antes pelo contrário, trata-se de uma afirmação da riqueza inata da

<sup>186</sup> “Conversa inacabada [III]” (1985), 40.

<sup>187</sup> “Ser católico” (inédito).

condição humana; da sua capacidade de alargar de forma infindável os horizontes da consciência sobre dimensões sucessivamente mais amplas e mais profundas da realidade. Por isso Cinatti parte nessa aventura do espírito humano, animado duma convicção: que “toda a experiência acumulada através de estados de alma vagabundos, onde a alegria se misturou com a dor e a tristeza com a virtude, há-de inegavelmente, oferecer-me uns olhos novos para contemplar mundos novos” <sup>188</sup>.

Na verdade, como diz Paul Ricoeur: “O mal do mal é a mentira das sínteses prematuras” <sup>189</sup>. A Fé, pelo contrário, é a aceitação confiante de que a “ordem” e a “justiça” humanas jamais integrarão totalmente a multiplicidade das experiências vividas. Só a luz de Deus, a misericórdia do seu olhar, a Verdade da sua palavra as poderá reconciliar. Eram elas que Cinatti pedia para o mundo e para a humanidade no segundo quadro do tríptico que aqui analisamos, como pede de outra forma na oração que a seguir se transcreve:

Meu Deus, meu Deus! a quanto mais  
 Estarei eu obrigado, se,  
 Vagabundo,  
 No mundo inumerável das estrelas  
  
 Procuro a tua estrela sem a encontrar.  
 De um lado gritam: Senhor!  
 Gemem, suplicam, gritam...  
  
 Do outro explicam, explicam o teu Nome.  
 De um lado a desordem. Oh! por vezes  
 Se sente ali bater as asas da pureza.  
 Do outro a justiça, tão cheia de certeza...  
  
 Senhor!  
 Oh! vamos rezar pela certeza,  
 Até que o amor de Jesus a purifique.  
 Oh! vamos rezar  
 Por aqueles que, uma vez filhos de Deus,

---

<sup>188</sup> “Como é admirável viajar...” (inérito).

<sup>189</sup> “O mal verdadeiro, o mal do mal, manifesta-se nas falsas sínteses, isto é nas falsificações contemporâneas das grandes empresas totalizantes da experiência cultural, nas instituições políticas e eclesíásticas. Aí o mal mostra a sua verdadeira face; o mal do mal é a mentira das sínteses prematuras, das totalizações violentas.” — Paul RICOEUR, *Le conflit des interprétations*, Paris 1969, 429 (trad. minha).



Só a seu Pai visível reconhecem.  
 Senhor! com o vosso amor já não distingo...  
 .....  
 Senhor!  
 Senhor! a Ti é dada a escolha,  
 E que os meus sorrisos, e as minhas lágrimas,  
 Indiquem os caminhos,  
 Onde eu e eles nos encontramos,  
 Encantados,  
 E perdidos...<sup>190</sup>

E damo-nos conta, ao ler estes versos, que algo da reconciliação pedida se antecipou já nos “sorrisos” e “lágrimas” de quem reza assim...

### “Ecce ancilla Domini”

O terceiro quadro do tríptico *Anoitecendo a vida recomeça* (1942), é uma meditação sobre este poder da poesia, e sobre o modo como as obras da Fé em geral podem preparar o advento do Verbo de Deus e tornar-se fonte de luz para uma humanidade atribulada.

### III

Estamos no inverno e quase no Natal. O anjo falou já a Maria e a um dos cantos do quadro está escrito: *Ecce ancilla Domini*. Ensinarão-me a reconhecer o pintor que o concebeu, e foi assim que me perdi.

Para que me foram ensinar uma coisa que me entrava pelos olhos dentro? Porque me não deixaram escolher entre muitos quadros aquele de que mais gostava?

Há coisas que se aprendem como se viessem do Sol. Sentem-se, e tão profundamente que se elas deixassem de existir, deixaríamos nós de viver.

É um desencanto. Por vezes necessário, mas eu falo de mim e por isso me revolto.

Ou pior, duvido. *O quadro, o dístico, a lição...*

Porque não hei-de duvidar, se há uma parte em cada um de nós que é invulnerável, que não pode ser destruída, que nos pertence.

Chamemos-lhe alma ou anjo à beira do abismo, tanto faz para o caso. Idêntica a substância, é, no entanto, incompartilhável desde que se reveste de carne. E isto é extraordinariamente sagrado.

Porque não hei-de eu duvidar, se o mundo é mentiroso até para aqueles que mais intimamente se revelam?

<sup>190</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 57-58.

O problema era de ordem artística e moral. A arte, a humildade, a pureza. Tudo que vem de Deus é recebido pelo homem — e não através dos homens. Se o que os homens nos ensinam não é prova de amor, jamais se pode aceitar como obrigação.

E, afinal, eu não duvido pelo mero prazer de duvidar, mas sim porque ambiciono uma certeza. Seria ele mesmo, o Frei Angélico, o autor da obra prima?

— Sê religioso acima de tudo, mesmo que te apontem como desonesto —. Naquele tempo eram muitos os conventos e muitíssimos os artistas e, quando o Natal se aproximava, todos podiam ver, nos olhos dos frades, as visões que incendiavam suas almas.

Como posso dizer que duvido, se eu acredito em tudo! Ou melhor, se deixo que tudo se acredite em mim e não nos outros. De outro modo não poderia matar quando é preciso, pois estaria matando a minha consciência, que é, sem dúvida, o único elo pelo qual me posso unir a Deus.

Nas almas dos frades, qualquer coisa se matara também. Qualquer coisa que os inquietava, como a Primavera vinda antes do tempo. As visões eram maravilhosas. Nas suas almas estava a Criança como no ventre da Mãe. Andavam atarefados, limpando os pincéis, misturando as tintas; palavras estranhas interrompiam as orações e, surpreendidos, deixavam-se ficar como crianças alheadas nos seus jogos.

Quando passavam a mão pela cabeça era como se Nossa Senhora afagasse maternalmente o ventre a crescer.

A gente do povo compreendia-os. É uma gente especial que sabe o que é ter um filho, como sabe o que é o grão a crescer na terra e o pão a levedar na masseira.

E cantam também. Quando o povo canta, que todos se calem, porque o povo está a cantar.

A tudo dão o Sangue e de tal maneira, com tal pureza, com tal violência, que os estrangeiros se vão embora com os corações a transbordar de ternura.

Reconhecem ser apenas os intermediários, os meros instrumentos da criação do Deus Pai.

Eis talvez a razão por que são humildes no espírito, embora se orgulhem da perfeição interior do corpo.

Ah!, essa perfeição que é música e silencioso ritmo: piedosa acumulação de alvoradas que passaram: linguagem das coisas, linguagem do inanimado movendo-se, depois, sob a frescura das primeiras chuvas...

Esse mesmo corpo que, chegada a sua hora, saudosamente se despede da alma para depois desaparecer.

Já que assim tem de ser. Já que é preciso esquecer definitivamente o espreguiçar das nuvens, o suspiro repousante dos campos, a fundura do mar e o fogo vivo e purificador que lembra o milagre do homem de hoje, de ontem e de amanhã: o momento intemporal do ser debruçado sobre a alma, sentindo a palpitação amorosa do Espírito Santo criando, afagando na escuridão da noite os recessos aquáticos onde o espírito se está gerando, interrogando novos horizontes.

Nos frades e no povo e em mim que me despeço.

Já que assim tem de ser, saudemo-nos e partamos. O corpo é o templo onde o Pai desce às almas. E, anoitecendo, a vida recomeça.

Surge aquela estrela sobre os corpos lívidos que um grande sonho animou e, anoitecendo, a vida recomeça...

*“... quase no Natal”*

“Estamos no inverno”. A época reflecte o estado do mundo. No quadro anterior o poeta informou-nos que “os olhos imensos de Deus estão tristes, cheios de lágrimas”, e pediu uma intervenção divina “antes que o próximo cataclismo nos destrua para sempre”. Vislumbra-se agora uma resposta que o envolve directamente. Se estamos no inverno, estamos também “quase no Natal”. O anjo falou já a Maria que se assumiu serva do Senhor. Por isso o tempo é de Advento: celebra-se uma Esperança fundada; prepara-se a Salvação.

A atenção do poeta parece desviar-se. Associa memórias. Recorda um quadro da Anunciação que ainda possui, reprodução da obra célebre de Frei Angélico. Mas, em vez de alegria, sente desencanto.

Entre ele e o mistério retratado; entre ele e aquele instante em que teve início a Incarnação, interpuseram-se “o quadro”, “o dístico” que o referencia e “a lição” que o ensinou a reconhecer no quadro não o mistério mas “o pintor que o concebeu”. “Foi assim que me perdi”, constata. Não descobriu o essencial. O caminho deveria ter sido outro: “Há coisas que se aprendem como se viessem do Sol. Sentem-se, e tão profundamente que se elas deixassem de existir, deixaríamos nós de viver.”

*“Dúvida”*

O regresso ao mistério da Anunciação terá de passar agora pela dúvida. Não a dúvida de quem põe em causa a existência do mistério, mas a de quem relativiza o valor das explicações e sabe que “o mundo é mentiroso até para aqueles que mais intimamente se revelam”. Não a dúvida de quem receia largar mão de si, mas de quem pretende mergulhar ele próprio na Verdade anunciada: “afinal, eu não duvido pelo mero prazer de duvidar, mas sim porque ambiciono uma certeza”.

A certeza que ambiciona assenta, por natureza, num acto de fé: seja a fé na palavra dada por outro, seja a confiança no poder da razão, seja ainda a convicção deixada por uma experiência vivida em primeira mão. Olhando o quadro, sabe isso e decide escolher entre os caminhos possíveis o que não aliena um acto tão fundamental.

Quer acreditar, mas “que tudo se acredite em mim e não nos outros”. Que, a seu modo, reviva nele o mistério da Palavra que Deus envia e que é acolhida na humildade pela Sua serva.

Há uma lógica rigorosa na sua opção. Fiel à tradição tomista, considera a consciência “o único elo pelo qual me posso unir a Deus”. Se, numa questão que tem a ver com a sua relação com Deus e com a salvação do mundo, acreditasse só na palavra dos outros, faria deles a sua consciência. Mas em todos se pode infiltrar o *homem velho*, seja qual for a sua autoridade, ou a confiança que à partida mereçam. Há que manter, portanto, uma distância crítica. Sem ela — explica — não seria possível “matar [os outros] quando é preciso”, pois “estaria matando a minha consciência”. Nesse mesmo sentido, confessava ao seu diário:

Julgo que se um dia me apontassem como assassino eu saberia a razão não egoísta desse acto condenável: a amizade acima de todas as ligações terrenas. É preciso que eu especifique a natureza deste assassinio. Acho que posso empregar esta palavra se por meios legítimos destruir o *homem velho* em muitos dos meus amigos, sendo eu, o primeiro a submeter-me à experiência.<sup>191</sup>

### *“Primavera vinda antes do tempo”*

A necessidade de destruir primeiro em si o *homem velho*, por respeito para com a *consciência*, indica uma diferenciação no sujeito que o distancia do subjectivismo. Se não concede a última palavra nem aos outros, nem à razão, também não a reclama para a sua perspectiva individual. Aquilo que o pode unir a Deus, e o julga a ele e aos outros, não é a consciência cartesiana das ideias claras e distintas, nem a consciência moral kantiana do imperativo categórico. Também não se identifica de imediato nem se centra no seu *eu*, enquanto instância psíquica, uma vez que é precisamente nele que se introduziu algo que Cinatti se sente chamado a destruir. Essa imagem contingente de si próprio não é mais que um pálido reflexo que se antecipou a uma realidade mais funda que está por emergir. Por isso, nas almas dos frades que preparavam o Natal, “qualquer coisa se matara também. Qualquer coisa que os inquietava, como a Primavera vinda antes do tempo”. A verdadeira Primavera será diferente. E as visões que dela tinham já “eram maravilhosas” pois que “nas suas almas”, diz-nos Cinatti, “estava a Criança como no ventre da Mãe”.

---

<sup>191</sup> 24 de Março, *Diário de 1940*.

Subitamente damo-nos conta que Cinatti procura no modelo mariológico da Anunciação forma de explicitar a génese daquela *consciência* que o liga com Deus.

*“como se Nossa Senhora afagasse maternalmente o ventre a crescer”*

Na carta que escrevera um ano antes ao P. João Cabral, estava já presente um elemento fulcral desta sua visão. Citando um poema em que José Régio se debate com a angústia de se ver reduzido “a isto: / só a mim amo”, Cinatti comentava:

Parece-me que *isto* é muito mais religioso porque corresponde a uma realidade vital, a uma angústia verdadeiramente metafísica transposta para um caso particular, do que todos os poemas de muitos poemas que falam de Nosso Senhor com Ele a mil infinitos de distância, sem O compreenderem, sem entrarem no conhecimento de si próprios e aí encontrarem o latejar do nosso *Eu* verdadeiro: Deus.<sup>192</sup>

A afirmação de que o seu *Eu* verdadeiro é Deus, não deixa de ser surpreendente. À primeira vista sugere uma antropologia gnóstica ou panteísta<sup>193</sup>. Mais provável, no entanto, é tratar-se da adopção duma temática cara à teologia mística cristã, ou seja uma valoração da afirmação bíblica de que o homem foi criado à imagem e semelhança

<sup>192</sup> “Carta ao P. João Cabra”, 1941. A carta continua: “Ou então, *Poderás amar-me assim, / (Como explicar-me?) / Por qualquer Causa que eu for / Mas não por mim, não a mim...* também de José Régio e em que ele procura a Deus no amor. Vale mais do que todos *Amo-te ó Cruz nos vértices firmada / De rútilas Igrejas etc. / Tárá tá tim - Tara tá tim, Tara tá tim* em que a Cruz não se encontra bem dentro de nós como objecto de Amor, mas fora de nós, apenas como objecto de admiração de curiosidade, alheia a nós, mesmo quando em pensamento a desejamos em nós.”

<sup>193</sup> Num panteísmo como o de Plotino, por exemplo, muito próximo duma antropologia cristã, a pessoa humana pode elevar-se à união com Deus: “Aí verá — tal como no Céu é possível ver-se — quer a Deus quer a si mesmo: ele próprio radiante, pleno da luz inteligível, melhor, unido com essa luz na sua pureza, sem carga nem peso, transfigurado na divindade, ou antes, sendo em essência Deus. Pois como poderá alguém trazer de volta notícia do Divino como de coisa distinta, quando ao vê-lo não o conheceu como distinto mas um só com a sua consciência.” — *Enéadas*, VI, 9, 910. As correntes gnósticas são diversificadas, mas em geral é-lhes atribuída a noção de que em certos indivíduos eleitos ou privilegiados subsiste uma centelha da Divindade, esquecida da sua origem e aprisionada na materialidade do corpo.

de Deus <sup>194</sup>. Nesta tradição — que Cinatti conhecia, nem que fosse só por intermédio das obras de Étienne Gilson<sup>195</sup> —, a consciência humana é entendida como um espelho: orientada para Deus, pela conversão, nela se reflecte a Sua imagem. Um dos caminhos do conhecimento de Deus passa, portanto, pela revelação da pessoa a si própria enquanto O procura. E um dos lugares privilegiados dessa tomada de consciência é no gesto de caridade, expressão dum sujeito que, intencionalmente ou não nesse instante se orientou radicalmente para Deus <sup>196</sup>.

Mas o conhecimento de Deus de que se trata aqui, não é o conhecimento objectivante e analítico da ciência, nem o do sujeito

---

<sup>194</sup>Cfr. Gn 1, 26. Ainda que houvesse outros indícios dum pensamento de carácter gnóstico ou panteísta nos seus escritos — e não há —, seria estranho que Cinatti recorresse a argumentos desse teor para convencer um padre jesuíta do valor religioso dos “poetas chamados de modernistas”. Devemos, no entanto, ter presente que uma pré-sensibilização para o pensamento dos místicos cristãos foi feita, como ele próprio afirma, pela leitura de D. H. Lawrence: “D. H. Lawrence soube despertar em mim vivências místicas que, afinal, já tinham sido experimentadas e descritas pelos grandes místicos dos séculos XIV, XV e XVI, mas em plano menos propositadamente estético. Refiro-me ao vitalismo animista e à sua acção comparticipante no cosmos, consignado pelo grande escritor à presença omnímoda do Espírito Santo.” — *Manhã imensa* (1984) : *Obra poética*, 673.

<sup>195</sup>Cinatti disputava amigavelmente com meu pai a posse de duas obras de Étienne GILSON, que dizia pertencerem-lhe desde os seus tempos de estudante: *The Philosophy of St. Bonaventure*, Sheed and Ward, London 1938; *The Mystical Theology of St. Bernard*, Sheed and Ward, London 1940.

<sup>196</sup>A imagem do espelho, associada ao conhecimento de Deus, encontra-se em S. Paulo (cfr. I Cor 13, 12). Como demonstra Jean DANÉLOU, num estudo clássico sobre a teologia de S. Gregório de Nissa (c. 335/394 d.C.), a metáfora veio a tornar-se um conceito teológico elaborado: “Na [perspectiva de Plotino] a pureza era o meio pelo qual a alma conseguia restaurar em si a imagem de Deus escondida sob a ferrugem. Aqui [no pensamento de S. Gregório] o movimento não é o mesmo: primeiro a alma vira-se para Deus — e então Deus comunica-lhe a pureza, que é a própria imagem e semelhança divina. Não se trata duma divindade intrínseca da alma, mas duma liberdade que se pode orientar para Deus e a que Deus comunica então a sua vida. [...] [O espelho] não possui em si a semelhança divina, o eikwn, a graça. Mas está apto a recebê-la. Assim, a alma não é por natureza semelhante a Deus, mas vem a tornar-se tal ao orientar-se para Ele. É, portanto, no acto de caridade — acto pelo qual a alma se orienta para Deus —, que ela O conhece. A conversão da alma é a condição do conhecimento de Deus, mas é uma conversão da alma para Deus, não para si própria.” — *Platonisme et théologie mystique*, Aubier, Paris 1953, 216 (trad. minha). Numa perspectiva mais ontológica, Étienne GILSON resume do seguinte modo o pensamento de S. Bernardo a respeito desta questão: “O homem é tanto mais ele próprio quanto mais se assemelha com Deus. Uma vez que é imagem, quanto menos se distingue do original tanto mais ele existe.” *The Mystical Theology of St. Bernard*, 133 (trad. minha).

debruçado em deleite narcísico sobre si mesmo. É antes “um conhecimento por connaturalidade *afectiva*”, segundo a expressão utilizada por Jacques Maritain para definir o conhecimento poético <sup>197</sup>: um conhecimento que *não é conceptualizável*, por estar “visceralmente inserido na subjectividade”, por ser o *próprio despertar das profundidades criadoras do sujeito* <sup>198</sup>. É desse despertar e desse conhecimento, misto de intuição e emoção, que dá notícia a *obra* do poeta e, por analogia, o *agir* do crente. Di-lo ainda Maritain:

Poesia é ontologia, certamente, e mesmo [...] teologia. Mas no sentido de que ela tem origem na alma, nas fontes misteriosas do ser, e de algum modo as revela no seu movimento criador. Se o inconsciente donde procede não é, se não secundariamente, o inconsciente freudiano dos instintos e das imagens, é no entanto um inconsciente mais vital e mais profundo, o inconsciente do espírito *na fonte* — escondido à inteligência raciocinante naquela espessura da alma onde todos os poderes que esta possui se encontram numa origem comum. <sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> “Trata-se do conhecimento *poético*: radicalmente factivo ou operativo, pois que inseparável da produtividade do espírito [...], e que não podendo desembocar num conceito *ad intra*, não pode se não desembocar numa obra *ad extra*.” — Jacques MARITAIN, “Situation de la poésie” (1938) : *Oeuvres complètes*, VI, Paris 1984, 875 (trad. minha). Maritain não se refere neste caso ao que os escolásticos chamavam *conhecimento prudencial*, ou seja o conhecimento não conceptualizado de quem sabe agir — o saber, por vezes erroneamente chamado *instintivo*, que têm de si próprias, do meio onde agem e dos instrumentos que utilizam pessoas como o técnico experiente, o músico, o desportista, o pedagogo, o político...

<sup>198</sup> *Ibid.* (trad. minha). É provável que Cinatti tenha sido influenciado pelo pensamento de Maritain, no que se refere à vocação própria da poesia. Mas o conhecimento que Maritain neste texto classifica de *poético*, aproxima-se daquilo a que outros autores chamam a *consciência moral*: “A maioria dos especialistas da teologia moral concorda hoje com psicólogos e terapeutas de renome que a consciência não se reduz a uma faculdade. Não está mais na vontade do que no intelecto, mas é uma força dinâmica presente em ambos, uma vez que tanto uma como outro se encontram unidos nas profundidades mais radicais da nossa vida psíquica e espiritual. [...] Somos criados para a integridade biológica, psicológica e espiritual. “A zona mais funda do nosso ser é altamente sensível ao que possa promover ou ameaçar essa inteireza e integridade.” — Bernard HÄRING, *Free and Faithful in Christ*, I, St. Paul Publ., Slough 1978, 234 (trad. minha). Cinatti dá a impressão de sentir a proximidade entre as atribuições do conhecimento poético — como Maritain as define — e a consciência moral. A dado momento, afirma ser uma questão simultaneamente “de ordem artística e moral” a procura duma certeza fundada exclusivamente na consciência pessoal; pois, “tudo que vem de Deus é recebido pelo homem — e não através dos homens” — *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 97.

<sup>199</sup> Jacques MARITAIN, “Situation de la poésie” (1938) : *Oeuvres complètes*, VI, Paris 1984, 864 (trad. minha).

Eram os inícios desse movimento criador que despertavam nos frades. Por isso: “Andavam atarefados, limpando pincéis, misturando as tintas; palavras estranhas interrompiam as orações e, surpreendidos, deixavam-se ficar como crianças alheadas nos seus jogos” <sup>200</sup>.

Esse mesmo conhecimento ainda informe, esse “som velado”, “condição” da sua arte poética, é o que Cinatti pede num poema inédito dos finais de 1942:

Dá-me o som velado que flutua  
Sob as abóbadas  
Da inconsciência  
Depois  
Saberei criar o instrumento que reproduza  
A melodia ininterrupta  
Veio  
De águas subterrâneas. <sup>201</sup>

A questão clarifica-se. No quadro do tríptico, os frades preparavam a celebração do Natal, a manifestação do Verbo de Deus Incarnado. E, a seu modo, o mistério renovava-se neles. “Quando passavam a mão pela cabeça era como se Nossa Senhora afagasse maternalmente o ventre a crescer” <sup>202</sup>. O conhecimento de Deus que neles crescia estava prestes a revelar-se. Não tinha ainda forma distinta. Se dele havia alguma consciência, era como um movimento remoto nas profundidades da existência percebido num relance de intuição:

momento intemporal do ser debruçado sobre a alma, sentindo a palpitação amorosa do Espírito Santo criando, afagando na escuridão da noite os recessos aquáticos onde o espírito se está gerando, interrogando novos horizontes. <sup>203</sup>

A experiência que viviam era o que havia de mais transparente e natural. Por isso “a gente do povo compreendia-os. É uma gente especial, que sabe o que é ter um filho, como sabe o que é o grão a crescer na terra e o pão a levedar na masseira” <sup>204</sup>. Tanto o povo,

<sup>200</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 97.

<sup>201</sup> “Condição”: *Diário de 1942*.

<sup>202</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 97.

<sup>203</sup> *Ibid.*, 98.

<sup>204</sup> Note-se que as imagens correspondem a metáforas e parábolas usadas por Cristo nos evangelhos para explicar o advento do Reino de Deus: “a mulher que está para dar à luz” (Jo 16, 21); a semente que germina e cresce (Mc 4, 2629); o pão que leveda (Mt 13, 33).



como os frades e o poeta “reconhecem ser apenas os intermediários, os meros instrumentos da criação do Deus Pai”. É a criação a que dão forma, e não as intenções ou ideias prévias que tenham, o critério de avaliação <sup>205</sup>.

Nesse sentido, Cinatti explica a Jorge de Sena que a consciência de estar ou não no “bom caminho” dar-se-á quando “as ideias se tornarem actos”. E pede que o amigo não se precipite no juízo que faça: Que seja o mistério a esclarecer-nos o mistério que só em aparência se contendia. <sup>206</sup> “Eis talvez a razão por que [a gente do povo, os frades e o poeta] são humildes no espírito, embora se orgulhem da perfeição interior do corpo.” É no corpo que o povo canta, e “a tudo dão Sangue.” Não o corpo reduzido à sua materialidade opaca, mas o corpo expressão, ponto nodal de relações que se tecem no espaço e no tempo; o corpo que por isso é também sabor e compreensão do mundo, interioridade que o tempo aperfeiçoa:

Ah!, essa perfeição que é música e silencioso ritmo: piedosa acumulação de alvoradas que passaram: linguagem das coisas, linguagem do inanimado movendo-se, depois, sob a frescura das primeiras chuvadas... <sup>207</sup>

<sup>205</sup> Note-se a aproximação da frase evangélica: “Pelos frutos os conhecereis” (Mt 7, 20; cfr. Jo 12, 24; 15, 5 ss ver adiante a nota n° 229).

<sup>206</sup> “É preciso que seja você a defender-me mesmo quando eu não tenha completamente razão para [que] depois, quando as ideias se tornarem actos, eu me encontre sem quase dar por isso no bom caminho. *Que seja o mistério a esclarecer-nos o mistério que só em aparência se contendia.* Porque você deve compreender: é bom que eu não me deixe influenciar seja por quem for — como V. diz, e eu acrescento: a começar pelos que me recomendam a libertação de seja qual a influência.” — carta a Jorge de Sena, 11 de Dezembro de 1941 (sublinhado meu). Do ponto de vista etimológico, a poesia (como o termo aparentado *ficção*) situa-se do lado do *agir*, não das *ideias*; ou seja, pode e deve ser entendida, dentro da afirmação de Cinatti, como um dos modos de *fazer* que revela o mistério e esclarece o fundamento (sentido que está na origem do termo). A distinção entre conhecimento [*co-naissance*] e a consciência que se explicita na acção, é abordada por Paul CLAUDEL na sua obra *Art Poétique* — embora com menos precisão filosófica que nos textos já referidos de Jacques Maritain. No exemplar lido e sublinhado por Cinatti encontramos a seguinte conclusão: “A consciência é portanto aquela faculdade pela qual o homem sabe o que faz, e, por consequência, se faz bem ou mal. Bem ou mal, isto é conforme ou não aos seus fins próximos ou fundamentais, reais ou imaginários, à sua fantasia ou ao seu *dever*. As coisas, não nascendo sós, estão religadas por uma obrigação mútua. Esta obrigação, puramente física e *formal* (no sentido plástico) no animal irracional, é moral no homem a quem foi concedida a liberdade. A sua consciência ensina-lhe se infringiu ou não o seu desígnio e a sua natureza.” — *Art Poétique*, Paris 1929, 163 (trad. minha).

<sup>207</sup> *Anoitecendo a vida começa* (1942) : *Obra poética*, 97. A distinção entre corpo entendido na sua materialidade [*sarx*] e corpo entendido como relação e interioridade

“*chegada a hora...*”

Esse mesmo corpo possui uma característica que é única e o distingue do espírito: o dom de morrer para dar lugar à novidade. “Chegada a hora, saudosamente se despede da alma para depois desaparecer” <sup>208</sup>.

No entanto, assim como o corpo é não só materialidade mas também relação e interioridade, sucede que, igualmente, a morte não é só nem sobretudo experiência física. Uma das suas faces particularmente significativas é o *esquecimento* da “perfeição interior” do corpo; o *despojamento* do sabor e do saber acumulados, a fim de acolher ou criar o que é diferente e poderá eventualmente ser superior. Essa é a experiência do poeta no seu esforço de criação — como a do crente ou dos frades na resposta ao apelo da Fé. Chega a perder-se a si mesmo, tal a intensidade da sua entrega.

Há um momento em que não basta dizer: Meu Deus!

Há um momento em que as palavras se calam de vez.

Há um momento para os joelhos tombarem

e ficarem

Tombados, de joelhos.

Há um momento em que o coração[,] solta a memória[,]

Emudece para sempre.

E não há gesto de amor, nem lágrimas, nem risos.

Nem esperanças, nem vontade, nem céu,

nem mar, nem terra.

O homem se existiu já se esqueceu

É uma pedra ao lado de outra pedra. <sup>209</sup>

O poeta desceu ao mais primordial da sua existência, donde poderá surgir “como se um outro ser nascesse / de uma crisálida prestes a morrer” <sup>210</sup>.

Esta não é a morte da dissolução oceânica, nem do desespero, mas aquela “outra Morte” que um dia o poeta convidou a entrar, dizendo: “Vem e entra. Acorda-nos do sonho / em que falecemos.” <sup>211</sup>

---

incarnadas [*soma*], faz parte da perspectiva neotestamentária da pessoa humana e encontra-se nomeadamente na literatura paulina.

<sup>208</sup> *Ibid.*, 98.

<sup>209</sup> Poema inédito, manuscrito mas sem data, encontrado junto com poemas de 1941.

<sup>210</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 62. Ver a transcrição completa do poema na p. 149s.

<sup>211</sup> *Ibid.*, 60.

A morte de quem, a seu modo, vive o preceito evangélico de “perder a sua vida [*psúquen*] por Minha causa” na esperança de a reaver transfigurada <sup>212</sup>.

Na tradição ascética, a este despojamento é dado o nome de *mortificação: a morte procurada* <sup>213</sup>. Mas há dois momentos nessa ruptura libertadora: o desprendimento daquilo que impede avançar, e o perder de vista a realidade familiar perante a grandeza e a novidade de Deus que se revela <sup>214</sup>. Os dois momentos são articulados numa mesma aspiração de paz, pelo poeta cansado de sofrer:

A minha alma pára;  
Sim, cansada de sofrer,  
Cansada de se justificar.

A minha alma procura o silêncio  
Onde o esquecimento  
Seja total, derradeiro.

— Um esquecimento onde a Luz de Deus  
purificasse as experiências sem as destruir,  
Como um cerrado nevoeiro que à luz do sol se vivifica  
E passa sobre os campos. <sup>215</sup>

<sup>212</sup> Mt 16, 25 — note-se o uso de *psúquen* e não de *zoe* ou *bios* (existência, vida física).

<sup>213</sup> *Morte* procurada dos sentidos e dos desejos enquanto geradores de atitudes e de actuações, a fim de se deixar mover livremente por outras fontes mais altas. Em termos espirituais ou religiosos: ruptura com o *homem velho* que é a pessoa centrada em si ou em realidades igualmente limitadas, para se abrir sem medida ao Outro na Sua radical novidade. Recorde-se que na espiritualidade cristã a mortificação não tem valor em si mesma, mas somente enquanto expressão dessa procura de Deus. O sentido autêntico da mortificação cristã está presente na afirmação de S. Paulo: “Sabemos que ninguém se justifica pelas obras da lei, mas só pela fé em Jesus Cristo. [...] Fui crucificado com Cristo: a vida que agora vivo não é minha, mas a vida que Cristo vive em mim.” (Gal 2, 16.20)

<sup>214</sup> É este o sentido das duas noites em S. João da Cruz: a noite dos sentidos e a noite do espírito. S. GREGÓRIO DE NISSA recorre à história do Êxodo para distinguir o momento em que, atraído pela sarça ardente, Moisés retira as sandálias para dela se aproximar, e o momento em que Deus o leva a subir o Monte Sinai, introduzindo-o primeiro na nuvem e por fim na escuridão: “A manifestação de Deus fez-se a Moisés primeiro na luz; depois falou com ele na nuvem; por fim, quando avançara mais na perfeição, Moisés contemplou Deus na escuridão.” — *XI Homília sobre o Cântico dos Cânticos*: MIGNE, *Patrologia Graeca*, XLIV, 1000 C (trad. minha), cfr. também *La vie de Moïse*, (Sources Chrétiennes 1), Ed. du Cerf, Paris <sup>3</sup>1968. Note-se que em Gregório de Nissa as trevas [*scotos*] de quem está longe ou contra Deus são radicalmente distintas da escuridão [*gnofos*] experimentada por quem procura Deus e encontra a Luz que ultrapassa todo o entendimento.

<sup>215</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 84.

A tensão e a inquietação interior ferem o poeta. Sabe justificá-las, mas as justificações não lhe trazem a tranquilidade nem a harmonia que anseia. Perfila-se, como solução radical, a renúncia ao conflito, a morte: “silêncio / onde o esquecimento / seja total, derradeiro”. Mas, na estrofe seguinte, a solução surge transfigurada: há *outro esquecimento* possível em que essas experiências que o dividem não serão destruídas mas *purificadas*. Ao contrário da luz da razão que não supera, antes acentua, o que nelas há de fragmentário e contraditório, e ao invés da morte que as iria aniquilar, a Luz de Deus purificá-las-á, como “cerrado nevoeiro que a luz do sol vivifica” passando sobre os campos” — a imagem evoca luminosidade, envolvimento, pertença, e simultaneamente esbatimento dos contornos e oposições. O poeta espera uma percepção nova da realidade. Será a Luz de Deus a operá-la pelo apaziguamento, pela reconciliação, pela recondução das experiências vividas ao seu lugar relativo.

Encontramos o mesmo sentir na breve e belíssima oração que a seguir se transcreve, se atendermos à equivalência entre a *luz* e o *amor*, a *escuridão* e o *perdão* que o paralelismo do terceiro e quarto verso sugere.

Era favor, Senhor, dizeres o sim ou o não.  
A minha alma não se atreve, pede:  
Um pouco mais de luz ou escuridão,  
Um pouco mais de amor ou de perdão  
P’rá minha vida mal vivida e breve.<sup>216</sup>

“... saudemo-nos e partamos”

Os frades e o poeta que se preparam para o Natal, preparam-se igualmente para o esquecimento que a Luz de Deus há-de produzir.

Já que assim tem de ser. Já que é preciso esquecer definitivamente o espreguiçar das nuvens, o suspiro repousante dos campos, a fundura do mar e o fogo vivo e purificador [...]: o momento intemporal do ser debruçado sobre a alma [...]. Já que assim tem de ser, saudemo-nos e partamos.

*Partir*, para Cinatti, é transitar<sup>217</sup>. O acento recai na aventura que possibilita; nos novos mundos, na outra vida acolhida como dom a cada passo. Viagem, criação poética, morte física e psíquica revelam-

<sup>216</sup> *Ibid.*, 86.

<sup>217</sup> “Conversa inacabada [II]” (1985), 46.

-lhe aquilo a que Carlos Branco chamou “o mistério da passagem” <sup>218</sup>: a condição do homem chamado a transcender-se, para se descobrir ou reaver na autenticidade original que actualmente o ilude <sup>219</sup>.

Quando eu partir, quando eu partir de novo,  
A alma e o corpo unidos,  
Num último derradeiro esforço de criação;  
Quando eu partir...  
Como se um outro ser nascesse  
De uma crisálida prestes a morrer sobre um muro estéril,  
E sem que o milagre lhe abrisse  
As janelas da vida...  
Então pertencer-me-ei.  
Na minha solidão, as minhas lágrimas  
Hão-de ter o gosto dos horizontes sonhados na adolescência,  
E eu serei o senhor da minha própria liberdade.  
Nada ficará no lugar que eu ocupei.  
O último adeus virá daquelas mãos abertas,  
Que hão-de abençoar um mundo renegado  
No silêncio de uma noite em que um navio  
Me levar para sempre.

Mas ali,

<sup>218</sup> Carlos BRANCO, “A poesia de Ruy Cinatti e o mistério da passagem”: *Situação actual do pensamento filosófico português e outros ensaios*, Ática, Lisboa 1960, 136 - 137. “Não é nos antigos mitos orientais e helénicos que encontraremos imagem para concretizar o íntimo da sua mensagem poética, mas sim nos versículos do Êxodo referentes à Páscoa dos Judeus [...]. A passagem... o verbo passar volta constantemente nos versos de Cinatti. Claro que os mistérios da viagem e da aventura têm também importante papel neles, mas o que está no centro é, quer-me parecer, o mistério da passagem. O homem é um viajante que passa além, é um aventureiro que passa além.” — *op. cit.* 136.

<sup>219</sup> A essa “vocação” se referem passagens de dois textos deste período: “Tudo se apresentava com uma beleza inicial, ainda não estabilizada pelo tempo. Era como se eu surpreendesse a natureza na manhã do acordar do mundo. [...] *Qui veut faire l’ange fait la bête*. Se conseguíssemos atingir aquela perfeição! Ser somente um homem! Parecia ser mais fácil atingir-se a natureza de um anjo ou de um animal. Ser-se homem apenas, com um corpo que reflectisse o brilho interior do espírito, com um espírito suficientemente corajoso para vencer a solidão, se a mensagem que em si trouxesse repelisse a presença de outros espíritos. Era de facto, sobre-humano vencer toda a herança do mundo, quebrar com a tradição, imposta e nunca amada, e nascer aos vinte anos como se então víssemos o mundo, pela primeira vez.” — “Alegria do descobrimento” (1941), 347.348 - 349. “Eu bem o sinto em todos que se cruzam em mim neste momento: marinheiros de todos os mares, poetas e pescadores, loucos e naufragos. Todos eles clamam em uníssono a verdade terrível: morre e ultrapassa-te, integra-te e prossegue!... Pois não há outro caminho para quem procura conjugar as vias do exterior e do interior numa única direcção do ser.” — Ângulo do Desterro (1943), 34.

Hei-de habitar no coração de certos que me amaram.  
 Ali hei-de ser eu como eles próprios me sonharam.  
 Irremediavelmente...  
 Para sempre. <sup>220</sup>

Cinatti diz-nos que foi na Mãe que viu a Luz <sup>221</sup>. Pressentiu nela a esperança de acolher o Outro. É para encontrar o Outro, se unir a Ele e então voltar, ou permitir que Ele volte na obra realizada, que parte na sua aventura poética <sup>222</sup>.

[...]  
 Mãe!  
 Era o Outro que esperavas, acredita.  
 Era o Outro... Eu parto. A noite escura  
 Acena. Eu parto. A despedida,  
 Agora que as chamas crepitam nos meus olhos,  
 Caminhos abrirá com um grito de vitória.  
 Um dia voltaremos  
 Um dia Ele há-de vir.  
 As lágrimas que então forem colhidas  
 Serão minhas:  
 Minhas a dor e o amor que em mim se esconde.  
 [...] <sup>223</sup>

*“O corpo é o templo onde o Pai desce às almas”*

Foi pela viagem física que o sonho “tornou-se a minha vida” <sup>224</sup>, como foi na caminhada pela Serra da Estrela que pretendia, em Março de 1939, vencer os limites da sua subjectividade e “uma vez mais tentar aproximar-me da realidade, viver fisicamente a minha imaginação” <sup>225</sup>. Será na entrega à criação artística que irão descobrir-se

<sup>220</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 62. Note-se como os versos finais podiam ser colocados pelo poeta na boca de Celeste Cinatti, sua mãe.

<sup>221</sup> Confessa a alegria “de em ti ter visto a Luz — ó minha Mãe!” — *Ibid.*, 63.

<sup>222</sup> Este sentido de partir, de lançar-se para diante para se reencontrar, transformado, numa relação com Outro, encontramos-lo em S. Paulo: “Desejo partir para estar com Cristo [...]” (Fil 1, 23); “Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo em direcção à meta, para obter o prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fil 3, 14).

<sup>223</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 6263.

<sup>224</sup> “Partir!... Partir!...” (1938), 3 .

<sup>225</sup> Março, *Diário de 1939*. Ver a citação na p. 116.

os “novos horizontes” que “o espírito está interrogando [...] nos frades e no povo e em mim que me despeço” <sup>226</sup>. Sem essa despedida, o indivíduo — frade, poeta ou povo —, resguardado na segurança da sua intimidade, permanecerá, como afirma do ilhéu em “Ângulo do Desterro” (1943), “tão liberto do mundo quanto vítima dele pelos contactos que não provocou, engolidor de silêncios que mantêm na terra um corpo nostálgico do universo onde vagabundeia o seu espírito” <sup>227</sup>.

A aventura é perigosa. A consciência incarnada encontra-se na confluência de duas dimensões em tensão permanente — como pressente, fisicamente, no ilhéu distendido entre verticalidade e a atracção do horizonte:

Ai do ilhéu que procura, levantado por obscuras forças, conciliar as vozes claras do dia com os segredos luminosos da noite, a expansão em superfície com o desenvolvimento em verticalidade, a *ideia* com a inclinação obscura — mensagem do ser... Se o não consegue, ficará para todo o sempre um desterrado, um visionário das antemanhãs, preso às imagens cujos aspectos soube compreender com tanta exactidão, e logo desvastado por ciclones de ventania agreste e morna, suores letárgicos e ideias embrumadas, mistério e garras de angústia, dilacerando o que já não é carne nem espírito, mas lava e incêndio, febre e pismo... <sup>228</sup>

A Fé, a Esperança e a Caridade geram no crente um conhecimento de Deus análogo a este conhecimento poético em busca de expressão <sup>229</sup>. Orientam a alma humana para a incompreensibilidade divina, no horizonte mesmo da existência, e tornam assim presente a Divindade como mistério para que tendem <sup>230</sup>. Mas, tal como a

<sup>226</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 98.

<sup>227</sup> “Ângulo do Desterro” (1943), 34.

<sup>228</sup> *Ibid.*, 34.

<sup>229</sup> Os “frutos”, mais que as intenções, os sentimentos ou mesmo a precisão dos conceitos doutrinários, surgem no Novo Testamento e na tradição espiritual cristã como critério do maior valor para apreciar a vida, ou discernir o espírito, que anima o crente (cfr. Mt 7, 1620; 13, 39; Gál 5, 1823).

<sup>230</sup> “Mas o mistério é a única paz de quem a ele se confia, de quem o ama humildemente e a ele se entrega sem medo no conhecimento e no amor. O mistério é a luz eterna e a eterna paz. Os Padres Gregos não subestimaram a glória e a luz da visão beatífica, nem aderiram ao Platonismo (um intelectualismo que só conseguia pensar o incompreensível como algo de provisório) ao exaltarem como bem-aventurança o mistério eterno. De acordo com o Areopagita, quando atingimos os estádios mais elevados da vida e do conhecimento, entramos na escuridão em que está Deus; segundo Máximo o Confessor, não saber é o saber supra-racional; S. Gregório de Nissa afirma que ao entrar no santo dos santos é-se envolvido pela escuridão divina. Entender a pessoa humana e a sua felicidade deste modo é, pois,

Maria e aos pastores a Promessa que há muito os animava se manifestou na Criança nascida de noite numa gruta em Belém <sup>231</sup>, assim o conhecimento informe que o crente tem de Deus — por enquanto, só “segredos luminosos da noite, [...] inclinação obscura — mensagem do ser... —”, ganhará foros de consciência explícita no seu agir, ou seja, quando incarnar e for apreciado nos frutos que este produz. Por isso, diz Cinatti numa alusão a S. Paulo, “o corpo é o templo onde o Pai desce às almas” <sup>232</sup>.

“E, anoitecendo, a vida recomeça...”

Nas linhas finais do tríptico, o Natal está próximo. “Surge aquela estrela” que anuncia a vinda do Senhor, o Verbo incarnado. Não é

---

verdadeiramente cristão: reconcilia a radical finitude da criatura com a sua presença absoluta e imediata diante de Deus, faz da incompreensibilidade de Deus a bem-aventurança humana e não um limite imposto à sua felicidade, e entende a pessoa humana como criada para o único mistério que permanece. É neste sentido que lemos em S. TOMÁS DE AQUINO (*de Pot.*, q. 7, a. 5): [...] ‘Como a mente humana não é proporcional à substância divina, aquilo que é a substância divina permanece para lá do alcance do nosso intelecto e é-nos portanto desconhecido. O conhecimento supremo que a pessoa humana pode atingir de Deus é saber que nada sabe de Deus (*quod sciat se Deum nescire*), na medida em que reconhece que aquilo que Deus é ultrapassa tudo quanto d’Ele possamos compreender.’ ” — Karl RAHNER, *The concept of mystery in Catholic theology: Theological Investigations*, IV, 5859 (trad. minha).

<sup>231</sup> Recorde-se a insistência de Cinatti que a “luz divina” é recebida com humildade pela “poesia moderna” na medida em que esta “é a vida com toda a sua estranheza, encanto, contradição” — “Carta ao P. João Cabral”, 1941, ver citação na p. 124. As três virtudes teológicas, ao orientarem a pessoa para o Outro ou para Deus como seu fim último geram por isso mesmo, e à partida, um conhecimento análogo ao conhecimento poético: misto de emoção, intencionalidade e intuição que se vai explicitando e consciencializando nas obras da Fé, da Esperança e da Caridade “efectivamente vividas” — cfr. CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et spes*, 42. A essa condição natural do conhecimento e da consciência há, porém, que acrescentar um *vazio* e uma *obscuridade* que resultam da alteridade radical d’Aquele para quem o crente se orienta: “as três virtudes teológicas, fê, esperança e caridade, [...] causam o mesmo vácuo e obscuridade cada uma em sua potência: a fê no entendimento, a esperança na memória, e a caridade na vontade. [...] quanta necessidade a alma tem, para trilhar segura neste caminho espiritual, de ir por esta noite escura arrimada a estas três virtudes, que a esvaziam de todas as coisas e nelas a obscurecem.” — S. JOÃO DA CRUZ, *Subida do Monte Carmelo*, II, V, 12 (trad. do Carmelo de S. José, Fátima)

<sup>232</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 98. Trata-se provavelmente duma alusão a S. Paulo: “Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Co 3, 16); “Não sabeis, porventura, que o vosso corpo [*soma*] é templo do Espírito Santo, que recebestes de Deus e habita em vós, e que vós não pertenceis a vós mesmos?” (I Co 6, 19).



a Luz divina, mas indica a presença paradoxal dessa Luz na noite escura do presépio <sup>233</sup>.

Como a estrela de Belém, as obras dos frades e do poeta assinalam a presença do Mistério, da vida que recomeça quando no mundo tudo parece anoitecer.

Cinatti esclarece esta relação entre a obra poética e a Luz divina noutro poema que é como que um resumo de quanto foi dito até aqui

Os olhos apartando me disseste  
Palavras? Não ouvi. Já plenas  
De imagens... Eram apenas  
O silêncio em que a noite se aprofunda.

Os céus imemoriais já tão distantes  
Como se um véu das estrelas me apartasse,  
De ti, forma de Luz, estranha forma;

Mas as mãos atravessam a memória,  
e cintilando as espadas vingadoras  
Rasgam a névoa. Eis a luz que à forma implora. <sup>234</sup>

O poeta sente que Alguém lhe falou. Mas as palavras “eram apenas / o silêncio em que a noite se aprofunda”. Agora é ele quem se dirige a essa “forma de Luz, estranha forma”. Luta por rasgar o “véu” que os separa, a “névoa” que o leva a sentir “os céus imemoriais já tão distantes” <sup>235</sup>. E eis que desponta uma certa luz, porque o combate revela desde já o anseio de quem luta por outra “forma de Luz” maior.

Voltando ao tríptico, aquilo que os frades e o poeta se preparam para revelar na sua obra, ao avizinhar-se o Natal, não é uma intuição intelectual sobre a divindade, passível de expressão nos conceitos da

---

<sup>233</sup> Na I Carta de S. Pedro, a imagem da luz que anuncia a Luz divina é associada à palavra dos profetas: “à qual fazeis bem em prestar atenção como a uma lâmpada que brilha num lugar escuro, até que venha o dia, e a estrela da manhã nasça nos vossos corações” (I Pe 1, 19).

<sup>234</sup> *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) : *Obra poética*, 89. Na versão de *Poesias Escolhidas* (1951) seguida em *Obra Poética* (1992), o segundo e terceiro verso são encurtados “Palavras? Não ouvi. / Eram apenas / [...]”, enquanto o último verso fica reduzido a “Rasgam a névoa por completo”. Mantenho a versão de *Anoitecendo a vida recomeça* (1942) por corresponder ao período em análise.

<sup>235</sup> No quadro desta leitura do poema, os últimos versos lembram a palavra de Jesus: “desde os dias de João Baptista até agora, o Reino dos Céus tem sido objecto de violência e os violentos apoderaram-se dele à força” (Mt 11, 12).

filosofia ou da teologia; nem o conhecimento próprio da contemplação, em que sujeito e realidade contemplada mantêm a sua distinção; mas um conhecimento de Deus em sentido bíblico: um conhecimento de comunhão íntima e vital que só brilha como consciência explícita numa relação actuada — como no quadro do Frei Angélico <sup>236</sup>. É essa relação que a obra poética gera e capta; e nela se reflecte, como num cristal, a Luz que implora. A poesia é, com efeito,

o *real absoluto* de todos nós (poesia no sentido claudeliano), como que uma integração do universo no poeta e logo jorros de luz para fora do poeta — quase a “musa que é a Graça”. Graça — dádiva de Deus no sentido mais católico possível. <sup>237</sup>

Mas porque afirma Cinatti, no final do tríptico, que a estrela surge “sobre os *corpos lívidos* que um grande sonho animou”?

Talvez porque entende que a sua palavra e a obra dos frades têm o sentido duma proclamação profética: que denunciam com a sua luz o avanço insidioso da Morte e o ruir dos projectos humanos. Foi o que lhe revelou um sonho numa noite dos anos '40:

Quando acordei, banhado em suor frio, é que reconsiderarei o pesadelo terrível de que fora presa. Lembro-me vagamente agora de que era um daqueles pesadelos de que se não pode acordar, em que se luta por acordar e se não pode, em que não há possibilidade de acordar senão depois de nos acontecer o que mais desejaríamos evitar.

E o céu estava lindo. Transparente e azul. Vinha não se sabe de onde uma aragem puríssima. E a tragédia aproximava-se do auge. Tudo ia mergulhar na escuridão, a serpente ondulava na escuridão, era a própria escuridão desenroscando-se como uma serpente.

Foi então que me precipitei como um louco, mas a multidão caía como morta ao meu contacto. Entretanto a serpente ia enlaçando-me as pernas, os braços e ainda eu procurava levantar os mortos; a serpente já quase me estrangulava e ainda eu, louco de todo, procurava levantar os homens que sonhavam, os homens que já estavam mortos para sempre, os homens que não podiam conceber que alguém lutasse a todo custo por acordar, por nos acordar a nós todos.

<sup>236</sup> Note-se que esta valorização das obras no processo de consciencialização da Fé é explicitada na liturgia do Natal. Veja-se como na oração-colecta da “Missa da Aurora” se estabelece a relação entre a Luz de Deus, seu reflexo na consciência do crente e sua manifestação nas obras deste: “Deus todo-poderoso, inundados pela nova luz do Vosso Verbo incarnado, fazei que resplandeça em nossas obras o que, pela fé, brilha em nossa mente.” — *Missal Romano*.

<sup>237</sup> Carta a Jorge de Sena, Abril de 1941. Recorde-se a afirmação de Jacques MARITAIN: “A poesia está para a arte como a graça para a vida moral. A poesia é o céu da razão operante [*raison ouvrière*].” — “Frontières de la poésie” (prefácio da trad. inglesa de 1943), *Oeuvres complètes*, V, Paris 1982, 815.

Mais ainda. É que na realidade não existia serpente. Se ela existisse ainda podíamos ter a sorte de lhe fugir ou de a matar. Se emprego a palavra é porque me dá por analogia um inimigo difícil de concretizar, porque não tem nome, nem forma, apenas se pressente pois nem sequer é pânico. Eis pois que todos nós lutamos com o invisível.

[*No verso da folha:*]

Não é a nossa fraqueza que nos mata <sup>238</sup>

Mas a luz “daquela estrela” de que fala o tríptico não traz só denúncia. Ela emana da obra dos profetas antigos, dos frades e do poeta e, banhando os destroços dos projectos humanos, até mesmo os dos seus autores, anuncia a presença de Deus—connosco, a chegada do Salvador. Estamos longe da aspiração prometeica que possuiu por vezes o poeta e o levou a sentir-se como Deus, ou dominando o próprio Deus e a sua Graça, e portador duma clarividência luciferina sobre a condição da humanidade. No quadro paradigmático da Encarnação do Verbo, que é o Natal, Cinatti não reconhece já à poesia a possibilidade de aceder de imediato à Verdade, a Deus ou sequer ao conhecimento da Salvação. Se na alma dos frades e do poeta era a Criança que estava como no ventre de sua Mãe, na obra criada e contemplada não brilha mais que a luz duma estrela, indicando o caminho.

Onde, então, o Salvador que se anuncia? Onde o advento de Deus em chamas que no primeiro quadro do tríptico descia sobre Igreja e, através desta, sobre uma humanidade dilacerada pela guerra?

Na época festiva do Natal, a tradição cristã aponta como resposta a estas interrogações em primeiro lugar a vigilância dos pastores e dos magos vagabundos do sonho como o poeta, atentos às mensagens do céu <sup>239</sup>, mas também o seu discernimento. Com efeito, não se prenderam à luz dessas mensagens, mas, norteados por ela, souberam reconduzir o olhar para o que havia de mais humano e discreto, para a humildade duma gruta em Belém. Aí, na noite dos sentidos, reconheceram por fim o brilho maior de uma outra forma de Luz, estranha forma.

<sup>238</sup> Folha solta. Provavelmente dos anos '40.

<sup>239</sup> “[...] / Noite de mistério, e ao longe, dormindo, / Debaixo das pontes, / Os vagabundos do sonho, / Atentos às mensagens do céu... / [...]” — *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 56.

Quem pretenda reconhecer e acolher o Deus que vem, deverá seguir esse exemplo e contemplar a arte do Frei Angélico, dos frades e do poeta não como o Verbo em si, mas como aquela estrela que assinala a Sua revelação numa fê e numa caridade efectivamente vividas. Ou seja, apreciá-la como quem, ancorado ao largo da ilha do Príncipe, ou nadando nas águas translúcidas da Berlenga em noites de ébrias fosforescências, escuta atentamente o marulhar da alma humana:

Silêncio, murmúrio das ondas, abrindo  
As praias de Deus.<sup>24</sup>

---

<sup>240</sup> *Ibid.* O murmúrio das ondas abrindo praias que os olhos não vêem é uma imagem reforçada, no mesmo poema, por outra que nos fala dos sons dum órgão que comunicam não só uma melodia mas indirectamente a presença de quem a vai tocando — *ibid.* O enquadramento da imagem é retirado de escritos do próprio poeta. Junto à ilha do Príncipe: “A mim vieram melodias infinitas / das ondas” — *ibid.*, 49. Nas Berlengas: “Há noites de ébrias fosforescências. Se nos atiramos à água e nadamos, o corpo fica luminoso e os movimentos fabricam desenhos deslumbrantes.” — “Berlengas - Ilhas Portuguesas” (1943), III. A perspectiva teológica que se intenta sublinhar, por parecer corresponder à intuição de Cinatti no conjunto do tríptico comentado, é enunciada pelo CONCÍLIO VATICANO II do seguinte modo: “[A Igreja] manifesta assim ao mundo que a verdadeira união social externa flui da união dos espíritos e dos corações, daquela fê e caridade em que indissolivelmente se funda, no Espírito Santo, a sua própria unidade. Porque a energia que a Igreja pode insuflar na sociedade actual consiste nessa fê e caridade efectivamente vividas e não em qualquer domínio externo, actuado com meios puramente humanos.” — *Gaudium et spes*, 42.

## Conclusão

Apesar da presente publicação abarcar só dois capítulos dum trabalho mais extenso, alguns pontos poderão ser desde já salientados.

É notável o vigor revelado pelo catolicismo português no meio universitária lisboeta do início da década de '40. Refeita da experiência traumática dos primeiros anos da República, a Igreja colhia os resultados duma década de investimento sério na formação do laicado; e Cinatti — “católico poeta” como ele mesmo se apelidava — e um grupo significativo dos seus amigos representavam os primeiros frutos desse trabalho. Foi no contacto com o ambiente da Acção Católica e das Conferências de São Vicente de Paulo que pela primeira vez Cinatti se viu estimulado a empreender uma meditação poética dos desafios da vida e do mundo à luz duma Fé criticamente alicerçada. A formação religiosa que então recebeu, longe de se reduzir a um qualquer pietismo sentimental, envolveu, pelo contrário, uma sólida preparação espiritual, teológica e social; e as referências nos seus escritos revelam como os espaços de Igreja que frequentava eram permeáveis às obras dos grandes pensadores católicos dentro e fora do país. Poderá mesmo dizer-se que as correntes de pensamento que atravessavam nessa altura o catolicismo europeu, e que viriam mais tarde a desembocar no *aggiornamento* do Concílio Vaticano II, encontravam já eco e um desenvolvimento próprio nesses sectores da Igreja Católica em Portugal.

Importante é também observar como a Fé Católica orientou a consciência de Cinatti numa apreciação responsável dos acontecimentos do seu tempo. Atravessava-se um período crítico na Europa. Ao choque da Revolução de Outubro seguira-se o abalo económico e social da Grande Depressão e logo, em crescendo, os confrontos ideológicos que conduziriam à Guerra Civil na vizinha Espanha e à conflagração quase apocalíptica da II Guerra Mundial. Parecia desenhar-se no horizonte a derrocada da milenária civilização ocidental, e Cinatti sentiu-se desafiado a intervir. Mestres que

admirava, como Maritain e Eliot, haviam lançado o alarme. Estava em gestação uma nova realidade cultural e ao cristão competia lutar para que fosse o diálogo a dá-la à luz, e para que viesse a caracterizar-se por um respeito pela pessoa acima de qualquer ideologia. Assim nasceram a sua colaboração nos *Cadernos de Poesia*, os seus primeiros livros publicados e sobretudo a revista *Aventura* que dirigiu.

Decorrido meio século, a visão de Cinatti surpreende ainda pela ousadia e actualidade. Com uma intuição de inspiração evangélica, e evocando a perspectiva ecuménica dum S. Justino — que pressupunha a existência de vestígios de Deus para lá das fronteiras do povo eleito e da Igreja —, o poeta coloca o dedo na ferida das sociedades contemporâneas ao eleger para questão fulcral da sua constituição a necessidade de se tornarem comunidades abertas e plurais, capazes de articular um sentido ético com a tolerância, e ambos com um desenvolvimento assente nos avanços das ciências e das técnicas. À pergunta de como visualizar uma sociedade plural assim, sem ser em termos da luta de classes sem tréguas da proposta marxista, ou em termos da concorrência desenfreada de certo liberalismo económico, Cinatti responde com uma aposta no poder construtivo do diálogo mesmo entre perspectivas aparentemente antagónicas. Tal é possível, na sua opinião, a partir do entendimento cristão e católico da realidade. Pois este, retomado na sua pureza original e não no facciosismo dos seus desvios históricos, convida a encarar como “objecto da nossa admiração todas as expressões de beleza, todas as formas do trabalho do homem, não por um premeditado desejo de proselitismo, mas, sim, por essas mesmas expressões e por Deus — motivo de toda a criação, origem de toda a justiça”<sup>1</sup>. O modo como, na prática, isso podia ser vivido, testemunhou-o Cinatti na sua poesia.

Os seus versos irão evoluir um dia no sentido de fixar momentos em que a sua vida quase se funde com as paisagens de Timor. Mais tarde — a partir de 1967 — tornar-se-ão um diálogo aberto com os outros e com Deus. Neste período inicial, porém, caracterizam-se ainda por um pendor marcadamente introspectivo. Não que tenha havido rupturas nessa evolução. Tratou-se sobretudo duma questão de acento. Na verdade, em cada etapa, como recorda Eduardo Lourenço, “o relacionamento [de Cinatti] com a transcendência é o fundamento de tudo o resto. No seu mundo, tudo gira em volta da interpelação de que ele é objecto, enquanto criatura”<sup>2</sup>. Mesmo

---

<sup>1</sup> “Editorial – Ordem e Aventura” (1942) 3.

<sup>2</sup> “Colóquio no CRC – Dizer Deus, hoje” : *Reflexão cristã*, n.º 74-75 (1992) 9.

na fase mais introspectiva, a aventura poética foi sempre encarada por ele como resposta a esse apelo e assumida como serviço. Viveu-a como obra de descobrimento e enfrentou as suas tempestades interiores com o sentido de desbravar o caminho para outros. Em seu entender, a vida do espírito humano espelhava a da sociedade em geral, e o desafio na construção do futuro era conhecer as “leis psicológicas que actualmente estão formando o mundo, que actualmente lhe estão caracterizando a existência”<sup>3</sup>. A sua proverbial inquietação, motivada por razões de ordem psicológica, foi assim acolhida e analisada para bem de todos. Do que nascera fragilidade, o engenho fez virtude.

A experiência poética de Cinatti, e a reflexão de Maritain que tanto nele influiu, convergem num ponto essencial: os versos que escreve não resultam duma ponderação prévia. A palavra e o conhecimento poéticos, tal como ele os vai vivendo, brotam duma região que antecede a consciência tematizada. Aí emergem na sua força primordial os grandes símbolos do psiquismo humano — a luz e as trevas, o dia e a noite, vida e morte, pai e mãe, partida e aventura. Levedados então pelas referências da Fé Cristã do poeta, revelam um poder acrescido e abrem caminho para lá de si mesmos ao “único poema escrito”<sup>4</sup> e aos “silêncios do Amor ao centro do mistério”<sup>5</sup>.

Nesta lenta transfiguração, o outro é o horizonte que o interpela. Num primeiro tempo é refúgio (a mãe), apoio (os amigos) ou resposta aos anseios de plenitude (Deus como Absoluto). Mas gradualmente transforma-se no lugar para onde que o chama o amor; no poder que o liberta da timidez afectiva, do isolamento da sua individualidade. Solidário com esse outro que o chama, o poeta acede a um olhar renovado sobre o mundo que inicialmente renegava. A atracção pela mãe é transposta para Maria “mãe de todos”, e descobre a tristeza profunda que nela inspira o estado da Humanidade dividida. A comunhão da amizade, quando assumida ao nível da Fé, dá-lhe a medida da Igreja. Percebe nela os Espírito de “Deus em chamas” que a envia ao mundo para o encaminhar. E a experiência salva-o também a ele, pois liberta-o daquela ânsia de Absoluto que, tomando o nome de Deus em vão, ameaça reduzi-l’O a uma inflação do “eu”. O Deus que encontra agora, que o toca e

---

<sup>3</sup> “Editorial - Ordem e Aventura” (1942) 2.

<sup>4</sup> *Nós não somos deste mundo* (1941) : *Obra poética*, 63.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 65.

envia, é um “Deus connosco”; um Deus que se revela nas circunstâncias da história; presença assinalada pelos gestos de atenção pessoal, de justiça e de amor; murmúrio de ondas no silêncio da noite.

PETER STILWELL